

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Faculdade de Educação**  
**Programa de Pós-Graduação em Educação**  
**Mestrado em Educação**



**Dissertação**

Os processos educativos no trabalho de coleta e separação de  
resíduos sólidos na cidade de Pelotas/RS

**SOLAINE GOTARDO**

Pelotas, 2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**Os processos educativos no trabalho de coleta e separação de resíduos sólidos  
na cidade de Pelotas/RS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas como pré-requisito para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Pelotas, 2011

**Solaine Gotardo**

**Os processos educativos no trabalho de coleta e separação de resíduos sólidos na cidade de Pelotas/RS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas como pré-requisito para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Orientador: Dr. Avelino da Rosa Oliveira

Pelotas, 2011

Catálogo na Publicação:  
Maria Fernanda Monte Borges  
Bibliotecária - CRB-10/1011

G683p Gotardo, Solaine

Os processos educativos no trabalho de coleta e seleção de resíduos sólidos na cidade de Pelotas / RS / Solaine Gotardo ; orientador : Avelino da Rosa Oliveira. – Pelotas, 2011.  
120 f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação.  
Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Pelotas.

1. Catador. 2. Separador. 3. Pedagogia. 4. Trabalho. 5. Cooperativa.  
I. Oliveira, Avelino da Rosa, orient. II. Título.

CDD 370.113  
370.193  
331.5

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Avelino da Rosa Oliveira (Orientador/ UFPel)

Prof. Dr. Luis Fernando Minasi (FURG)

Prof. Dr. Antônio Carlos Martins da Cruz (UFPel)

Prof. Dr. Álvaro Moreira Hypólito (UFPel)

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

<b>EES</b>	Empreendimentos Econômicos Solidários
<b>FRAGET</b>	Farroupilha, Real, Aurora, Guabiroba, Elza e Treptow
<b>INTECOOP</b>	Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares
<b>ITCPs</b>	Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares
<b>MNCR</b>	Movimento Nacional de Catadores e Recicladores
<b>NESIC</b>	Núcleo de Economia Solidária e Incubação de Cooperativas
<b>PNRS</b>	Política Nacional de Resíduos Sólidos
<b>UCPel</b>	Universidade Católica de Pelotas

*"O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém nos extraviamos. A cobiça envenenou a alma dos homens... levantou no mundo as muralhas do ódio e tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e morticínios. Criamos a época da velocidade, mas nos sentimos enclausurados dentro dela. A máquina, que produz abundância, tem-nos deixado em penúria. Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco."*

*Charlie Chaplin  
(O Último Discurso)*

*Com amor,*

*à minha família, em especial aos meus pais, Rosa e Félix que  
dedicaram suas vidas tentando construir as oportunidades  
para que fôssemos sempre melhores...*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de mais nada, aos trabalhadores, em especial àqueles que fazem parte deste trabalho, cuja dura e rica realidade tenta ser representada de alguma maneira aqui. É em benefício deles que acredito que toda produção acadêmica deveria ser direcionada, pois são os legítimos herdeiros e merecedores desse conhecimento acumulado. No entanto, a realidade não é bem essa.

Assim, seguimos a “rota” dos agradecimentos crendo na tese, que há mais de um século foi trazida à política e à filosofia por um pensador alemão onde ele indica que os homens se constituem enquanto resultado dos seus processos históricos e, a partir desse entendimento, seria injusto que os agradecimentos de um trabalho acadêmico se resumissem ao período e às contingências de realização do mesmo.

Por isso, tenho uma viva lembrança e grandes marcas dos meus amigos e eternos irmãos da Casa do Estudante da UFPel (do final dos anos 90). Agradeço muito carinhosamente à Deise, Lisandra, Giovani, Neilo e Rogério. Na ausência deles, aqueles (mais) *difícilto*, mas felizes momentos, não guardariam a mesma ternura e alegria ao serem lembrados.

Do mesmo período, agradeço à minha primeira grande escola política, cuja intensidade de seu aprendizado se deu pela luta de resistência em relação ao plano de privatização da Universidade Brasileira, em especial na UFPel, através do processo implementado pela então reitora, prof. Ingelore de Souza sob o comando do Ministro da Educação e Cultura Paulo Renato de Souza e do Presidente Fernando Henrique Cardoso.

Esse contexto me levou ao convívio de muitos outros militantes estudantis que vivenciaram um processo que certamente deu contornos profundos, quase que à *fórceps*, as suas concepções políticas. Por esse privilégio, meu enorme agradecimento ao DCE e M.E. da UFPel do período de 1997 a 2002.

Ainda de lá, carrego muitos aprendizados obtidos através do Núcleo de Juventude dos Partidos dos Trabalhadores e da corrente Brasil Socialista, aos quais também devo muito respeito e admiração.

Agradeço, com especial apreço, à minha segunda e atual escola política – o Instituto de Estudos Políticos Mário Alves – que ensina cotidianamente que construir a transformação política requer, necessariamente, a indissociabilidade entre os conhecimentos históricos e da luta social concreta.

Obrigada à minha terceira e também atual escola – o Núcleo de Economia Solidária e Incubação de Cooperativas. Através dele, conheci muitos espaços e pessoas que buscam a ressignificação do seu trabalho através de formas não (ou menos) capitalistas de organização. Aprendi que, solidariedade é muito mais que um conceito, aliás, é um duro exercício.

Foram nesses espaços que conheci e passei a conviver com pessoas (que mesmo correndo o risco do acometimento de injustiça) merecem ser lembradas aqui. Por isso, agradeço de coração aos meus grandes amigos e companheiros de muitas lutas: à Silvia, Lia, Láine, Carim, Veruscia, Mariana, Cristine, Carlinhos, Tiago, Reinaldo, Didi, Vanessa, Róger, Marciana, Marília, Alessandra, Guinter, Raulzito, Aleksander, Gisele, Monica, Bernardo, Betânia, Bina, Renata, Dudu, Thea, Luzia e Marcos. Esses últimos, distantes geograficamente, mas muito queridos pela memória de excelentes vivências.

Aos irmãos que o mundo me trouxe: com muito amor, pelos tantos momentos de angústias, alegrias, conselhos, confidências, festas, sorrisos, trocas de ideias e tudo mais que não pode ser descrito nem quantificado aqui, mas que, se resume apenas aos termos mais estritos de uma profunda amizade e verdadeira parceria: à Jana, Ju, Cassi, Lauro e Mário. A vida com vocês é tão mais simples e melhor.

À Silvana Tillmann, pela amizade, ajuda na correção e comentários do texto.

Por muito de tudo isso, meu agradecimento ao meu “ombro forte” – minha família. Deles guardo muitas alegrias e saudades da convivência. Não há muito como definir nem muito que dizer. A eles, todo o meu amor e reconhecimento. Com muito afeto, obrigado à minha mãe e ao meu pai - aos meus irmãos; Nanico, Ide, Maiga, Dede e lógico, àqueles que tanto amo e que deles descendem.

Por fim, entre todos estes, declaro toda minha gratidão e amor ao Renato, a quem devo tantas experiências e aprendizados. Agradeço o amor, a paciência e a persistência comigo.

Agradeço também à Bolinha por toda parceria. Mesmo sem saber muito o quê fazer, ela sempre esteve por perto.

Agradeço à UFPel, por toda trajetória acadêmica aqui proporcionada, em especial, ao PPGE/UFPel, através do seu coordenador prof. Álvaro Hypólito, pela boa vontade e atenção sempre demonstradas.

Aos meus orientadores, prof. Fernando Kieling e Avelino Oliveira, meus sinceros agradecimentos pelas tantas discussões e por terem ajudado que esse trabalho chegasse ao fim.

Ao professor Antônio Cruz, pelas experiências, conversas e aulas que muito importantes foram e são. Também ao prof. Luis Fernando Minasi pelas sugestões da banca de qualificação e pelo debate no Grupo *Pão, Manteiga e Marx – Café de Sábado*, dos quais também fazem parte os amigos e colegas Percila e Max, a quem sou grata pelas contribuições todas.

Finalmente, se há um alongamento entre esses agradecimentos é porque todos são merecedores de constarem aqui. Todas essas pessoas me são muito caras, pois dedicam os seus dias, assim como tantos outros lutadores do mundo o fizeram, buscando o que Olga Benário já resumiu como aquilo que dá o verdadeiro sentido às nossas ações:

***“A luta pelo bom, pelo justo e pelo melhor do mundo.”***

## RESUMO

### **Os processos educativos no trabalho da coleta e separação de resíduos sólidos na cidade de Pelotas/RS**

A presente dissertação aborda os processos educativos que permeiam o trabalho da coleta seletiva de resíduos sólidos, tendo como referência, a dinâmica da produção associada e individual. Inicialmente, apresentamos o delineamento da pesquisa indicando a origem da proposta, seu percurso metodológico e os apontamentos obtidos através do campo cooperado do presente estudo. A seguir, são discutidas, a partir do enfoque teórico, as dimensões do trabalho na coleta e separação de resíduos relacionando-as aos aspectos do campo da rua da pesquisa. No terceiro momento, faz-se a aproximação do referencial teórico e dos apontamentos já existentes entre o ambiente cooperado e o de rua, com ênfase na perspectiva da formação de uma *pedagogia do trabalho*. Ao final, fazemos alguns apontamentos enquanto resultados da pesquisa onde podemos concluir que:

Enquanto processo de aprendizagem, o trabalho de coleta de rua, restringe-se a uma reprodução mecânica do trabalho enquanto meio de sobrevivência, sem a percepção pedagógica implícita. O impacto na realização da sua atividade está na medida em que não reconhece sua aprendizagem e situa-se isoladamente em relação aos demais trabalhadores; entendidos como concorrentes e não como parceiros; e essa condição de atomização confere uma relação de tutela sob o seu comprador que é com quem os catadores de rua estabelecem sua fonte de informação e preparação para o trabalho. Por sua vez, os processos pedagógicos nos Empreendimentos Econômicos Solidários são vivenciados mais intensamente sob os aspectos da organização, gerenciamento e relacionamento entre os trabalhadores e o impacto produzido no trabalho, segundo a forma associada, está no desempenho de uma atividade autogerida sob uma condição menos penosa para realização do trabalho.

#### **Palavras chave:**

**Catador, separador, pedagogia do trabalho, cooperativa, rua.**

## **ABSTRACT**

### **The educational processes concerned to the work of collection and recycling waste materials in the city of Pelotas/RS**

This paper broaches the educational processes concerned to the work of solid waste selective collection using as reference the dynamic of production, both associated and single. First we present the research outlines pointing the origins of the proposal, its methodological course and the data obtained through the cooperative field analysis. Subsequently we part from the theoretical referential to discuss the work dimensions in collecting and separating solid waste, relating them to the aspects of the research street field. In the third part we aim to approach the theoretical framework and the previous information between the collectors work in cooperatives and in the streets, emphasizing the perspective of the formation of a Labour Pedagogy. Finally we present some results of the research which allow us to conclude that as a learning process, the work of collecting on the streets is restricted to a mechanical reproduction of work as a way of living, without an implicit pedagogical perception. The impact on the achievement of this activity is in the fact that the workers don't recognize their learning process and remain isolated from the other workers, who are understood as contestants and not as partners. This atomization grants a guardianship relation under their buyers, who are the people which guarantee for the informal collectors in the streets a source of information and preparation for work. In their turn the pedagogical processes in solidarity enterprises are more intensely experienced under the aspects of organization, management and relationship among the workers and the impact produced at work, according to the associated form, is in the fulfilment of a self-managed activity under a less painful condition to the labour fulfillment.

**Keywords:** Collector – Pickers, Labour Pedagogy – cooperative - streets

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>1. A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO COM A COLETA E SEPARAÇÃO DE RESÍDUOS SÓLIDOS: A ABORDAGEM E O PERCURSO DA PESQUISA</b> .....	18
1.1 A origem da pesquisa.....	18
1.2 A perspectiva e orientação do trabalho de incubação .....	19
1.3 Abordagem teórico-metodológica: O caminho percorrido para coleta de dados e as implicações de campo.....	23
<b>2 AS DIMENSÕES DO TRABALHO COM A COLETA E O CAMPO DE RUA DA PESQUISA</b> .....	30
2.1 Os primeiros cruzamentos: Apontamentos resultantes da proposta metodológica empregada nos campos cooperado e individual.....	30
2.2 O campo “cooperado” da pesquisa .....	33
2.3 A coleta de resíduos sólidos e apontamentos derivados .....	41
2.4 Aspectos gerais.....	49
2.5 Aspectos específicos do trabalho de rua .....	65
<b>3 TRABALHO E EDUCAÇÃO: OS ASPECTOS DOS TENSIONAMENTOS EXISTENTES..</b>	72
3.1 Considerações sobre a organização do trabalho na sociedade contemporânea .....	72
3.2 Perspectivas Pedagógicas no trabalho .....	77
3.3 A formação de uma <i>pedagogia do trabalho</i> .....	91
3.4 As relações possíveis nos campos da Educação, Trabalho e Economia Solidária ...	102
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	108
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	114
<b>ANEXOS</b> .....	118

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda os processos educativos que permeiam o trabalho da coleta seletiva de resíduos sólidos, tendo como referência a dinâmica da produção associada e dos trabalhadores que atuam individualmente. A partir desta perspectiva, entendemos que o trabalho com a coleta e a separação de resíduos sólidos é uma atividade produtiva crescente no sistema capitalista e no modo de organização do trabalho, e dessa forma, passa a ter um funcionamento e um desenvolvimento cada vez mais complexo.

Nesse sentido, buscaremos averiguar a seguinte questão: Como esses trabalhadores realizam o seu processo de aprendizagem em relação ao cotidiano do seu trabalho e que transformações ocorrem na aprendizagem na medida em que a complexidade do trabalho na coleta, e na separação de resíduos sólidos, desempenhada, tanto em sua versão associada ou individual, resulta no trabalho como princípio educativo na vida dos trabalhadores?

A relevância desse estudo nos parece estar fortemente associada à necessidade de pensarmos as dificuldades educativas dentro de uma determinada realidade social de trabalho, a partir de um nicho de mercado em ascensão, mas que, encontra uma infinidade de dificuldades em relação à constituição de políticas sociais, que venham a dar conta das demandas do trabalho com a coleta do lixo nas cidades. Assim como, também, da organização e estruturação da atividade desses trabalhadores, que têm ocupado cada vez mais as ruas, tanto em uma condição de coleta individual, como na forma de organização coletiva.

Atualmente, na coleta seletiva, poucos grupos, até onde foi possível conhecer, trabalham de forma associada, quando comparados ao universo mais amplo do ramo. Em grande parte, a coleta é realizada individualmente e com reduzidas perspectivas de articulação, enquanto movimento social ou coletivo, tornando seu processo de trabalho mais vulnerável e difícil de ser pautado pelas instâncias públicas ou privadas como relevantes, principalmente, por conta da fragmentação e do distanciamento entre os atores sociais que vivenciam esse

mesmo processo. A região sul do Estado, especialmente a cidade de Pelotas, viveu, nas últimas décadas, um processo intenso de desindustrialização. Esse fator produziu uma retração dos postos de trabalho, intensificando a concentração de renda e aumentando, significativamente, o empobrecimento de grande parte da população. As consequências podem ser verificadas através do número de pessoas que coletam pelas ruas da cidade aquilo que, teoricamente, é considerado como algo inutilizável, não mais importante para as pessoas.

Sobreviver da coleta do que é considerado lixo é uma tarefa que vincula-se não apenas ao trabalho desenvolvido pelos catadores de materiais recicláveis, mas, inclui também, uma gama de indivíduos que, em muitas situações, estão rebaixados à escala de “animais” que vasculham lixeiras à procura do que foi domesticamente descartado e que pode representar a sua sobrevivência e a de sua família.

Em Magera (2005), essa questão também é relevada da seguinte maneira:

Não é à toa que Singer fala em resgate da humanidade. Os catadores sofrem muito com a rejeição social, visto estar freqüentemente em contato com o lixo, sua matéria-prima principal, encontrada nos lixões, lixeiras, nas ruas nos guetos, onde negociam e são os locais em que muitos moram. (p 132)

Esse elemento esteve evidenciado na nossa pesquisa, pois, diante da pergunta relacionada à forma de como os catadores entendiam serem vistos pela sociedade, por várias vezes, a resposta era de que quando eles buscavam seus materiais nas lixeiras e calçadas, as pessoas demonstravam medo e outros se deslocavam para dentro de suas residências. Outros exemplificavam dizendo que eram agredidos verbalmente para que não abrissem as lixeiras e pegassem os resíduos ali existentes.

Sobre isso, há que se reconhecer, e os próprios catadores nas suas considerações levaram em conta esse fator, que muitos agentes da catação abrem e vasculham de modo indiscriminado as lixeiras, produzindo o acúmulo de sujeira pelo chão e abandonam o local deixando os resíduos ali mesmo esparramados.

Eles acreditam que a conduta de alguns catadores cria um pré-conceito em relação ao trabalho dos demais, por isso, muitos deles, durante o tempo que realizam a coleta, deram-se conta que é preciso estabelecer, quando possível, um vínculo de amizade e identificação com os moradores.

Isso leva além da facilitação do acesso às lixeiras, a uma melhora na separação domiciliar do material, já que os moradores percebem que através da sua ação de separação doméstica, contribuem de alguma maneira, para a rotina de coleta destes trabalhadores.

Isso nos leva a crer que há um conjunto de questões sobrepostas no tema no que tange à compreensão da origem com o trabalho da coleta e reciclagem e também sobre a forma que atualmente ela ocorre.

Assim, entendemos que os estudos que apontam para aos processos educativos em formação nesse setor produtivo são necessários, fundamentalmente a partir dos marcos da sociedade de classes, que é por essência desigual e injusta na medida em que produz cotidianamente milhares de desempregados e marginalizados, que perdem não apenas seu espaço de trabalho, mas, também, a dignidade e o acesso às condições mínimas de sobrevivência.

Portanto, os estudos que remetem às formas e aos mecanismos de aprendizagem no trabalho, tornam-se relevantes em virtude da existência de um contingente elevado de trabalhadores com reduzido grau de escolarização que demanda, em nome da sua sobrevivência, o desenvolvimento de uma série de conhecimentos para a realização da atividade produtiva que, em geral, são resultados de suas práticas cotidianas.

Para responder tais questões, este texto está estruturado em três capítulos, que são:

No primeiro momento, apresentaremos as origens e as motivações que nos colocaram essas questões de pesquisa. Para isso, será apresentado o trabalho desenvolvido pelo Núcleo de Economia Solidária e Incubação de Cooperativas da Universidade Católica de Pelotas NESIC/UCPel, bem como a metodologia utilizada no processo de incubação junto a empreendimentos de Economia Solidária.

Logo adiante, o referencial teórico metodológico empregado para construção do presente texto e, por fim, a apresentação do campo cooperado da pesquisa em que nos referimos a um breve histórico e organização do Grupo de Agentes Ambientais das Vilas Reunidas FRAGET.

No segundo capítulo, contextualizaremos o trabalho no ambiente da coleta e separação dos resíduos sólidos no que tange à sua estrutura e funcionamento, bem como referenciaremos os trabalhadores que compõem essa recente categoria social.

Seguindo essa caracterização, discutiremos os aspectos da realização da coleta na cidade de Pelotas, com ênfase na concepção e práticas pedagógicas presentes no ambiente de rua.

No terceiro e último capítulo, à luz dos conceitos marxistas e marxianos de educação e formas de organização do trabalho; discutiremos o conceito do trabalho como princípio educativo orientador da formação de uma *pedagogia do trabalho*; produzida no movimento de ruptura com as formas de trabalho alienado, porém, focado na busca e na constituição de um processo de auto-organização e de emancipação dos trabalhadores.

Finalmente, no último estágio deste texto, faremos algumas considerações em torno de como a educação se apresenta na estrutura e organização do trabalho com a coleta e seleção de resíduos sólidos na cidade de Pelotas/RS

# **1. A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO COM A COLETA E SEPARAÇÃO DE RESÍDUOS SÓLIDOS: A ABORDAGEM E O PERCURSO DA PESQUISA**

## **1.1 A origem da pesquisa**

A origem da proposta dessa pesquisa está profundamente marcada pela nossa vinculação com a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares/INTECOOP – Pelotas, e com o Núcleo de Economia Solidária e Incubação de Cooperativas – NESIC/UCPel, constituídos enquanto projeto de extensão da Universidade Católica de Pelotas para incubação de empreendimentos solidários.

Nessa perspectiva e a partir deste primeiro capítulo, faremos uma breve apresentação das origens e proposta do referido núcleo, bem como sua abordagem metodológica para a realização do trabalho de incubação. Essa questão, torna-se relevante na medida em que elas influenciam, sobre vários aspectos, o objeto e o percurso desenvolvido pelo nosso trabalho.

No prosseguimento deste, iniciaremos a discussão em torno do trabalho com a coleta e separação de resíduos, tratando, fundamentalmente, de tecer as primeiras considerações sobre a sua versão cooperada para, em um segundo estágio, discutir as questões atinentes ao ambiente individual da catação. Ainda aqui, serão feitas as referências e considerações relacionadas ao percurso metodológico da pesquisa proposta.

Assim, desde o ano de 2004, desenvolvemos um trabalho junto a alguns grupos da coleta e triagem de resíduos sólidos na cidade de Pelotas. De modo que, essa vivência, tem nos remetido a reflexões sobre o contexto das relações de produção capitalistas, pensadas não somente a partir da acepção tradicional do trabalho; cuja perspectiva assume contornos de exploração que separam não só os produtores dos meios de produção dos produtos por ele produzidos; mas também, pela concepção do desenvolvimento de uma atividade essencialmente educativa, em que os homens e os produtos encontram-se imbricados a partir do momento em que

os sujeitos participam ativamente da elaboração e da organização produtiva resultante do tempo e esforço dedicado à sua atividade laboral.

A coleta e separação de resíduos sólidos, ao contrário do que muitos acreditam, não é uma atividade recente. No entanto, assumiu uma proporção notadamente maior em função do aumento significativo de desempregados e famigerados gestados pelas desigualdades existentes no sistema capitalista.

Essa razão se constitui, portanto, como elemento fundamental para que muitos estudos sejam direcionados a esse assunto.

## **1.2 A perspectiva e orientação do trabalho de incubação**

A INTECOP/NESIC integra um projeto de trabalho de extensão universitária que visa articular a formação acadêmica com a organização e o apoio a iniciativas populares de geração de trabalho e renda. As primeiras Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares - ITCPs foram constituídas há mais de dez<sup>1</sup> anos e, atualmente, encontram-se representadas em praticamente todo território nacional. Suas equipes de trabalho são compostas, em sua maioria, por professores, técnicos e estudantes que realizam um trabalho de extensão e pesquisa, tendo como seu campo de atuação comunidades e/ou grupos que atuam nos mais variados ramos produtivos na perspectiva de desenvolvimento do cooperativismo solidário.

O trabalho de incubação não pode ser entendido a partir da visão de que os empreendimentos solidários, nos quais as equipes realizam seu trabalho, sejam simplesmente “campos de estágios”, onde os alunos aplicam determinados

---

<sup>1</sup> De acordo com as informações disponíveis no site [www.redeitcps.com.br](http://www.redeitcps.com.br) da Rede Universitária de Incubadoras Tecnológica de Cooperativas Populares – Rede de ITCPs, que representa uma articulação de mais de 40 incubadoras da qual o NESIC/UCPel faz parte, as experiências de incubação de EES tem origem no trabalho desenvolvido pela COOPE da Universidade Federal do Rio de Janeiro <http://www.itcp.coppe.ufrj.br> iniciado como um programa de extensão no ano de 1995 e “foi concebida como um centro de tecnologia que tornaria disponíveis os conhecimentos e os recursos acumulados na universidade pública para gerar, por meio do suporte à formação e desenvolvimento (incubação) de empreendimentos solidários autogestionários, alternativas de trabalho, renda e cidadania para indivíduos e grupos em situação de vulnerabilidade social e econômica. Ao longo dos últimos anos, uma série de outras instituições iniciaram um trabalho similar e hoje, podemos estimar a existência de aproximadamente 90 incubadoras de cooperativas em todo Brasil. Com o desenvolvimento das incubadoras, muitas metodologias de trabalho foram sendo estudadas e praticadas, de forma que não podemos falar em um único método de incubação e sim, uma infinidade de formas que abarcam questões específicas segundo as quais estão submetidos, os grupos, as universidade e por fim as equipes de incubação.

conhecimentos, obtidos em sua trajetória acadêmica. A proposta do trabalho de incubação de cooperativas pressupõe uma concepção social mais ampla, que nos remete à necessidade de uma unidade entre os chamados “saberes científicos” e os “saberes populares”.

Nas palavras de Freire (1980) esse processo poder se traduzido da seguinte maneira:

A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a resignificação dos significados” (p. 69)

As equipes de incubação que chegam até os grupos são compostas e atuam interdisciplinarmente, constituindo assim, uma preocupação metodológica no desenvolvimento de um trabalho que demanda uma articulação efetiva entre as áreas do conhecimento. Utilizam-se do diálogo como ferramenta de trabalho, e da totalidade do processo formativo a partir do cotidiano dos trabalhadores e das equipes de incubação.

Foi através desse processo que passamos a conhecer o trabalho de um conjunto de catadores e separadores<sup>2</sup> que realizam suas atividades dentro de galpões (de modo cooperativo), e de outros que fazem a coleta de rua de forma individual.

Assim, essa pesquisa está profundamente marcada pelo processo de incubação realizado através da incubadora que proporcionou a vivência direta no espaço de trabalho do empreendimento que caracteriza uma atividade que rompe na essência, com a concepção de educação bancária criticada por Paulo Freire.

O movimento pedagógico do qual nos referimos está enraizado no cotidiano do grupo e todo processo de desenvolvimento da atividade de trabalho é acompanhada e discutida de modo coletivo.

A equipe de incubação não está presente em todos os momentos ou em todas as discussões realizadas pelo grupo, mas nos momentos em que isso ocorre é

---

<sup>2</sup> Catadores e separadores referem-se a atividades específicas a partir do processo de trabalho com resíduos sólidos. Os catadores de rua podem realizar um processo primário de seleção, no entanto em geral realizam a coleta simples para posterior comercialização. A separação ou triagem, por sua vez, indica o refinamento no processo de seleção.

que vivenciamos e compartilhamos o processo de reflexão interdisciplinar e dialógico entre equipe e empreendimento.

Segundo Freire (1991), dialógico é o processo de diálogo que concebe a troca de saberes a partir de um diálogo, considerando fundamentalmente a condição de respeito entre os conhecimentos particulares que passam a ser trocados a fim de se produzir de um novo saber.

Nas palavras dele, temos:

Finalmente, não há o diálogo verdadeiro se não há nos seus sujeitos um pensar verdadeiro. Pensar crítico. Pensar que, não aceitando a dicotomia mundo-homens, reconhece entre eles uma inquebrável solidariedade.

Este pensar que percebe a realidade como processo, que capta em constante devenir e não como algo estático. Não se dicotomiza a si pela ação. “Banha-se” permanentemente de temporalidade cujos riscos não teme.

Opõe-se ao pensar ingênuo, que vê o “tempo histórico como um peso, como uma estratificação das aquisições e experiências do passado” de que resulta deve ser o presente algo normalizado em bem-comportado. (p. 82 e 83)

Na relação entre a equipe de incubação e empreendimento solidário, esse elemento está posto como condição necessária para a realização do processo de trabalho por, pelo menos, duas razões:

A primeira delas é que o sentido do trabalho das equipes acadêmicas junto aos grupos está associado à perspectiva de desenvolvimento de um processo de diálogo, elaboração e apropriação de conhecimentos que poderá, por um lado, ser sistematizado através da pesquisa científica, mas, por outro, aprimorado e aplicado no cotidiano da atividade; gerando a melhoria das formas de trabalho e a viabilidade econômica para os grupos; assim como também, na produção de outras alternativas de acesso aos grupos, já que um dos objetivos da incubação é auxiliar no estabelecimento de articulação em rede e ampliação das relações entre setor produtivo e a comunidade onde o mesmo está atuando.

Este exercício no grupo pode criar as condições para que o mesmo exteriorize-se em um processo de novos vínculos entre aqueles que constroem através do seu cotidiano de trabalho, alternativas em relação ao sistema capitalista, que estão subordinados a mesma lógica de estruturação econômica que prima pelo capital em relação ao trabalhador.

A segunda questão está colocada na medida em que o processo de incubação é finito no tempo, ou seja, em determinado momento a equipe de incubação iniciará o que ela chama de “desincubação do empreendimento”. Esse é o momento em que ocorrerá o afastamento gradual e o encerramento do acompanhamento sistêmico e permanente do que vinha sendo realizado.

Esse estágio não configura um rompimento nem tanto o afastamento definitivo entre a equipe e o grupo, mas a partir daí, o grupo deverá atuar de modo cada vez mais autônomo e independente em relação ao acompanhamento recebido até então.

Esse processo de autonomia segue em consonância com a compreensão de Freire esboçado no verbete “autonomia” do Dicionário Paulo Freire (2008) onde:

Autonomia é um processo de decisão e de humanização que vamos construindo historicamente a partir de várias, inúmeras decisões que vamos tomando ao longo de nossa existência. Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se construindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas.(p. 57)

Em razão disso, é fundamental que todo processo de incubação tenha sido realizado e encaminhado na perspectiva essencialmente dialógica, coletiva, participativa, interativa e democrática, pois, a partir daí, as questões, desde as mais simples até as mais complexas, terão que ser resolvidas e implementadas pelos cooperados sem a participação da universidade, enquanto grupo de apoio e de incubação.

Através dessas considerações, retomamos a afirmativa acima de que a incubação não pode assumir um caráter bancário, nem tanto assistencialista do processo. Insistimos nisso, pois na intenção de dar mais agilidade e respostas mais concretas ao trabalho, vivenciamos o conflito em relação a essa postura bancária de transferência de conhecimento aos grupos, contrariando a proposta de incubação colocada.

As próprias equipes precisam exercitar e compreender que o processo nem sempre tem o retorno, do ponto de vista das ações imediatas na velocidade que se deseja. Podemos analisar essa questão em dados concretos, como, por exemplo, na organização do espaço produtivo quando é preciso pensar a distribuição e o fluxo do material.

Por exemplo, em um processo bancário ou assistencial, a equipe de incubação poderia desenvolver um *layout* de funcionamento e repassar para que fosse aplicado no empreendimento. No entanto, na proposta de incubação, a construção de um desenho se torna mais complexa, na medida em que parte de uma discussão entre a equipe técnica responsável pelo desenvolvimento da proposta, e o grupo que mais adiante executará e trabalhará num novo formato organizativo.

Considerar essas questões passa a ser fundamental, pois, quando não existe participação, nem discussão com o grupo há resistência para realização das mudanças. Isso não se configura exatamente como um problema, pois tendemos a resistir de alguma maneira ao desconhecido, ou aquilo que produz mudanças em relação ao que dominamos, mas, em razão de ocorrer um processo pouco debatido ou compreendido por todos, ao longo do trabalho, tem-se o risco de ser desperdiçado ou mal implementado por conta do desconhecimento ou da inadequação da projeção, que poderá acontecer em virtude da falta de informação e de leitura da realidade daquele que está elaborando, pois, na prática, o trabalho será executado por outra pessoa.

As considerações que se referem ao trabalho de incubação, bem como a sua perspectiva metodológica, foram trazidas para esse texto na perspectiva de auxiliar o seu entendimento em relação à motivação para elaboração deste trabalho acadêmico da mesma maneira que justificar, em parte, as informações que serão explanadas no decorrer da dissertação.

### **1.3 Abordagem teórico-metodológica: O caminho percorrido para coleta de dados e as implicações de campo**

A partir desse momento, apresentaremos ao leitor os recursos e métodos utilizados no presente estudo no que se refere à busca e organização dos dados que orientaram nossa pesquisa.

A proposta metodológica passa pela perspectiva do conhecimento da história dos trabalhadores vinculados à coleta e à separação de resíduos sólidos, buscando explorar a forma e o entendimento que cada trabalhador possui sobre o seu

processo histórico de trabalho e como a educação formal e, fundamentalmente, a informal, esteve/está associada à sua atividade, verificando como é realizado seu processo de aprendizagem em relação ao trabalho desenvolvido.

Essa é uma pesquisa qualitativa de base etnográfica, pois através dela é possível conhecer de forma mais profunda o modo como esses trabalhadores gestam seu conhecimento e, a partir disso, como se relacionam com o mundo do trabalho, pois, como aponta Mattos (2001):

A etnografia como abordagem de investigação científica traz algumas contribuições para o campo das pesquisas qualitativas que se interessam pelo estudo das desigualdades e exclusões sociais: primeiro, por preocupar-se com uma análise holística ou dialética da cultura, isto é, a cultura não é vista como um mero reflexo de forças estruturais da sociedade, mas como um sistema de significados mediadores entre as estruturas sociais e a ação humana; segundo, por introduzir os atores sociais com uma participação ativa e dinâmica no processo modificador das estruturas sociais. (p. 01)

A formulação teórica da pesquisa etnográfica está, muito profundamente, associada aos estudos das áreas da educação, antropologia e sociologia, por conta da realização de estudos que visam estabelecer maior relação e interação entre o pesquisador e os sujeitos de pesquisa<sup>3</sup>.

Ela pressupõe a participação e o envolvimento do pesquisador de modo efetivo e direto, pois corresponde a uma orientação metodológica que demanda um processo intuitivo e dialético, em que os fatores como: o diálogo, a observação e o ambiente irão determinar o movimento da pesquisa, exigindo a participação integral, no sentido de identificar e aprofundar pontos relevantes da pesquisa que se apresentam durante a execução da mesma e que passam, desse modo, a fornecer os elementos que nos ajudarão a responder a questão orientadora do trabalho, assim como dos objetivos traçados inicialmente.

Conforme Haguete (2007):

A etnometodologia estuda e analisa as atividades cotidianas dos membros de uma comunidade ou organização, procurando descobrir a forma como

---

<sup>3</sup> Texto: A abordagem etnográfica na investigação científica. Disponível em: <[http://www.ines.gov.br/paginas/revista/A%20bordag%20\\_etnogr\\_para%20Monica.htm](http://www.ines.gov.br/paginas/revista/A%20bordag%20_etnogr_para%20Monica.htm)> Acesso em 20 de agosto de 2009.

elas tornam-se visíveis, racionais, reportáveis, ou seja, como elas consideram válidas, uma vez que a reflexividade sobre o fenômeno é uma característica singular da ação. Os estudos sobre o enfoque da etnologia, conseqüentemente são dirigidas para a tarefa de detectar como as atividades ordinárias dos indivíduos consistem de métodos para tornar analisáveis as ações práticas, as circunstâncias, o conhecimento baseado no senso comum sobre as estruturas sociais e o raciocínio sociológico prático, assim como entender suas propriedades formais vistas de “de dentro” dos ambientes como parte integrante do próprio ambiente. Em outras palavras a etnologia procura descobrir os “métodos” que as pessoas usam na sua vida diária em sociedade a fim de *construir* a realidade social; procura descobrir também a natureza da realidade que elas constroem. (p. 49-50)

Assim, do ponto de vista bibliográfico, o que temos encontrado sobre pesquisa etnográfica, indica que, para seu pleno desenvolvimento, ela requer uma duração mais extensa do que o tempo (acadêmico) disponível para estudos neste âmbito, pois orienta para o acompanhamento e a observação dos sujeitos na pesquisa de campo pelo período de um a dois anos. Nesse sentido, entendemos que não foram atendidos todos os requisitos exigidos por esse tipo de estudos, como, por exemplo, o tempo e o acompanhamento sistemático da realização da pesquisa. No entanto, cremos que, trata-se de uma pesquisa de base etnográfica, na medida em que outros itens característicos estarão incluídos, levando em conta o acompanhamento dos trabalhadores durante o seu cotidiano de trabalho num processo de observação e interação com eles e com as suas atividades.

Dessa forma, primeiro, foi realizada a pesquisa exploratória<sup>4</sup>, na perspectiva de compreender os fundamentos do universo de trabalho e de aprendizagem desses trabalhadores da coleta e separação de resíduos, a partir do contato que busca recolher os subsídios que deram base para o roteiro de questões, como os elementos que nos levam ao encontro dos mecanismos utilizados durante a execução da atividade laboral.

A etapa exploratória de abordagem foi proposta através de um roteiro guia ou *tópicos guia*<sup>5</sup>, onde elencamos um conjunto de questões relacionadas ao trabalho, que mais adiante servirão como referência aos pontos norteadores para um diálogo em profundidade, que discutirá os aspectos educativos presentes no processo de

---

<sup>4</sup> A necessidade da pesquisa exploratória reside, de acordo com Minayo (1992), no sentido de que “a questão da validade dessa amostragem está na sua capacidade de objetivar o objeto empiricamente, em todas as suas dimensões”. (p. 103)

<sup>5</sup> Em Bauer e Gaskell “O tópico guia é, contudo, como sugere o título, um guia, e não devemos nos tornar escravos dele, como se o sucesso da pesquisa dependesse só disso. O entrevistador deve usar sua imaginação social científica para perceber quando temas considerados importantes e que não poderiam estar presentes em um planejamento anterior, aparecerem na discussão” (2007,p. 67)

trabalho dos sujeitos, assim como a sua trajetória de trabalho. Essa trajetória será resgatada através das *histórias de vida*, que são entendidas em Minayo (1994) do seguinte modo: “Em relação à história de vida, como estratégia de compreensão da realidade, sua principal função é retratar as experiências vivenciadas, bem como as definições fornecidas por pessoas, grupos ou organizações” (p.58).

A partir da descrição de seu cotidiano de trabalho podem ser compreendidos os meios e as alternativas que esses trabalhadores dispõem para realização da coleta, tendo em vista, por exemplo, que muitos deles precisam imprimir certo nível de triagem do material para posterior venda (esse é um dos elementos que agrega valor na cadeia e alguns compradores impõem a condição de que o material, ao chegar no galpão, tenha passado por uma etapa primária de organização).

Esse processo requer conhecimentos específicos em função da nomenclatura e tipos de materiais que não são usuais e, conseqüentemente, pouco conhecidos de modo geral, mas que os catadores/separadores precisam buscar apreender mesmo em situação de baixo nível de escolarização e analfabetismo.

A dificuldade em relação ao amplo espectro de tipos de materiais que precisam receber classificação apareceu de modo significativo entre os trabalhadores do galpão.

Pelos relatos obtidos, assim que os trabalhadores ingressam no galpão, há um desconhecimento razoável do tipo de produto, a designação recebida, assim como também, em relação a todo o trabalho que precisa ser aplicado sobre ele. Em outras palavras, uma embalagem plástica, como por exemplo, a de água sanitária (também conhecida como “clorofina”) pode ser classificada em locais diferentes, pois ela se apresenta no mercado através de cores distintas (branca, verde, transparente), assim como também com espessuras diferenciadas de plásticos.

Utilizando ainda como exemplo a embalagem de clorofina, o separador precisa identificar anteriormente o tipo de material do qual ela é resultado e a partir daí, iniciar o processo de triagem do material que passa, para além da identificação da categoria, pela remoção de outros componentes como o rótulo e a tampa, para posterior prensagem e compactação que irá transformá-la em um fardo. O fardo por sua vez (prensa média), pesa por volta de 85 kg e é composto por aproximadamente 1500<sup>6</sup> garrafas PET (refrigerante).

---

<sup>6</sup> Dados fornecidos pelo Galpão FRAGET.

Sobre esse aspecto citamos como exemplo somente o PET, mas esses procedimentos são também comuns e usuais a outros tipos de produtos, como: o papel, papelão, alumínio, etc.

No ambiente de rua, esse elemento não foi identificado com maior ênfase, em razão de a grande maioria não realizar nenhum processo de separação dos produtos, pois a venda (com exceção de um dos catadores entrevistados) é realizada diariamente e, portanto, sem um processo de triagem mais profundo sobre o material.

Segundo os catadores (de rua), o fato de os mesmos não fazerem a seleção do tipo de material que será comercializado, gera uma facilidade em relação à coleta, já que tudo que for coletado é apenas separado quanto à sua origem, como, por exemplo, se é papel, papelão, PET, alumínio e outros. Assim, todo material é depositado na carroça, *bag* (saco) ou similar e, logo após, destinado à venda sem nenhum outro processo de organização (como o realizado com a embalagem de água sanitária descrito acima). Isso ocorre em grande parte por estes trabalhadores não possuírem espaço para armazenagem e/ou transporte adequado e realizarem a coleta em locais distante de sua residência.

A consequência disso para a comercialização é que, quanto mais primário for o processo de separação dos produtos, maior é a perda de valor sofrida por ele. A caracterização recebida pelo material nos galpões é de produto “misto”<sup>7</sup>, gerando um decréscimo de aproximadamente 50% sobre o valor. Esse dado é facilmente confirmado pelos catadores e esteve presente nas entrevistas realizadas pela pesquisa.

Neste contexto, entendemos que é necessário um processo que permita, ao máximo, o conhecimento de tal realidade e é nesse sentido que cremos que uma proposta metodológica baseada em diálogos abertos privilegia um espaço onde são relatadas as dificuldades e, também, as alternativas utilizadas para o cumprimento das tarefas cotidianas que são aprendidas em algum nível nos processos formais de ensino ou de modo alheio a ele, mas constituem expressão fundamental para a

---

<sup>7</sup> Segundo informações do Grupo FRAGET, produto “misto” é todo o tipo de material vendido sem separação. Por exemplo, o papel pode ser vendido como papel branco (ofício com pouca tinta, folha de caderno, etc) ou colorido (folhas de revistas, livros com figuras, etc). Nesse caso cada um dos tipos receberá um valor diferenciado. No entanto, se a venda for realizada sem a devida separação ele será classificado como papel misto tendo, portanto, uma significativa perda de valor.

realização do trabalho que requer que várias atividades sejam executadas durante o processo de coleta, separação e venda dos produtos.

A pesquisa foi dividida em duas etapas entendidas como situações complementares no presente estudo.

A primeira consiste na pesquisa teórica que compreendeu a pesquisa bibliográfica e documental na qual estão incluídos os estudos das categorias que servirão como referências do trabalho, e como a busca em bases informatizadas de dados que ajudem a caracterizar, principalmente, a realidade do trabalho na catação e separação de resíduos.

A outra é a etapa da pesquisa empírica onde buscamos os dados a partir da pesquisa exploratória, da observação de campo e das entrevistas<sup>8</sup> com catadores de rua e cooperados.

A proposta metodológica utilizada previu o trabalho a partir de um universo de seis (06) trabalhadores de rua e três (03) trabalhadores cooperados, procurando identificar os processos pedagógicos em cada uma das esferas do trabalho (individual e coletivo). Esse número foi estabelecido por estarmos tratando de uma pesquisa qualitativa que não está voltada à quantificação de incidência de determinado fator ou circunstância, e sim, com a sistemática e/ou relação dos processos pedagógicos voltados à questão do trabalho com resíduos sólidos.

Por isso, baseados no entendimento de Bauer e Gaskell: “a finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão” (2007 p. 69), contrariando o método positivista de compreensão da realidade que prima pela delimitação dos campos, buscando uma determinação absoluta entre sujeito e objeto na pesquisa, de modo que nenhuma síntese aceita poderia sugerir uma relação mais profunda e inter-relacionada entre pesquisador e pesquisado. Sob essa perspectiva, as respostas obtidas são processos e resultados objetivos e não dialéticos.

A pesquisa, neste caso, leva em conta um segundo aspecto (além do primeiro onde ocorre a coleta das informações a serem analisadas), relacionado à proposta

---

<sup>8</sup> A entrevista na pesquisa qualitativa pode ser definida, segundo HAGUETE (2007) como: “um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informação por parte do outro, o entrevistado. As informações são obtidas através de um roteiro de entrevista constando de uma lista ou tópicos previamente estabelecidos de acordo com uma problemática central e que deve ser seguida” (p.86)

teórica desenvolvida por Jorge Gonzáles (2007), que indica que determinadas tentativas de entendimento e superação do modelo capitalista passam pelo que ele denomina de “suspensão teórica”, como parte de um processo de imersão e suspensão de nossas práticas e universos, remetendo-as, essencialmente, a um processo reflexivo.

Essa perspectiva de análise nos parece ser fundamental, pois permite que a partir de nossas vivências e conceitos, ocorra, em determinados momentos, processos de abstração de uma realidade em específico. O conhecimento mais profundo das condições sociais produz por si só um processo de alienação, diante disso, a suspensão permite que nossas práticas sejam permeadas por momentos de observação e releitura.

Esse momento de “suspensão” propõe uma relação dialética entre a experiência obtida pelas nossas práticas e a reflexão que deverá se estabelecer a partir da introdução de novos elementos para uma compreensão mais ampla. Dessa forma, através de um diálogo reflexivo (que será originado externamente através do roteiro de entrevista) sobre a realidade dos trabalhadores, pode-se gerar um momento de “suspensão” e abstração em relação ao cotidiano deles, que de outra maneira, tenderia a seguir seu curso natural, de pouco questionamento e discussão sobre ele.

Assim, o debate estabelecido neste capítulo, busca, além da apresentação desta pesquisa, destacar alguns aspectos e distinções que permeiam os ambientes de trabalho com a coleta e separação e, através desses elementos, verificar como os processos pedagógicos estão colocados sob as condições concretas do trabalho e do entendimento destes trabalhadores.

A seguir, propomos uma análise das condições e do contexto onde estes trabalhadores encontram-se inseridos, debatendo os aspectos gerais da coleta e do trabalho de rua e no empreendimento solidário.

## **2 AS DIMENSÕES DO TRABALHO COM A COLETA E O CAMPO DE RUA DA PESQUISA**

### **2.1 Os primeiros cruzamentos: Apontamentos resultantes da proposta metodológica empregada nos campos cooperado e individual**

Na sequência da discussão em torno da realização do trabalho da coleta e separação de resíduos sólidos, podemos constatar que ela é uma complexa cadeia de agentes e mecanismos que criam uma multiplicidade de aspectos, que podem fundamentar estudos para várias áreas do conhecimento. Entretanto, a presente proposta busca a realização de um estudo do trabalho enquanto princípio educativo e, nas próximas linhas, utilizaremos como referência as experiências realizadas a partir do trabalho com grupos de recicladores e catadores da cidade de Pelotas, na perspectiva de entender como esse movimento pedagógico de aprendizagem ocorre no cotidiano de trabalho.

Na retomada da discussão em torno do processo de “suspensão” no movimento dialético da pesquisa, referido anteriormente, podemos verificar a presença desse elemento, principalmente enquanto as entrevistas foram sendo realizadas na rua.

Grande parte dos trabalhadores não integra nenhum espaço de formação ou debate em relação ao trabalho que executa. Podemos citar, por exemplo, a participação no Movimento Nacional de Catadores de Resíduos - MNCR, que se constitui como uma organização representativa dos catadores e recicladores, cujos trabalhadores não têm conhecimento e, nem tão pouco, participação mais efetiva nas discussões e atividades de quem busca a articulação política dos interesses destes trabalhadores.

Até onde nos consta, o MNCR não possui nenhuma atuação no município de Pelotas, possivelmente por conta da desmobilização e ausência de um envolvimento mais efetivo no sentido de “dar vida” à organização deste contingente por parte dos

próprios trabalhadores. Mesmo que nossa amostra não tenha como objetivo a generalização dos seus dados, nenhum dos trabalhadores entrevistados (na rua) possui qualquer vínculo político (associação, partidos, movimento, etc). A grande maioria, quando perguntada sobre isso, colocou-se em situação de espanto e, em algumas situações, tornava-se a partir daí mais receosa em relação à conversa, acreditando que fazíamos parte de alguma entidade ou organização (partido, prefeitura, etc) e que estivéssemos de alguma maneira querendo lhes usurpar “direitos” ou cooptar para algo que os mesmos não estivessem interessados.

A desconfiança em relação à busca por informações sobre a sua realidade de trabalho nos parece natural e plenamente aceitável, já que essa é uma atividade que, em sua grande maioria, é desenvolvida individualmente, precariamente e por fim, informalmente.

Na cidade de Pelotas isso assume um contorno mais crítico na medida em que, recentemente (por volta de 2008), a prefeitura foi obrigada a criar mecanismos de enquadramento legal para o estabelecimento de um plano local de coleta e destinação de resíduos a partir da criação da Política Nacional de Resíduos Sólidos – PNRS.<sup>9</sup>

Os catadores e os grupos de triagem, ao longo de sua trajetória de trabalho, não estabeleceram nenhum tipo de relação com a prefeitura, e boa parte deles, segue nessa mesma condição até o presente momento. Entretanto, para que a prefeitura pudesse se adequar às regras da PNRS, uma das ações foi a realização de convênios com cooperativas e/ou associações, cujos custos iniciais foram sendo subsidiados pela prefeitura municipal e os trabalhadores recebendo o equivalente a um salário mínimo (R\$510,00) pra realizar a separação dos resíduos entregues aos galpões através da coleta seletiva.

Pelo relato de uma cooperada, trabalhadora de um dos empreendimentos (que solicita a preservação de sua identidade)<sup>10</sup>, os galpões que foram selecionados em edital público lançado pela prefeitura municipal, cujas exigências evidenciavam que a forma de organização deveria resultar na auto-organização dos trabalhadores

---

<sup>9</sup> Disponível em; [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12305.htm). Acesso em 07.01.2011

<sup>10</sup> Essa informação foi obtida através de uma visita realizada ao NESIC da Universidade Católica de Pelotas pela trabalhadora de um dos galpões que pediu que seu nome não fosse divulgado, pois como o processo de organização do galpão está subordinado a esse “coordenador”/patrão, caso esse relato se tornasse público, certamente, essa trabalhadora seria “demitida” da “cooperativa”.

dos grupos (por isso a orientação é de que fossem cooperativas e associações e não empresas de outra natureza), atualmente possuem a figura de “coordenadores” responsáveis pela gestão dos galpão e prestação de contas dos recursos repassados pela prefeitura aos grupos. São “responsáveis” ainda pelo acompanhamento e assessoramento dos trabalhadores, já que, muitos deles não trabalhavam com coleta e triagem e muito pouco conhecem sobre o assunto.

No entanto, além do desempenho dessas funções, aquele que poderia ser apenas o coordenador de algumas tarefas, passa a orientar o seu comportamento enquanto o patrão legítimo do empreendimento.

Segundo esse mesmo relato, há casos em que o “coordenador” nem mesmo atua na cooperativa durante seu expediente normal de trabalho, passando grande parte do tempo fora do galpão, encaminhando, em nome dos trabalhadores, ações e representação que os próprios desconhecem.

Como o processo de implementação da PNRS foi realizado na cidade de maneira bastante rápida e com restrita participação pública, a menor parcela dos agentes que atuam no setor, os catadores de rua e as demais cooperativas e associações, seguem a margem dessa discussão e sem nenhuma capacidade de ingerência em relação ao debate quem vem ocorrendo. Logo, torna-se impossível pensar políticas mais estruturadas e permanentes para área, bem como os critérios que deverão ser adotados para as próximas ações.

A partir desse cenário, que evidencia vários problemas na organização do trabalho, é que podemos compreender as dificuldades a que estão submetidos os trabalhadores da catação e triagem que fazem (e não fazem) parte da referida atividade.

Como já explicitado, os estudos que podem auxiliar na criação de indicadores para a constituição de políticas e organização do trabalho da coleta e seleção, são ainda muito incipientes e cingidos aos órgãos públicos e instâncias governamentais, que precisam encontrar alternativas a curto prazo para essas questões, sob o ônus, entre outras coisas, da inacessibilidade a projetos e recebimento de recursos do governo federal como previsto na lei da PNRS.

Pelas entrevistas realizadas junto a esses trabalhadores, toda essa discussão está ainda muito distante da grande maioria que vive o cotidiano da coleta e a tem como fonte exclusiva ou complementar de renda. Portanto, no nosso

entendimento, a elaboração de programas e/ou políticas públicas que possam trazer soluções eficazes para a organização dos trabalhadores, bem como a destinação adequada dos resíduos, pode estar comprometida a partir do momento em que sua construção não está pautada pelo debate público e que precisam ser consideradas as várias dimensões, condições e interesses de todos os agentes envolvidos no processo.

## **2.2 O campo “cooperado” da pesquisa**

O conjunto dos trabalhadores entrevistados obedece a critérios que buscam diversificar o conjunto dos sujeitos da pesquisa, não para sua posterior generalização, mas sim, pela representação do universo que demanda que se tenha em vista, principalmente, questões como: idade, sexo, tempo de catação e condições de trabalho.

O *Grupo de Agentes Ambientais FRAGET* que realiza a separação de resíduos está situado nas vilas FRAGET (Farroupilha, Real, Aurora, Guabiroba, Elza e Treptow). Atualmente o coletivo trabalha de modo associado e é composto por dez trabalhadores (quatro mulheres e seis homens) e possui um histórico político bastante vinculado à Associação de Moradores das Vilas Reunidas FRAGET.

Assim, o referido grupo recebe o acompanhamento da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares, que é um projeto vinculado à Universidade Católica de Pelotas/UCPel e financiado pelo Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas – PRONINC do Governo Federal. A estrutura de trabalho existente no FRAGET é a de um galpão, construído sobre o terreno da Associação de Moradores (que como forma de apoio cedeu uma parte); um caminhão que realiza a coleta do material que depois é processado (separado) no galpão. Há também outros equipamentos como a picotadeira, a prensa e a balança, que se constituem como instrumentos básicos e que sem eles as condições mínimas de preparação do material não podem ser concluídas, principalmente em circunstâncias em que os resíduos precisam ser transportados para outras cidades, como é o caso desse grupo, que encaminha praticamente todo material separado para a região

metropolitana e serra gaúcha. Apenas o resíduo plástico (PET) é processado na cidade de Pelotas.

A organização do referido grupo é bem anterior à sua composição recente de associados, tendo muitos outros trabalhadores realizado essa atividade durante o histórico de organização do “Grupo de Agente Ambientais”, como é conhecido. Porém, alguns trabalhadores (por razões diversas) foram obrigados a abandonar esse coletivo de trabalho.

O grupo se manteve praticamente o mesmo e atuando em condições estáveis durante muito tempo, mas, em razão da crise que afetou o sistema econômico, a partir do segundo semestre do ano de 2008, algumas pessoas foram forçadas a procurar outra atividade que pudesse assegurar uma retirada mensal maior ou fixa. Nas conversas ou reuniões com o grupo, esses trabalhadores argumentavam sobre a dificuldade e a tristeza em estar se retirando, afirmando a disposição de, em melhores circunstâncias, retornar ao ambiente de trabalho da cooperativa, pois consideravam aquela “sua segunda casa”<sup>11</sup> e experienciaram no coletivo um estilo de trabalho, até então, desconhecido e que dificilmente (fora dali) voltariam a encontrar.

Desde o ano de 2005, quando o coletivo passou por um processo de reestruturação, muitas reuniões foram realizadas e, das anotações que temos, esse número poderia ser estimado, em média, de duas reuniões por mês.

Nosso recorte em relação a esse processo visa destacar as questões mais significativas. Entre elas, as preocupações que norteiam esse empreendimento, que busca sua autodeterminação pautada pelos princípios econômicos solidários, procurando pensar suas práticas como forma educativa de organização do seu trabalho.

Nas anotações (atas informais) do grupo, as atividades foram reiniciadas a partir de uma reunião com a associação de moradores no dia dezenove de julho de 2005 e a partir daí, sucederam-se uma série de momentos em que o grupo esteve

---

<sup>11</sup> Essa caracterização foi obtida a partir de entrevistas realizadas por monitores da área de Gestão Participativa do NESIC/INTECOOP durante o segundo semestre do ano passado, onde todos os integrantes do grupo foram ouvidos no sentido de serem mapeadas as demandas de organização do trabalho, bem como, o entendimento individual em relação à cooperativa. O objetivo das entrevistas era recolher informações e elementos que dessem base ao plano de incubação que é parte do trabalho realizado pela equipe da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares INTECOOP/Pelotas.

reunido, pensando em sua estrutura de trabalho, bem como avaliando o desempenho do coletivo.

No sentido de demonstrarmos essas situações, segue abaixo alguns fragmentos que buscam remontar o processo vivenciado no grupo desde a origem<sup>12</sup>:

A reunião de sexta-feira não foi feita. Motivo falta de membros do grupo.

Uma pequena reunião dia 20/08/05 pela manhã, com muita chuva e pouca gente. Carlos começou falando um pouco sobre o que viu e ouviu em P.A., os lugares que visitaram e o jeito e a maneira de trabalhar melhor. Ele disse que o plástico é separado conforme as tintas que ele traz e que o lixo orgânico também pode ser trabalhado aqui, é só ter mais espaço.

Fazer relatório de todo trabalho para levar no próximo curso em setembro, vão visitar, vão participar de um encontro "o dia do sol". Comentaram sobre cada um pagar seu INSS para quando a pessoa precisar ter seus direitos...

#### **09/09/05 Reunião com o grupo da Reciclagem.**

A Maria falou que tem uma reunião na Católica para ver o projeto da cooperativa. Avaliação: Lucio disse que o companheirismo é muito importante. Disse a Joana que está boa e a Maria que não tem como não dar certo. João disse que está tudo bem. Lucas tranquilo. Previsão para essa semana: a Brasil Telecom. Comentamos que a Casa Brasil, com endereço na Osório 1090 tem um curso de computação gratuito para pessoas sem recursos. Terça-feira, 13 de setembro, Carlos volta ao Banco do Brasil para negociar o dinheiro da condução. Não havendo mais nada encerrou-se a reunião.

#### **04/11/05 Reunião de avaliação do grupo da reciclagem às 8hs30.**

Inicialmente avaliando o serviço dissera que está bem, unanemente. Foi marcado mutirão para dia 05 sábado com almoço. Todos participaram menos a Tânia, início às 8hs. Carlos diz que tem que ir na prefeitura para ver o aterro, porque eles estão enrolando. Falar com a Roberta ou Leonardo SQA, para ver o que precisa para se adequar ao projeto do lixo. Carlos disse que tem que apresentar o grupo aos gerentes do banco para facilitar o acesso ao trabalho, se conseguirmos novos pontos melhor.

Não havendo mais nada encerrou-se a reunião.

#### **25/11/2005 Reunião de avaliação**

O grupo acha que está bem, falou-se para comprar uniformes, no momento vamos fazer 10 camisetas.

As regras; serão feitas cópias uma para cada um. As fichas sócio-econômicas também vão ser feitas. Tendo material, vai ser carregado quarta dia 30 de novembro. As camisetas vão ser feitas com a Veronica e a cor é verde.

#### **Reunião de Dezembro**

Não houve muita reunião, trabalhamos muito e tivemos alguns problemas com os membros do grupo. Lucas teve um acidente e ficou parado e assim recebeu 15 dias sem trabalhar. Na reunião antes do natal foi decidido dar um vale de 50,00 para cada componente do grupo, inclusive o Lucas. O grupo está composto por Carlos, Lucas, Fernando, Luis, Verônica, Rosa, e Lucia.

---

<sup>12</sup> Todos os trabalhadores citados nos fragmentos tiveram seus nomes alterados, com o propósito de preservar suas identidades.

**Dia 03/04/06 Reunião de avaliação do grupo.**

Inicialmente como sempre colocamos a disposição para cada membro do grupo falar o que quer. Disseram que está bem e a vaga do Marcos vai ser substituída por um primo do Fernando. É que o Lucas falha e não avisa, não dá satisfação. O novo membro ainda vai ser avaliado pelo grupo.

**Reunião dia 29/05/06**

Todos concordam que o serviço vai bem, só os comentários fora das reuniões estão atrapalhando o grupo. Então ficou decidido que tudo deve ser colocado na reunião e avaliado pelo grupo. A carga ficou para quarta-feira. Estava sendo desviado material, por isso ficou expressamente proibido levar qualquer coisa que não seja mostrado para a Tereza e o grupo saiba.

Carlos foi conversar com o Gerson sobre o valor achado no lixo 50,00. Ele sugeriu comprar 2 telhas, colocamos mais 8,00 e assim foi feito.

Não havendo mais nada encerrou-se a reunião.

**Reunião dia 13/06/07**

Sentamos para combinarmos como melhor atender o Diário Popular quando vierem fazer a entrevista dia 14 quinta-feira pela manhã às 10 hs. Acho que querem mostrar nosso serviço.

Na retomada das atividades, o grupo não dispunha de nenhum recurso de investimento, de modo que, essa reestruturação se deu a partir do aporte financeiro da associação de moradores, que disponibilizou um capital inicial de aproximadamente R\$ 400,00 que foram devolvidos depois do segundo mês de funcionamento do galpão. Com isso, o grupo conseguiu viabilizar-se com a compra de resíduos de outros catadores do bairro e da coleta em vários outros pontos que foram firmando-se e ampliando-se ao longo do tempo.

Esse apoio, segundo os trabalhadores da cooperativa, foi fundamental, já que na refundação havia uma pequena quantidade de equipamentos e maquinários, bem como a grande maioria dos trabalhadores que assumiria o trabalho no galpão estava, até então, desempregada ou atuava informalmente no mercado de trabalho.

Atualmente, 80 catadores comercializam seu material no galpão, o que assegura, em boa medida, a manutenção da atividade. O restante do resíduo coletado e separado é oriundo do recolhimento em pontos determinados (bancos, universidades, lojas, agência de correios e outros) que é realizada semanalmente pelos cooperados.

Através dos fragmentos acima, podemos verificar que as reuniões do grupo configuram-se enquanto espaços pedagógicos de troca e socialização de informações e os trabalhadores do galpão percebem que esses momentos são significativos para o processo de formação e de educação do grupo, tendo em vista a exposição do conjunto das dificuldades enfrentadas pelos cooperados, como

também, pelos momentos de avaliação do trabalho coletivo como um todo, e dos cooperados individualmente, como podemos verificar novamente abaixo:

#### **Reunião dia 26/06/07**

Essa reunião foi mais para o Ezequiel colocar o que viu e assistiu. Ele participou do Encontro de formação de agentes em políticas públicas e controle social. Reunião essa com a PO, Cáritas e FMEPS. Estamos elaborando um projeto com a Cáritas para comprar uma picotadeira no valor de 3.000,00. O projeto está pronto e é só esperar se for aprovado. Vai ser de grande importância para nós.

#### **Reunião de avaliação e para receber o salário: 07/07/07**

Perguntamos o que você acha do nosso trabalho, ele está bom ou pode melhorar? A resposta foi; Podemos melhorar o espaço físico, organizar, estudar e trocar as máquinas de lugar é uma proposta a ser estudada. Falamos também que quarta-feira dia 11/07 vem o professor Antônio com seus alunos, assistentes sociais pós-graduandos para fazer uma visita e conhecer melhor o grupo. Quinta-feira vem um grupo de crianças de uma escola conhecer. Vamos tentar conseguir um pouco de cimento e fazer o piso aos poucos por pedaços. A Marilus disse que a Cáritas poderia ajudar.

#### **Reunião dia 15 de julho**

Assunto; O professor Antônio veio nos visitar juntamente com seus alunos pós-graduandos, foi bem legal, eles fizeram várias perguntas e nós respondemos a altura. As crianças remarcaram para a primeira quinta de agosto. Ainda sobre o projeto está em andamento.

#### **16 de agosto Reunião de avaliação**

Conseguimos fazer a carga dentro do prazo. Isso quer dizer que planejar é bom e planejar dá certo. O que está pegando é que o Ângelo não está conseguindo ser um bom motorista, está enfrentado muitos problemas. Ele bate o caminhão, quase arrancou o portão do Beto Wille, quebrou a caixa de mudanças, outro dia quebrou a roda, arrancou a parte elétrica do caminhão e essa brincadeira custou 980,00.

#### **Reunião dia 10/10/07**

Quero dizer que planejamos para o dia 11 e conseguimos fazer a carga antes do prazo, valeu a pena. Agora o comunicado que já conseguimos comprar um macaco e o extintor. O macaco no valor de 50,00 e o extintor 17,00. Falamos também sobre os prazos de receber, às vezes acabam que demora é pouco em menos de 2 meses recebemos apenas 4 vezes.

Perguntamos para todos como está o trabalho e o que tem que melhorar; Vinícius – está bem, o Idemar falou que precisa colocar o limpa vidros no caminhão e o suporte para o extintor. Voltou a polêmica das faltas alguns não avisam quando resolvem ficar em casa. A Didi avisou. A Maristela não veio porque não conseguiu babá. Vera disse que está tudo bem e a Fátima e a Ana.

Jesus coordenador, falou sobre pagar o INSS como autônomo. Ficamos trocando idéias e decidimos chamar alguém que entenda bem para explicar melhor.

#### **04/04/08**

Indicativos: um rodízio de trabalho para que todos possam fazer tudo. Precisamos fazer outra carga de pet para atualizar as contas.

Entre várias dessas situações, podemos destacar um caso emblemático que abalou o grupo (mas, que não se encontra, especificamente relatado acima, por ser

mais recente). Trata-se da ocorrência de uma denúncia feita no Ministério Público (e também no bairro), por parte de um ex-cooperado, da existência de irregularidades, falta de transparência e também emprego de menores<sup>13</sup> dentro da cooperativa. Esse processo gerou uma série de problemas para o grupo, pois o trabalhador (que encaminhou a denúncia) havia sido desligado do empreendimento, sob o argumento de que era usuário de craque e o grupo vinha verificando alguns problemas decorrentes do consumo como, por exemplo, alterações comportamentais (com relatos de agressividade), falta de pontualidade e descumprimento de tarefas dentro da cooperativa.

Essa acusação produziu impacto no grupo, obrigando-o a apresentar uma série de documentos que comprovassem que as denúncias não se constituíam como fatos reais. Nessa circunstância, o grupo passou a elaborar critérios de seleção para o ingresso de novos cooperados e também, mais concretamente, agilizar a legalização do grupo e as suas contribuições para o INSS já que, até então, não eram realizadas por todos os trabalhadores.

Além dessas questões, ao longo dos anos de organização desse coletivo, os trabalhadores relatam com maior ênfase em suas falas o fato de terem compreendido, por exemplo, que havia um índice elevado de mudança de associados dentro do galpão e esse fator levava à perda do ritmo produtivo e também a uma maior dificuldade para que pudesse ser estabelecido um vínculo de confiança entre os mesmos.

Nos EES esse elemento constitui-se um problema, pois permite que, principalmente, a gestão financeira do grupo permaneça centralizada em um número muito reduzido de trabalhadores (um ou dois). Na medida em que há um período de vivência demasiadamente curto entre os trabalhadores, não se torna possível que todos possam assumir as funções administrativas do empreendimento.

Citamos essa circunstância porque o conhecimento e a prática administrativa no empreendimento são fundamentais, por serem eles que permitem que as dificuldades sejam concretamente conhecidas pelos trabalhadores.

---

<sup>13</sup> De fato havia um trabalhador menor de idade (14 anos) que trabalhava no galpão. No entanto o galpão obteve uma liberação do juizado da infância e da juventude que estabelecia que o mesmo devesse estudar em um dos turnos, possuir uma jornada de trabalho compatível (04 horas) e não operar equipamentos pesados como no caso da balança.

O que diferencia o EES dos empreendimentos capitalistas, entre outras coisas, está no conhecimento do todo do processo de organização do trabalho e, mais especificamente, em sua atuação prática nos níveis gerenciais do empreendimento e não somente na obtenção de informações repassadas pelos responsáveis e verdadeiros conhecedores do processo, gerando uma relação de confiança e atuação democrática dos trabalhadores.

No anseio de melhorar esse aspecto (de maior permanência no empreendimento e confiança no associado), a cooperativa estabeleceu um processo de vivência do trabalhador recém-chegado ao grupo e vice-versa; ou seja, criou critérios para inclusão de novos cooperados, como por exemplo, o interesse pela integração de uma proposta coletiva de trabalho e participação em todas as atividades e tarefas do grupo, e prazos para que o cooperado seja avaliado e avalie o grupo.

Assim, na primeira semana é realizado o contato inicial entre grupo e o cooperado e uma avaliação se ele pode/quer seguir para a próxima etapa, que é o “estágio” de 30 dias e posterior avaliação para, somente a partir daí, empreendimento e cooperado terem a decisão final de trabalho. No tema do presente texto, por alguns dos elementos já explicitados, acreditamos que as condições de aprendizagem no trabalho encontram um caminho menos penoso entre aqueles que desenvolvem sua atividade a partir da organização coletiva do trabalho.

Os sujeitos que executam um trabalho integrado a uma proposta de partilha e cooperação com outros dispõem de condições e espaços de troca de conhecimentos e obtenção de respostas a suas questões, que ocorre numa dinâmica muito mais intensa e acessível em relação aos demais. Logo, as questões relacionadas ao desconhecimento de um determinado problema, ou a descoberta de outro, são socializadas mais rapidamente e também podem ser ressignificadas e complexificadas a partir de novas contribuições advindas do coletivo.

Segundo Campos (2007), essa questão pode ser justificada a partir da seguinte constatação:

Há evidências que ocorre o aumento da fruição de prazer quando é atenuada a predominância do trabalho mecânico, ou quando o trabalhador participa de decisões e são instaurados espaços institucionais onde todos,

ainda que em distintas proporções, possam integrar-se em processos criativos (p. 133).

E, por fim, indica:

O envolvimento dos trabalhadores com a construção de projetos e processos de trabalho, etc., mobiliza paixões ao obrigá-lo a encarar o “princípio da realidade” e as incertezas do futuro criando novas marcas sobre o mundo. (*idem*)

Essa é uma das condições que os difere daqueles que realizam seu trabalho individualmente e, por consequência, não possui muitas alternativas para troca de informações que qualifiquem seu trabalho e seus conhecimentos sobre o que realizam, assim como das relações que permeiam o processo.

O desconhecimento dos produtos, bem como dos processos de trabalho daqueles que realizam coleta de rua, leva parte desses trabalhadores, em especial àqueles com menores níveis de escolarização, a uma condição de maior dependência e subalternidade a agentes externos que são, principalmente, os compradores. Estes compradores são, em geral, com quem os trabalhadores possuem maior proximidade por conta da convivência (na comercialização dos produtos) acabando por discutirem ali (nos locais de compra), os assuntos relacionados ao ambiente da catação e separação dos resíduos, tendo em vista sua desvinculação ou reduzida participação em outros espaços coletivos de educação, como: associações, partidos, movimentos de trabalhadores, etc.

Portanto, a coleta de rua parece estar sujeita a maiores dificuldades do ponto de vista da aprendizagem, em razão da vulnerabilidade associada aos interesses dos compradores e da individualidade mantida em relação a outros catadores, que são vistos como potenciais concorrentes na procura de material disponível nas lixeiras e não como possíveis aliados na busca de novos conhecimentos e aprendizados no trabalho.

Os trabalhadores da coleta e separação de resíduos obtêm conhecimentos associados a áreas distintas a partir do exercício de sua atividade na medida em que desenvolvem noções matemáticas, jurídicas, de legislação, econômicas (dinâmica de mercado, estabelecimento de valores), de escrita e outros. Ou seja, mesmo sem o domínio formal das ciências, são criados mecanismos de compreensão em relação à pesagem dos produtos, ao volume repassado aos seus

compradores, bem como, das características específicas (latas, papel, papelão, ferro, etc.) relacionadas a cada produto.

As variações de valores, por exemplo, podem estar relacionadas, entre outros fatores, à oferta de mercado, sendo que a redução ou elevação da produção em determinadas estações do ano faz com que, a cada período, os trabalhadores preparem-se para uma diminuição em sua renda (caso eles não tenham condições de buscar materiais mais rentáveis), ou para a adaptação e procura daquilo que possui temporariamente maior valor, ou ainda, sustentar-se dos chamados “bicos”, que acentuam significativamente o tempo e o desgaste físico nas suas jornadas de trabalho.

Assim, mesmo sem o entendimento formal de toda cadeia ou ciclo de mercado da reciclagem, os trabalhadores passam a compreender sua dinâmica e funcionamento através das situações e conhecimentos formulados a partir da base empírica e cotidiana de realização do trabalho na coleta.

Para finalizar, os elementos trazidos nesses últimos parágrafos nos fazem lembrar, de alguma maneira, do texto de Karel Kosik (1976) onde ele destaca que: “A consciência humana é atividade do sujeito que cria a realidade humano-social como unidade de existente e de significados, de realidade e de sentido (p.222).”

### **2.3 A coleta de resíduos sólidos e apontamentos derivados**

A cidade de Pelotas possui vários grupos que desenvolvem esse tipo de atividade produtiva, porém, a pesquisa não buscará identificar o número de grupos existentes, mas sim, realizar um estudo sobre as práticas pedagógicas utilizadas em um grupo (Agentes Ambientais) que possui uma trajetória de trabalho associado, de aproximadamente, uma década. Além desses sujeitos, buscaremos conhecer as práticas sociais de caráter pedagógico vividas por catadores de rua que atuam isoladamente e, por conta dessa característica, dispõem e necessitam de outros meios de aprendizagem para a realização de seu trabalho.

A realidade do trabalho vinculado à coleta e separação de resíduos sólidos está diretamente associada ao trabalho *no* e *com* o lixo. Desse modo, o material

(lixo) que não contém valor de *uso ou de troca* é descartável, inutilizável e, portanto, sem função social ou ressignificação produtiva.

De acordo com Marx (1985), as mercadorias possuem duas formas de valor, o valor de uso e o valor de troca. A primeira delas é medida pela utilidade que algo pode produzir, mas não somente isso, como podemos verificar:

A utilidade de uma coisa faz dela um valor de uso. Essa utilidade, porém, não paira no ar. Determinada pelas propriedades do corpo da mercadoria, ela não existe sem o mesmo. O corpo da mercadoria, mesmo como ferro, trigo, diamante, é portanto, um valor de uso ou bem. Esse seu caráter não depende de se a apropriação de suas propriedades úteis custa ao homem muito ou pouco trabalho. O exame dos valores de uso pressupõe sempre sua determinação quantitativa, como meia dizia de relógios, vara de linho, toneladas de ferro, etc. (p. 45 e 46)

E ainda;

O valor de uso se realiza somente no valor de uso ou no consumo. Os valores de uso constituem o conteúdo material da riqueza, qualquer que seja a forma social desta. Na forma de sociedade a ser por nós examinada, eles constituem, ao mesmo tempo, os portadores materiais do – valor de troca. (p. 46)

A segunda atribuição de valor é o valor de troca, cuja definição proposta por Marx segue:

O valor de troca de aparece, de início, como a relação quantitativa, a proporção na qual valores de uso de uma espécie se trocam, contra valores de uso de outra espécie, uma relação que muda constantemente no tempo e no espaço. O valor de troca parece, portanto, algo casual e puramente relativo; um valor de troca imanente, intrínseco à mercadoria [...] (idem)

Esse entendimento encontra um sentido “lógico”, pois tudo aquilo que, para nós, não possui valor nos termos atribuídos acima perde o seu sentido, a partir da realidade de que a sociedade de consumo massifica a ideia do novo, do moderno, do tecnologicamente desenvolvido, globalizando dessa forma a perspectiva de que o ciclo material dos objetos deve ser cada vez menor. Essa perspectiva de consumo cria as bases para a ampliação do número de indivíduos que, sendo socialmente marginalizados, buscam a sobrevivência de suas famílias no ambiente de “descarte”.

Ocorre, frequentemente, diante desse quadro, que os indivíduos que coletam pelas ruas “lixo”<sup>14</sup> são, em quase todos os sentidos, equiparados ao produto

---

<sup>14</sup> Aqui podemos apresentar um entendimento que remete ao uso da palavra: “A definição e a conceituação dos termos, ‘lixo’, ‘resíduo’ e ‘reciclagem’ diferem conforme a situação em que forem

procurado por eles. Podemos verificar, constantemente, em relatos de catadores, a expressão do pensamento constituído sobre eles. Não raro, vemos associada à figura de um catador a imagem de “pedinte de rua”, de marginal ou similar.

A catação de materiais recicláveis é uma atividade relativamente antiga, não se enquadrando à caracterização dada por alguns teóricos que a classificam enquanto “agentes da modernidade” (Magera, 2005). Segundo a Cartilha elaborada pelo MNCR:

A profissão Catador de Material Reciclável existe desde meados de 1950. O catador sempre foi visto como um sujeito excluído socialmente. Contudo nós catadores sempre prestamos um serviço à sociedade, mesmo sem dela receber o reconhecimento, nem o pagamento devido por tal trabalho. No passado, assim como hoje, muitos catadores trabalham de maneira precária, em lixões e locais impróprios. Muitos ainda sofrem humilhações e a exploração de empresários de ferros velhos e de grandes empresas de reciclagem. O governo e muitas instituições têm uma dívida histórica com os catadores. Algo que deve ser cobrado hoje em que a voz dos catadores se ampliou no MNCR. Uma luta muito grande, mas que não é maior que nossa coragem para lutar. (p. 48, 2005)

Sobre o crescimento do número de catadores e separadores (em nível nacional), podemos citar o estudo de Magera (2005), que indica que a intensificação da ocupação desse espaço produtivo vem sendo demonstrada mais, evidentemente, a partir das últimas duas décadas. Através de outros dados, ainda podemos dizer que: “Atualmente, estima-se que existam aproximadamente 500 mil catadores (informais e organizados) atuando em ruas, lixões, aterro e galpões de triagem”. (PINHEL, ZANIN e DEL MÔNACO, 2009 pg. 138) e, no cenário do qual esses trabalhadores encontram-se envolvidos, acompanhamos (frequentemente através dos meios de comunicação) que muitos catadores, principalmente os individuais, por conta de sua condição social, acabam por integrar-se, em alguma medida, ao mundo da violência e da criminalidade. No entanto, esses se somam ao conjunto daqueles trabalhadores que não participam da divisão das riquezas socialmente produzidas (apesar de ocuparem uma função produtiva) e, por consequência, acabam sendo

---

aplicadas. Seu uso na linguagem, com efeito, distingue-se de outras acepções adotadas consoante a visão institucional ou de acordo com seu significado econômico. Na linguagem corrente, o termo resíduo é tido praticamente como sinônimo de lixo. Lixo é todo material inútil. Designa todo material descartado e posto em lugar público. Lixo é tudo aquilo que se ‘joga fora’. É o objeto ou a substância que se considera inútil ou cuja existência em dado meio é tida como nociva” (CALDERONI, in MAGERA, 2005, p. 36).

Neste texto nossa opção é pelo uso do termo “resíduos”, entende-o como algo descartado em apenas uma das etapas de sua cadeia. “Lixo”, por sua vez, será compreendido como algo que não se pode mais atribuir nenhum valor de mercado ou sem espaço para reintrodução produtiva.

incorporados ao mercado da violência e não ao inverso, como é apregoado pelo entendimento dos que acreditam que a violência social é produto da indisposição para o trabalho daqueles que buscam saídas mais “cômodas” para a sua situação econômica.

Outros trabalhadores, porém, buscam algum nível de organização para o trabalho, procurando realizar sua atividade de modo cooperado, associado, ou ainda, reivindicando direitos a partir da organização em movimentos ou entidades representativas, visando à constituição de uma identidade corporativa que não nos parece uma condição identificada, ao menos para parte dos trabalhadores vinculados a essa atividade. Essa busca ocorre, principalmente, porque a identidade do trabalho poderia ser entendida, entre outras coisas, pela condição de formalidade dessas relações, sendo que a coleta, por estar associada em grande parte a atividades informais, sugere uma identidade pouco determinada.

O debate sobre este tema nos remete a novas questões, principalmente quando identificamos as características e condições do trabalho em cooperativas de coleta e triagem. As cooperativas e associações são obrigadas, por exemplo, a enquadrar-se à legislação brasileira de cooperativas para que possam comercializar o material processado, participar de licitações, editais públicos, etc.

Assim, torna-se fundamental o estudo das formas distintas de organização (individual e coletiva) do trabalho na coleta de resíduos, na medida em que cada uma delas impõe dinâmicas e necessidades diferenciadas de conhecimentos e possibilidades na obtenção dos mesmos.

Os aspectos formais de organização do trabalho na coleta e seleção de resíduos não asseguram a constituição de uma identidade para o trabalhador, nem tanto é isso que nos proporemos a analisar. Consideramos prioritariamente a formalização como modo de inserção mínima e regulamentação da atividade de trabalho. Essa condição é indicada apenas como um elemento, que de alguma forma dignifica os catadores perante a sociedade, pois através desse registro podem perceber sua identidade com o mercado de trabalho.

Referimo-nos também ao aspecto jurídico e formal, pois sabemos que ele permeia as discussões dos grupos (organizados, não necessariamente legalizados), principalmente porque a legislação brasileira de cooperativas é bastante rigorosa

quanto aos critérios de registro, determinando obrigatoriamente a reunião de, no mínimo, vinte pessoas para a regulamentação das cooperativas.

Há ainda a incidência de uma carga de impostos com taxas elevadas de contribuição, fixadas em um contingente de trabalhadores que, no geral, iniciam uma atividade em coletivos numericamente pequenos, com instalações precárias e de reduzida quantidade de capital tecnológico (maquinário) investido.

Todas essas questões remetem à organização e à formação das cooperativas a um percurso significativamente lento e árduo para os grupos, exigindo uma discussão específica que, por exemplo, na incubação de EES, rende um processo essencialmente pedagógico. Isto porque no trabalho de elaboração do estatuto todas as atribuições no que tange aos direitos e deveres dos cooperados são profundamente debatidas, fazendo com que algo que parece estático e formal converta-se em uma série de estudos e discussões fundamentalmente políticas.

Os mais diferentes aspectos desencadeiam e devem proporcionar um intenso processo de discussão e aprendizado político, pois o trabalho coletivo, por si só, não assegura as condições e o avanço da consciência coletiva. No entanto, ele cria as bases para o fortalecimento e a construção de uma outra cultura do trabalho, em que o indivíduo é responsável pelo conjunto do processo de trabalho, constituindo a partir daí, conforme Tiriba (2001), uma nova *pedagogia do trabalho*.

Reforça esse entendimento a perspectiva teórica de Magera (2005) quando compreende que:

Como doutrina, o cooperativismo procura evidenciar a melhoria do nível de vida do seu cooperado; é a solidariedade do bem comum, pondo fim aos interesses individuais, criando assim, uma política de grupo que visa realizar aspirações e objetivos comuns, promovendo uma harmonia social através da participação por funções e nunca pelo capital empregado. (p. 55)

A realização do trabalho coletivo ou motivado pela iniciativa do “povo” não quer dizer, em sua essência, que será de fato democrático ou autogerido pelos trabalhadores. A moderna organização capitalista fabril (que, evidentemente, não pode ser entendida como uma iniciativa popular), a partir da concepção do modelo toyotista<sup>15</sup> de produção, recorre basicamente à divisão de células produtivas,

---

<sup>15</sup> Ricardo Antunes (1999), enquanto participava de uma mesa de debates, definiu esse modelo do seguinte modo. “Para o capital e seu processo de acumulação, era preciso combinar redução da força de trabalho, qualificá-la, isto é, torná-la polivalente. Na Toyota, um trabalhador ou uma trabalhadora

seguindo um processo de auto-organização do trabalho, sem que esse resulte, necessariamente, na integração do trabalhador ao processo global de produção. Assim, a auto-organização produtiva, não garante a participação e a compreensão de todas as fases de produção e distribuição da riqueza e do trabalho produzido, mesmo que a proposta seja constituída pelo “povo”. Portanto, é preciso que seja constituído um novo entendimento de trabalho, através de um processo de contra cultura capitalista. Em referência a isso, Tiriba (2001) indica que:

Sem dúvida, o grupo que trabalha associativamente vive um intenso processo educativo, mas não necessariamente tal processo, pelo fato que “venha do povo”, está descontaminado de processos deseducativos. Assim, como as organizações econômicas populares (OEPs), qualquer espaço onde os homens desenvolvem relações sociais apresenta-se como um espaço educativo, que ainda que singular, não está isolado do contexto maior em que se produz. (p. 213)

É possível depreender desse contexto que os processos pedagógicos estão presentes em todas as atividades desenvolvidas pelos trabalhadores. O que se torna variável é a finalidade e o processo de tal apropriação, de modo que podemos encontrar um trabalhador polivalente que, tecnicamente, dispõe de conhecimentos necessários à produção, tanto em uma empresa capitalista, como em uma empresa autogestionária. A variação, portanto, que podemos buscar nesse meio, relaciona-se ao grau de desenvolvimento do conhecimento que o trabalhador vai produzindo quanto à totalidade de seu trabalho, incluindo dimensões mais profundas que o simples manuseio de determinados meios e equipamentos de produção e a forma como essa apropriação vai se realizando.

A diferença central, mas não única, da organização do trabalho de uma fábrica capitalista para um empreendimento solidário pode ser resumida em uma dimensão relativamente simples.

Na primeira, tal organização é resultado do emprego do capital acumulado e da conseqüente extração de mais-valia a partir do trabalho assalariado, muitas

---

operam, em média, com até cinco máquinas. Ao contrário da relação taylorista e fordista, onde a relação é um trabalhador ou uma trabalhadora trabalhando com uma máquina, na Toyota o trabalho é em equipe, é trabalho coletivo. Se um falta, ele é cobrado pelo coletivo porque a produtividade do grupo cai. E ele é incitado a controlar a qualidade do seu produto. Eu afirmei no meu livro *Adeus ao Trabalho?* que o trabalhador se torna déspota de si mesmo. Ele é o controlador dele próprio. Não há, por exemplo, mais a figura do inspetor de qualidade. Esses trabalhadores polivalentes fazem o seu próprio controle.

vezes alheia<sup>16</sup> ao conhecimento ou participação administrativa do conjunto dos trabalhadores, enquanto que na segunda, o trabalho é o princípio fundante, seguido pela auto-organização do trabalho e da divisão equitativa da produção e das decisões políticas e gerenciais do empreendimento.

Sobre o modelo de organização cooperativo, nas considerações de Tiriba (2001), a construção do empreendimento persegue a lógica de que:

A busca de uma práxis que contemple a unidade entre os objetivos econômicos e os objetivos sociais, é, exatamente, a chave da pedagogia da produção associada, na qual a educação dos trabalhadores precisa ser compreendida como processo permanente e como resultado provisório de ação/reflexão/ação (p. 220).

Nesse sentido, a *práxis*<sup>17</sup> da “produção associada” vai apresentando uma complexidade superior, na medida em que confere aos trabalhadores o estatuto de “funcionário” e “chefe” concomitantemente e, por isso, responsável pelo conjunto do seu trabalho. A práxis social coletiva é derivada de dinâmicas individuais, ou seja, não é possível estabelecermos uma homogeneidade ou padrão no que se refere à participação, intervenção e execução do trabalho coletivo, porém, as ações individuais devem indicar para o fortalecimento e desenvolvimento do processo coletivo.

É importante analisarmos nesse cenário que a base constitutiva do trabalho cooperado, por definição, segue o mesmo princípio em qualquer cooperativa (solidária ou não); ou seja: a noção de organização cooperada do trabalho é única do ponto de vista conceitual. No entanto, ela assume características absolutamente distintas de acordo com a concepção de organização do trabalho estabelecida pelos próprios trabalhadores do empreendimento.

---

<sup>16</sup> A expressão *alheia* está relacionada ao conhecimento e entendimento do processo administrativo, no entanto, mesmo assim os trabalhadores que conhecem seu funcionamento podem não incidir ou participar dele.

<sup>17</sup> Segundo Bottomore (2001) “A expressão *práxis* refere-se, em geral, a ação, a atividade e, no sentido que lhe atribui Marx, à atividade livre universal, criativa e auto-criativa, por meio da qual o homem cria (faz, produz), e transforma (conforma) seu mundo humano e histórico e a si a mesmo; atividade específica ao homem que o torna basicamente diferente de todos os outros seres. Nesse sentido, o homem pode ser considerado como um ser da *práxis*, entendida a expressão como o conceito central da do marxismo, e este como ‘filosofia’ (ou melhor, o ‘pensamento’) da ‘*práxis*’.” (p. 292)

No nosso entendimento, a base do trabalho associativo remonta a ideia pactual, que assume semelhanças (onde poderíamos comparar especificamente nesse aspecto), ao descrito por Rousseau em sua obra clássica “O Contrato Social”. Sobre o conceito de pacto, ele indica que a constituição de normas coletivas formam-se segundo uma assembleia de indivíduos, que devem prescrever e assumir, mediante todos, aquilo que for compreendido como a melhor representação das vontades, a partir da maior parte dos membros do grupo ou da sociedade.

Na compreensão de Rousseau (1997) o pacto social supõe:

Encontrar uma forma de associação que defenda e proteja a pessoa e os bens de cada associado com toda força comum, e pela qual cada um, unindo-se a todos, só obedeça, contudo a si mesmo, permanecendo tão livre quanto antes. Esse, o problema fundamental cuja solução o contrato social oferece. (p. 70)

Assim, tudo que estiver instituído através de um fórum soberano, passa a compor o conjunto das regras que estabelecem a reciprocidade de direitos e obrigações entre todos que, deliberadamente, acordaram essas decisões. A adaptação do conceito de Rousseau, embora sem o mesmo uso terminológico que vínhamos discutindo, sugere um processo necessário de cooperação a partir de um espaço coletivo que determina a constituição e a organização do trabalho.

A estruturação do trabalho nos espaços coletivos estabelece a dinâmica e as condições de desenvolvimento de nossa pesquisa, na medida em que, a partir da construção de alguns referenciais relacionados às bases conceituais da Pedagogia Social buscaremos compreender a Pedagogia do Trabalho empregada pelos grupos e indivíduos.

Por fim, podemos considerar ainda, um certo grau de precarização do trabalho no ambiente da coleta e seleção de resíduos, pois, esses trabalhadores, em grande parte, estão submetidos a exaustivas jornadas (em razão de a quantidade de material coletado estar diretamente relacionada ao retorno econômico) e a um reduzido nível de formalização de seu trabalho no sentido da obtenção de direitos básicos como seguridade social (carteira de trabalho, férias, assistência à saúde, etc).

## 2.4 Aspectos gerais

A reciclagem pode ser considerada um fenômeno de intenso crescimento no Brasil, principalmente, na última década. O destino adequado do lixo, que no passado, era uma questão preocupante nos centros urbanos com maior densidade populacional, atualmente tem se estendido para praticamente todos os locais, trazendo para o poder público a necessidade da elaboração de políticas específicas e maiores reflexões sobre o tema. A estimativa dos catadores em todo país está próxima de um milhão de catadores que atuam de modo formal e informal na atividade.

Além do aumento populacional, conforme Márcio Magera (2005), o problema do lixo pode ter sua origem atribuída aos fatores de desenvolvimento social e tecnológico, principalmente daqueles associados ao processo pós-revolução industrial que é caracterizado pela racionalização e incremento da produção através da maquinaria e da produção em larga escala, gerando, a partir, disso uma série de produtos que não podem mais ser utilizados naquela atividade, como também, as bases para uma concepção de consumo cada vez mais voltada para a substituição de mercadorias por outras. Segundo ele:

Os catadores são os intermediários nesta cadeia que possibilita resgatar parte dos recursos aproveitáveis disponíveis nos lixos das cidades, mas um intermediário importante, pois é com seu trabalho que tem início todo um processo de reciclagem de lixo em nosso país. (MAGERA, 2005, p. 33)

E segue;

Tais catadores submetem-se a jornadas diárias de trabalho que, muitas vezes, ultrapassa doze horas ininterruptas; um trabalho exaustivo, visto que as condições a que esses indivíduos se submetem com seus carrinhos puxados pela tração humana, carregando por dia mais de 200 quilos de lixo (cerca de 4 toneladas por mês), e percorrendo mais de vinte quilômetros por dia, sendo no final, muitas vezes, explorados pelos donos de depósitos de lixo (sucateiros) que, num gesto de paternalismo, trocam os resíduos coletados no dia por bebidas alcoólicas ou pagam-lhe um valor simbólico insuficiente para a própria reprodução como catador de lixo. (MAGERA, 2005, p. 34)

Em 64% dos 5.564 municípios brasileiros, existem políticas de tratamento para a questão do lixo, fundamentalmente porque sua produção é bastante acelerada, sendo geradas aproximadamente 170 mil toneladas de lixo por dia, atingindo cerca de 61 milhões de toneladas por ano. Desse total, menos da metade

chega de fato à indústria da reciclagem, e o índice do montante reciclado pode variar para cada tipo de material, onde podemos ver, por exemplo, que no caso do alumínio, quase sua totalidade é reciclada (95%), enquanto que o PET e o vidro estão na casa dos 45% de reaproveitamento, e ainda, em quantidade ínfima de retorno aparece o PVC em torno de 2%.<sup>18</sup>

As informações que procuramos apresentar buscam situar as condições de trabalho em que os trabalhadores da coleta e separação de resíduos encontram-se submetidos. Esses elementos constituem as condições objetivas de realização do trabalho e, portanto, são fundamentais para a compreensão em torno de como as práticas pedagógicas são produzidas, bem como as razões e as contingências para efetivação das mesmas.

Abaixo apresentaremos um quadro que pretende estruturar alguns dos elementos que surgiram durante as entrevistas, procurando assim, a constituição de um desenho que auxilie na compreensão da realidade que se expressa através das entrevistas.

O número de entrevistas realizadas soma um total de nove (09) e ocorreram considerando o roteiro de questões<sup>19</sup> que segue entre os anexos do presente trabalho.

---

<sup>18</sup>Os dados referidos estão disponíveis em:

<<http://www.revistasustentabilidade.com.br/s02/reciclagem/falta-de-coleta-seletiva-abre-espaco-para-importacao-de-lixo>> Acesso em 18 de agosto de 2009.

<sup>19</sup> É importante lembrar que o objetivo do roteiro de questões pretende dar conta do estabelecimento de um diálogo entre pesquisador e sujeito da pesquisa. Assim, cada diálogo pode ter sido constituído de modo singular na medida que as questões não buscavam a fluência da conversa. Mesmo assim, muitas delas foram estabelecidas pois, remontam diretamente o objetivo da pesquisa e essas, de alguma maneira serão analisadas mais dedicadamente no texto.

## CATADOR 01

Informações Gerais (tempo de coleta, renda mensal, horas trabalhadas, região de coleta, tempo de estudo, etc)	Considera a atividade fácil ou difícil?	Como resolve as dificuldades encontradas na atividade?  Onde busca informações?	Como vê o trabalho coletivo? Possui alguma prática política (partidos, associações etc.?)	Acredita obter aprendizado com o seu trabalho?
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Coleta a aproximadamente 03 anos na região central da cidade.</li> <li>- Renda média: R\$ 400,00</li> <li>- Bairro onde mora: FRAGATA</li> <li>- CH de trabalho; 8h diárias</li> <li>- Realiza venda mensal e conta com ajuda da filha.</li> <li>- Estudou até a primeira série.</li> <li>- Vê pouca competição, mas também pouca solidariedade; a lógica é cada um por si.</li> <li>- Não deixaria de ser catador, pois consegue conciliar com outras atividades que realiza.</li> <li>-Tem 65 anos de idade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Faz tranquilamente, aprendeu por conta vendo os outros juntar e separar.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ele mesmo resolve; conhece muito bem o que faz.</li> <li>- Dá conta sozinho, raramente tem problemas por que é tudo sempre igual</li> <li>- Em situação de dúvida conversava com a pessoa para quem vendia o material.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhece a forma cooperativa de trabalho, mas não tem interesse, pois não quer que ninguém o cuide durante o trabalho.</li> <li>- Não tem relação com nenhuma atividade política.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sempre se adquire conhecimento, mas não sabe exemplificar o que exatamente aprende.</li> </ul>

## CATADOR 02

<b>Informações Gerais (tempo de coleta, renda mensal, horas trabalhadas, região de coleta, tempo de estudo, etc)</b>	<b>Considera a atividade fácil ou difícil?</b>	<b>Como resolve as dificuldades encontradas na atividade? Onde busca informações?</b>	<b>Como vê o trabalho coletivo? Possui alguma prática política (partidos, associações etc.?)</b>	<b>Acredita obter aprendizado com o seu trabalho?</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Coleta no centro da cidade sem local definido. Vai onde tem.</li> <li>- Coleta há mais ou menos 03 anos</li> <li>- Antes de trabalhar com a coleta fazia biscates.</li> <li>- Mora no Pestano e vem de ônibus todos os dias. Não coleta no bairro, pois tem muita gente e menos material que no centro.</li> <li>- Vende seu produto logo após a realização da coleta sem armazenar nada.</li> <li>- CH de trabalho diária de 5h a 6h (das 17h às 22h) e coleta apenas com um <i>bag</i> (saco)</li> <li>- Durante o dia trabalha em outras atividades (pintor e pedreiro)</li> <li>- A renda é de mais ou menos R\$ 10,00 por dia incluindo sábado e domingo. (aprox. R\$ 300,00)</li> <li>- Tem 29 anos e estudou até a 4º série.</li> <li>- Diz que só largaria a coleta se encontrasse um serviço bom, com carteira assinada.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Depende, tem gente que ajuda, outros já são mais complicados, passam a perna e dificultam o trabalho.</li> <li>- Um das coisas é que na coleta a gente fica sujo; as mãos a roupa e aí as pessoas julgam por isso.</li> <li>- Tem outras pessoas que apóiam como, por exemplo, outro dia uma pessoa ofereceu comida enquanto ele coletava. Às vezes guardam material e oferecem alguma quantia em dinheiro.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Praticamente não encontra dificuldades durante o trabalho</li> <li>- Sobre a coleta, a pessoa com quem mais conversa sobre o assunto é o próprio comprador e que quando ele ampliou o processo de separação dos tipos de materiais conversou com algumas pessoas na rua, mas a maior parte das orientações foram repassadas pelo comprador.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Disse que já ouviu falar em trabalho cooperativo e buscou informações, mas não foi por que tinha que trabalhar várias horas e o local era o lixão.</li> <li>- Não tem relação com nenhuma atividade política.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Aprender sempre se aprende por conta do contato que se tem com as pessoas, mas argumenta que não encontra dificuldades tanto que o estudo que possui (até 4º série) é indiferente para o que realiza. Acredita que se fosse analfabeto faria da mesma maneira.</li> <li>- Quando questionado sobre se ele sentiu necessidade ou vontade de estudar nesses últimos anos, responde que sim, mas por conta de uma possibilidade que surgiu de trabalhar em Porto Alegre.</li> </ul>

## CATADOR 03

Informações Gerais (tempo de coleta, renda mensal, horas trabalhadas, região de coleta, tempo de estudo, etc)	Considera a atividade fácil ou difícil?	Como resolve as dificuldades encontradas na atividade? Onde busca informações?	Como vê o trabalho coletivo? Possui alguma prática política (partidos, associações etc.?)	Acredita obter aprendizado com o seu trabalho?
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Coleta há aproximadamente 15 anos na região central da cidade.</li> <li>- Renda média: R\$ 450,00</li> <li>- Trabalha com a esposa e a catação é atividade exclusiva de trabalho. Possuem uma charrete e um cavalo.</li> <li>- Bairro que mora: Centro (final da Osório)</li> <li>- CH de trabalho; de 3h a 4h por dia (das 17h às 20h ou 21h) e não tem outra atividade durante o dia.</li> <li>- Vendem o material mensalmente e realizam um processo primário de separação para a comercialização.</li> <li>- Coletam todo tipo de material com exceção do vidro e isopor que não tem quem compre ou pagam muito pouco.</li> <li>- Até ingressar na coleta, trabalhava em caminhão de carga e descarga.</li> <li>- Tem 34 anos de idade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Considera a atividade fácil e foi trabalhar na coleta por não ter encontrado outro tipo de atividade apenas no começo que foi difícil, pois não sabia o que juntar.</li> <li>- Comenta ainda, que se encontrasse outro trabalho (sem especificar o que) abandonaria a coleta.</li> <li>- Muitas pessoas não gostam de recicladores.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Encontrou dificuldades no início até entender como fazia a separação. Atualmente, explica, não tem mais problemas.</li> <li>- No passado havia mais dificuldades com as pessoas, pois elas não entendiam o que era o trabalho da coleta. Hoje a relação melhorou e tem muita gente que separa para entregar sempre para a mesma pessoa.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Já teve experiência com trabalho cooperativo e relata que foi uma péssima experiência.</li> <li>- Razão: Ocorriam desvios dos recursos que eram repassados pelo poder público por parte dos dirigentes da cooperativa e, associado a isso, eles (cooperativa) param de distribuir insumos (como ração e medicamentos para os cavalos e sacolões que eram para as famílias, etc), fazendo com que muitas famílias saíssem do grupo. Segundo ele, nunca foram realizadas denúncias por que o pessoal tinha medo de ser excluído da cooperativa.</li> <li>- Além de todas essas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Relata que o aprendizado que adquiriu no trabalho com a coleta é de que é melhor catar do que roubar e matar. Apesar de conhecer poucos casos de catadores que pratiquem algum tipo de crime ele acredita que muitos estão sujeitos a esse tipo de situação e essa é a razão para que ele destaque isso como um aprendizado importante.</li> <li>- Quando perguntado sobre retornar para a escola a resposta foi de que não há mais tempo, pois ele parou de</li> </ul>

	<p>Acham que todos são iguais e fazem qualquer coisa na rua (se referindo a rasgar lixo e jogar sujeira na frente das lixeiras que coletam).</p>	<p>- Ele sempre buscava informações na reciclagem onde vendia seu material.</p>	<p>questões, a remuneração era ainda diferenciada entre aqueles que realizavam a separação do material e os que chefiavam a cooperativa.</p> <p>- Depois dessa experiência, foram convidados a participar de outro galpão, mas eles perderam o interesse, pois acreditam que todos os espaços e organizações coletivas possuam práticas iguais a essa conhecida por eles anteriormente.</p> <p>- Quando perguntados sobre a relação com organizações políticas a resposta é que ele não possuiu nenhum vínculo e respondeu ter “verdadeiro horror disso”.</p>	<p>estudar aos 17 anos na 8º série.</p>
--	--	---	---	---

## CATADOR 04

Informações Gerais (tempo de coleta, renda mensal, horas trabalhadas, região de coleta, tempo de estudo, etc)	Considera a atividade fácil ou difícil?	Como resolve as dificuldades encontradas na atividade? Onde busca informações?	Como vê o trabalho coletivo? Possui alguma prática política (partidos, associações etc.?)	Acredita obter aprendizado com o seu trabalho?
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Coleta há aproximadamente 04 anos na região central da cidade.</li> <li>- Renda média: R\$ 400,00</li> <li>- É menor de idade (13 anos) e trabalha com o primo, também menor de idade (16 anos) à noite.</li> <li>- Bairro que mora: Navegantes</li> <li>- Realizam a coleta com charrete e cavalo emprestado do tio.</li> <li>- CH de trabalho: aproximadamente 5h por dia (das 18h até quase 23h).</li> <li>- Estuda na 5º série no turno da tarde.</li> <li>- Diz que não deseja ser catador e que e que sonha em ser jogador de futebol ou médico.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Diz que, no geral, não tem nenhum problema no trabalho e que consegue identificar e vender todo o material que coleta.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Resolvem sozinhos; Não se lembram de ter pedido nada a ninguém.</li> <li>- Mesmo sem perguntar nada para outras pessoas (especificamente sobre a coleta), às vezes acontece alguma palestra ou aula na escola, então eles conhecem mais coisas por ali.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Acha que gostaria de trabalhar com mais gente, pois acredita que o perigo seja menor, principalmente, para eles que saem a noite para coletar na rua.</li> <li>- Não tem relação com nenhuma atividade política.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Acredita que coletando está fazendo bem para as pessoas e para o meio ambiente. Ouve isso na escola, mas, disse que isso ele aprendeu na rua e não em sala de aula.</li> </ul>

## CATADORA 05

Informações Gerais (tempo de coleta, renda mensal, horas trabalhadas, região de coleta, tempo de estudo, etc)	Considera a atividade fácil ou difícil?	Como resolve as dificuldades encontradas na atividade? Onde busca informações?	Como vê o trabalho coletivo? Possui alguma prática política (partidos, associações etc.?)	Acredita obter aprendizado com o seu trabalho?
<p>- Coleta há aproximadamente 15 anos na região central da cidade juntamente com dois integrantes da família.</p> <p>- Renda média: R\$ 600,00 (entre os três)</p> <p>- Realizam a coleta com uma charrete de tração humana.</p> <p>- Bairro que mora: Centro (final da Osório)</p> <p>- CH de trabalho; aproximadamente 7h por dia (das 14h às 21h).</p> <p>- Tem 55 anos e estudou até a 4º série.</p>	<p>- Ela disse que é fácil, pois já fazem há muitos anos. Por conta do tempo, nem pensam muito no que fazer.</p> <p>“Fazemos sem notar”.</p>	<p>- Não encontra mais problemas.</p> <p>-Disse que algumas informações quem dá é o próprio comprador e eles têm confiança nessa pessoa. A única reclamação é de que quando molha o papelão ele quer pagar menos e muda a pesagem na balança. Fora isso ele é um grande amigo.</p>	<p>- Não conhece outro tipo de trabalho e que não sabe se há muita diferença entre o trabalho individual e o coletivo, mas diz que gostaria de trabalhar com outras pessoas. Acredita que a grande vantagem do trabalho coletivo é que através dele ela poderia voltar mais cedo para casa.</p>	<p>- Disse que aprendeu a se relacionar com pessoas na rua, pois ela sempre foi dona de casa e catadora, então, o espaço de convívio que possui é no período que realiza a coleta. Outras coisas ela julga que são iguais ao desempenho de qualquer tarefa. Resumiu dizendo: “a gente decora o que fazer e faz sempre igual”.</p> <p>- Relata ter muita vontade de voltar a estudar, mas que a quantidade de trabalho impede, pois é bastante cansativa já que ela trabalha em casa e na rua e o trabalho com a catação é muito pesado para mulheres.</p>

## CATADOR 06

Informações Gerais (tempo de coleta, renda mensal, horas trabalhadas, região de coleta, tempo de estudo, etc)	Considera a atividade fácil ou difícil?	Como resolve as dificuldades encontradas na atividade? Onde busca informações?	Como vê o trabalho coletivo? Possui alguma prática política (partidos, associações etc.?)	Acredita obter aprendizado com o seu trabalho?
<p>- É catador há mais ou menos 10 anos e trabalha na região central da cidade (nas proximidades da avenida e do calçadão em lojas determinadas).</p> <p>- A Renda média é de aproximadamente R\$ 1.600,00 (devendo diminuir por volta de 300,00, pois a partir de agora passa a realizar a coleta sozinho, em função do falecimento de esposa no mês de novembro de 2010).</p> <p>- Para coleta utiliza uma carrocinha movida por uma bicicleta.</p> <p>- CH de trabalho; aproximadamente 08h por dia (segunda a sábado).</p> <p>- Bairro que mora: Areal</p> <p>- Tem 67 anos e estudou até a 4<sup>o</sup> série</p> <p>- Antes de ser catador trabalhava na construção civil como pedreiro, mas esse setor estava passando por dificuldades, pois tinha trabalho quase só nos meses próximos ao final do ano.</p>	<p>- A maior dificuldade relatada é em relação ao peso dos produtos.</p> <p>-É uma atividade que exige muito esforço físico, muito cansativa. No entanto, as dificuldades que possam existir são resolvidas tranquilamente.</p> <p>-Faz há dez anos a mesma coisa. Sempre a mesma rotina (coleta os mesmos materiais, faz a mesma rota e passa nos mesmos pontos).</p>	<p>- Coleta sozinho e quando encontra alguma dificuldade quem o “aconselha” é o “moço” para quem vende o material.</p>	<p>- Já ouviu em falar em cooperativas, mas diz: “Para mim, não serve”; Diz que não gostaria de trabalhar com outras pessoas, pois acredita que perderia a liberdade no estabelecimento dos seus horários de trabalho, assim como também dos seus ganhos; “Se eu quero ir eu vou, se não quiser, não vou e com outras pessoas isso não funciona assim”.</p> <p>- Nunca se vinculou a nenhuma prática política durante toda sua vida.</p>	<p>- Aprendeu a identificar o material. Cita o exemplo de que quando possui dúvidas, como no caso do alumínio, ele cola um ímã que carrega no bolso. Se o ímã colar é ferro, se não é alumínio, ou outro metal.</p> <p>- Como o valor do ferro é bem superior ao do alumínio é preciso fazer o teste para evitar a venda enganada.</p> <p>- Quanto ao plástico, às vezes pega alguma coisa que contém plástico (mas não exclusivamente plástico), então ele toca e se certifica do que é para não misturar com os demais e vender como produto misto que possui valor bem inferior.</p>

## COOPERADA 01

Informações Gerais (tempo de trabalho no galpão, renda mensal, horas trabalhadas, região de coleta, tempo de estudo, etc)	Considera a atividade fácil ou difícil?	Como resolve as dificuldades encontradas na atividade? Onde busca informações?	Como vê o trabalho coletivo? Possui alguma prática política (partidos, associações etc.?)	Acredita obter aprendizado com o seu trabalho?
<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estudou até o último ano do segundo grau.</li> <li>- Antes de trabalhar no galpão era doméstica. Trabalhou vários anos em locais diferentes.</li> <li>- Foi trabalhar na cooperativa por conta do desemprego.</li> <li>- Ingressou no grupo em fevereiro ou março de 2010</li> <li>- A renda atual é de aproximadamente um salário mínimo e o local de trabalho é no galpão FRAGET.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- No início o trabalho era difícil, pois não sabia operar as máquinas nem separar os materiais, mas com o tempo passou a trabalhar com várias coisas e começou a aprender. Hoje é bem mais fácil, pois adquiriu experiência e já passou por praticamente todas as atividades da cooperativa (picotação, prensa, pesagem, separação, gerenciamento, etc).</li> <li>- Algumas atividades, apesar de todos(as) os trabalhadores(as) do empreendimento</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pergunta para o grupo até entender.</li> <li>- Às vezes não perguntava por vergonha, mas se deu conta que fazer errado era pior, então agora ela conversa com os demais até encontrar o entendimento da dificuldade.</li> <li>- As dúvidas, no geral, são resolvidas tanto com os colegas como nas reuniões (semanal ou</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Acredita ser diferente das outras formas pois, quando alguém está com dificuldade para fazer as suas coisas os demais podem auxiliar, principalmente em se tratando de uma atividade considerada pesada do ponto de vista físico.</li> <li>- Apesar de gostar de trabalhar no galpão, gostaria de voltar a estudar e trabalhar em outra coisa.</li> <li>- Diz que gostaria de trabalhar como secretária.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Diz estar aprendendo muitas coisas novas. Desde que entrou, teve contato com materiais distintos e agora está trabalhando na parte administrativa do empreendimento, o que é um desafio muito grande.</li> <li>- Dos conhecimentos escolares, ela diz que sente muita necessidade da matemática e essa seria uma das razões pela qual gostaria de voltar para a escola, além do sonho de estudar biologia, cujo curso ela acredita que teria muito em comum com o trabalho desenvolvido no galpão.</li> <li>- Outro aprendizado que ela diz ter obtido é que o trabalho com</li> </ul>

	conhecerem, são desenvolvidas pelos homens por que requerem muita força.	quinzenal) que o grupo realiza.	- Ela não possui nenhum vínculo com movimentos políticos ou outro, mesmo que a cooperativa seja diretamente ligada a associação de moradores do bairro, pois o terreno é cedido pela associação e outros membros do grupo compõem a associação que é ainda apoiadora do galpão.	a reciclagem além de ser importante para eles (do ponto de vista financeiro) é também necessário para todos, em razão da grande quantidade de material consumido e não reaproveitado. Afirma que passou a atentar mais para essa questão depois que ingressou no empreendimento e se deparou com a grande quantidade diária de material que chega lá.
--	--	---------------------------------	---	---

## COOPERADA 02

Informações Gerais (tempo de trabalho no galpão, renda mensal, horas trabalhadas, região de coleta, tempo de estudo, etc)	Considera a atividade fácil ou difícil?	Como resolve as dificuldades encontradas na atividade? Onde busca informações?	Como vê o trabalho coletivo? Possui alguma prática política (partidos, associações etc.?)	Acredita obter aprendizado com o seu trabalho?
<p>- Antes de trabalhar no grupo além das atividades domésticas trabalhou no comércio e, mais adiante, passou a atender e acompanhar os cursinhos realizados na associação de moradores da qual faz parte até hoje.</p> <p>- O tempo de trabalho com o grupo está próximo de 06 anos.</p> <p>- O tempo de estudo na escola foi o do primário.</p> <p>- A renda atual é de aproximadamente um salário mínimo e o</p>	<p>- Não é fácil. Hoje acredita que muita coisa mudou, mas uma das dificuldades é a forma como a sociedade vê o trabalho no galpão. No geral, há um preconceito em relação a sujeira. Ela reconhece que esse aspecto é difícil de modificar, por conta da natureza do próprio produto, mas as pessoas sempre acham que o</p>	<p>- As questões são sempre discutidas no coletivo que realiza reuniões periódicas havendo ainda, uma interlocução também com a associação de moradores e universidades que são apoios importantes para o galpão.</p>	<p>- Considera-o diferente das outras formas, por conta da necessidade de diálogo, muito presente no empreendimento.</p> <p>- No trabalho coletivo há uma rotina, mas ela requer que haja uma cooperação permanente entre todos, principalmente sobre dois aspectos: O primeiro é que o trabalho exige muita força física e o segundo é que envolve a administração de valores que estão relacionados ao conjunto da cooperativa e isso é sempre uma questão difícil.</p> <p>- Fala que o galpão é importante justamente em razão de ser uma alternativa de geração de trabalho e renda para os moradores do próprio local, que precisam se deslocar muito menos para o seu trabalho. Uma das questões observadas para o ingresso no grupo é que, de preferência, seja morador do entorno da cooperativa. Essa questão</p>	<p>- Além de acreditar aprender muito com seu trabalho, ela atribui à educação uma questão fundamental para o trabalho na cooperativa.</p> <p>- A separação do material requer que se conheça os tipos de materiais e que tipo de destino eles terão mais adiante. Entendendo isso, é possível se compreender porque cada coisa precisa ser desenvolvida de tal maneira.</p> <p>Outra questão é do ponto de vista relacional. É necessário um grande exercício de tolerância e respeito no coletivo e nesse caso o processo educativo é importante, pois ele ajuda a se reconhecer os limites de cada um e necessidade da cooperação no</p>

<p>local de trabalho é no galpão FRAGET.</p>	<p>trabalho no galpão é pior que outros em razão dessa característica.</p>		<p>pesa em virtude da diminuição do número de faltas, pois no passado quando haviam pessoas de fora ,o índice de faltas era muito grande, o que gerava uma sobrecarga para os outros, pois há uma demanda permanente de trabalho.</p> <p>- Uma diferença importante no trabalho da cooperativa é de que o cooperado tem mais liberdade. Com patrão, ele é quem determina como as coisas devem ser e mesmo que você pense diferente, tem que fazer por que ele está mandando. Aqui se você estiver fazendo direitinho ninguém vai ficar cobrando nem dizendo como é que tem que fazer. Cada um sabe o que tem que fazer e não deve esperar que o outro mande. Todos precisam ter visão do que é a cooperativa e do que tem que fazer. A partir disso, tem que ter iniciativa de trabalho coletivo.</p> <p>- Possui envolvimento direto com a associação de moradores compondo a atual diretoria.</p>	<p>empreendimento.</p> <p>Nas palavras da cooperada:</p> <p>“há quem diga que educação vem do dia a dia. Tudo bem, quem aceita, quem tem essa visão, até pode ser, mas a educação da escola faz bastante falta”</p> <p>- Entender que um precisa do outro não é um processo simples nem fácil, apesar de todos falaram isso constantemente.</p> <p>- O maior aprendizado desse trabalho é o relacionamento com as pessoas.</p>
--	--	--	---	--

## COOPERADO 03

Informações Gerais (tempo de trabalho no galpão, renda mensal, horas trabalhadas, região de coleta, tempo de estudo, etc)	Considera a atividade fácil ou difícil?	Como resolve as dificuldades encontradas na atividade? Onde busca informações?	Como vê o trabalho coletivo? Possui alguma prática política (partidos, associações etc.?)	Acredita obter aprendizado com o seu trabalho?
<p>- Trabalha com a reciclagem no galpão desde 1999, mas esteve um tempo fora onde o grupo interrompeu suas atividades.</p> <p>- Antes de trabalhar na reciclagem trabalhou como guarda noturno.</p> <p>- Foi trabalhar no grupo a pedido da associação para ajudar no processo de reconstrução da cooperativa.</p> <p>- A renda atual é de aproximadamente</p>	<p>- O trabalho com a reciclagem vem chamando cada vez mais atenção. As pessoas percebem mais a existência dos galpões e da coleta por conta da grande quantidade de resíduos que é produzido.</p> <p>- Uma das dificuldades colocada está relacionada com os espaços onde o grupo se avalia. É sempre difícil "criticar e ser criticado. Às vezes não sabemos se estamos fazendo certo ou não".</p> <p>- Ocorre ainda que algumas das pessoas que tem mais estudo ou que conhecem mais o processo exercem uma interferência maior sobre o grupo e outros acabam se tornando dependentes delas. Essa é sempre uma questão</p>	<p>- Quando encontra alguma dificuldade chama o pessoal e tentar resolver junto.</p> <p>- Diz que o grupo precisa buscar a resolução de seus problemas do modo mais independente o possível, buscando diminuir cada vez mais a dependência da universidade, prefeitura, etc. Segundo ele: "os nossos problemas têm que</p>	<p>- No trabalho coletivo acredita que as pessoas tenham mais liberdade. Na empresa você vai lá cumprir as coisas (tarefas, horários) ou vai embora. Na cooperativa apesar de ter um ritmo ela é mais flexível facilitando o entendimento das questões que envolvem os outros cooperados.</p> <p>- No grupo às vezes essa questão também tem que ser trabalhada por que pode ser confundida. Há uma dinâmica que precisa ser respeitada para que não recaiam responsabilidades e mais trabalho sobre outros.</p>	<p>- Acredita que aprendeu muito com esse trabalho. O que tem a maior relevância entre tudo é o impacto que o lixo gera no mercado inclusive para fora do país.</p> <p>- Outro destaque é para o conhecimento do material. Antes de trabalhar no empreendimento não imaginava a infinidade de tipos e designações que os produtos podem receber.</p> <p>A educação aparece na hora de conversar quanto maior for o nível de instrução escolar, mais fácil é o estabelecimento de um diálogo.</p> <p>- Como cooperado, acredita que o sistema que a prefeitura está estabelecendo - em pegar algumas pessoas e montar cooperativas remunerando no final do mês como se fossem funcionários - não dá certo.</p>

<p>um salário mínimo e o local de trabalho é no galpão FRAGET.</p>	<p>complicada de se conversar.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Acredita que falta iniciativa para algumas pessoas, e isso dificulta a relação. Enquanto alguns estão trabalhando exaustivamente, outros se esforçam pouco.</li> <li>- Outro ponto difícil que aparece é a questão administrativa. Tanto a pesagem como o caixa, exige que a pessoa conheça o procedimento de cada um deles e que anote tudo (entradas e saídas), por que senão em seguida surgem os conflitos. No passado já houve problemas na administração, mas como não se tinha como comprovar as questões o grupo teve que deixar de lado e se reestruturar.</li> </ul>	<p>ser resolvidos por nós mesmos”.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Não mudaria de atividade por conta da idade avançada.</li> <li>- Em função disso, avalia que no galpão ele tem condições de aprimorar seus conhecimentos e conhecer coisas novas. Fora daqui (galpão) existem poucas oportunidades para quem tem mais idade e possui pouco tempo de escolaridade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A dinâmica coletiva é interessante, pois uns ajudam os outros. Ele mesmo é aposentado, mas segue trabalhando por que assim tem uma renda um pouco maior e faz uma coisa que gosta. Acredita que a sua participação no grupo está bastante vinculada a ajudar o grupo (essa foi a razão pelo qual ele passou a trabalhar na cooperativa)</li> <li>- Ele é membro da associação de moradores da comunidade.</li> </ul>	<p>- Essa é uma maneira que, provavelmente, funcione como qualquer outra coisa, menos como uma cooperativa de fato, pois não haverá entendimento adequado dos trabalhadores sobre como as coisas acontecem.</p>
--	--	---	---	---

Das informações sistematizadas acima, podemos destacar nesse momento, um aspecto ou o que poderíamos chamar de “nuance pedagógica” existente nos dois ambientes de coleta e separação de resíduos. Podemos entender como nuances, pois o trabalho desenvolvido em uma mesma atividade é representando de modo distinto em cada espaço e por cada trabalhador.

Nos relatos temos o elemento comum, como a argumentação de que o trabalho é considerado pesado. No entanto, somente em um local essa questão de alguma maneira pode ser atenuada mais rapidamente.

No ambiente de rua, o máximo que o trabalhador pode, eventualmente, contar, é com a ajuda de um familiar ou amigo. Mas, das três respostas (dos cooperados) percebemos um indicativo comum com a resposta de que eles *buscam apoio nos demais*.

Se compreendermos o exercício da autogestão como uma prática eminentemente pedagógica, nesse caso, ela encontra uma correspondência estrita quando estabelece que as dificuldades referidas - *da atividade pesada* -, pode aqui estar representada como uma limitação física, mas, mais adiante, ela também demonstra ser de ordem intelectual na medida em que os trabalhadores precisam adquirir conhecimentos sobre a gestão econômica, jurídica e relacional do seu empreendimento, colocando a necessidade de uma prática que, como já referimos no início do presente texto, é de natureza dialógica, pois requer que todos os elementos sejam apreciados e encaminhados coletivamente.

O fato de que um trabalhador necessita de ajuda para executar determinada tarefa remete à contingência e ao reconhecimento de que ele nem tudo sabe, ou pode resolver individualmente como manifestam as falas dos entrevistados: “A educação aparece na hora de conversar” (cooperado 03), ou ainda, “Entender que um precisa do outro não é um processo simples nem fácil, apesar de todos falarem isso constantemente” (cooperado 02). É por essa razão que acreditamos que essa situação do ambiente cooperativo revela condições mais propícias para a realização de práticas educativas que o permitido pela individualidade proposta na rua.

Destacamos essa questão pela representação que ela ocupa no momento em que quase todos os entrevistados remeteram à questão comum do “trabalho pesado” e, sobre essa contingência específica, conclui-se, como verificado acima, que cada ambiente percorre caminhos absolutamente distintos para obtenção de uma resposta em relação a essa dificuldade.

## 2.5 Aspectos específicos do trabalho de rua

De acordo com Severo (2008)<sup>20</sup>, os trabalhadores de rua na cidade de Pelotas possuem uma renda média inferior a um salário mínimo mensal e jornadas de trabalho que variam de 04 a 10 horas diárias, sendo esses rendimentos diretamente associados à conjugação do número de horas trabalhadas com os meios utilizados para realização da mesma (utiliza-se charrete, carrinho, *bags* e outros). Em sua pesquisa, Severo (2008) aponta que:

Em resumo, o que parece determinar mais a renda dos catadores de rua do que o tempo é, necessariamente, a quantidade e os tipos de materiais coletados e esta é garantida por estratégias diferenciadas de trabalho, como as rotas percorridas e o relacionamento com os condomínios ou lojas. Se eles disponibilizam papelão, pet e alumínio, só para determinado catador, este pode ter vantagem extra em relação aos demais. É o caso de um dos entrevistados, que disse trabalhar somente quatro horas por dia e conseguir uma renda superior a R\$ 400,00 mensais, pois sai somente no final da tarde e passa em determinados comerciantes que já o conhecem e entregam papelão somente a ele (p. 73).

Atualmente, estima-se que na cidade de Pelotas exista um número aproximado de 1500 catadores<sup>21</sup>. A quantificação exata do número de catadores na cidade é inexistente, pois a Secretaria de Qualidade Ambiental (SQA), da

---

<sup>20</sup> A pesquisa realizada por SEVERO(2008) foi composta por entrevistas com 43 catadores (8 mulheres e 35 homens) constituindo-se enquanto uma pesquisa quanti-qualitativa. Nosso objetivo não é a generalização dos dados e sim tê-los como uma referência de análise.

<sup>21</sup> Considera-se aqui a totalidade daqueles que trabalham com a coleta e seleção de resíduos sólidos incluindo os trabalhadores de rua, dos galpões e dos grupos.

prefeitura municipal, não possui dados mais precisos, principalmente porque os últimos mapeamentos realizados foram efetuados através de um chamamento público para que os catadores comparecessem para preencher uma ficha que constituiria, a partir disso, um levantamento do número de trabalhadores. Naturalmente, a quantidade dos que se apresentaram para informação de seus dados foi infinitamente menor do que o contingente de catadores realmente existentes, não chegando a ser possível estimar exatamente quantos ainda estariam de fora.

A prefeitura iniciou<sup>22</sup> no ano de 2008 um projeto piloto, com vistas à construção de uma política de coleta de resíduos em Pelotas, propondo um zoneamento (estabelecendo uma faixa da região norte da cidade) para implantação de contentores de lixo (lixeiros) que abrigariam material doméstico previamente separado. Seria determinada, inicialmente, uma cooperativa de triagem de resíduos naquela área que receberia esse material e procederia a sua separação. Essa proposta, caso o projeto inicial tivesse viabilidade, seria expandida para outras regiões da cidade. No entanto, desde lá não foi possível conhecer resultados mais efetivos em relação a essa iniciativa, pois o material continua sendo coletado por um mesmo caminhão, que prensa e mistura o lixo (orgânico e inorgânico) e o despeja no aterro sanitário. Além disso, a prefeitura não realizou campanhas específicas de educação para a separação de material de modo que, no geral, as pessoas continuam fazendo (quando fazem) uma seleção muito primária do material, em parte pelo desconhecimento dos tipos de materiais, ou ainda, pela percepção de que o destino segue sendo o lixão e não a reciclagem dos produtos que foram devidamente separados.

O aterro ou lixão é outro lugar onde a catação é realizada além das ruas. Como podemos verificar nos fragmentos de Severo (2008), esse é o local onde os rendimentos atingem valores mais elevados, por conta de ser um espaço de maior concentração de material e, por consequência, de menor deslocamento. A coleta ocorre durante a noite (normalmente entre 21h e 4h da manhã), onde os

---

<sup>22</sup> Tratamos como “início de um projeto piloto”, mas, é necessário ressaltar que na administração anterior (2000-2004) essa mesma proposta já havia sido encaminhada, sendo interrompida pela atual gestão sob a justificativa que deveria ser reavaliada por conta de sua ineficácia.

catadores têm seu ritmo de trabalho estabelecido pelas máquinas, que fazem o aterramento daquilo que não foi aproveitado ou não coletado a tempo, no caso dos resíduos sólidos. Esse local oferece um conjunto de riscos à saúde dos trabalhadores da coleta, em razão do excessivo contato com materiais de toda espécie, havendo registros de encontro inclusive de material de origem hospitalar, que por lei, tem que ter um destino específico e não o aterro, assim como também, acidentes com máquinas que acabam atingindo catadores, inclusive com casos de amputação de partes ou membros do corpo.

Os trabalhadores de rua, da mesma maneira, estão sujeitos aos riscos da coleta no trânsito, pois necessitam circular entre os veículos no centro e nas ruas mais movimentadas em todos os horários do dia ou da noite. Estes têm sua rotina e dinâmica de coleta imposta por fatores que incluem a antecipação em relação ao recolhimento do caminhão, que em muitas situações ocorre à noite. Há também a necessidade de carregarem consigo seus filhos (no caso de catadores que têm toda sua família vinculada à coleta ou não tem com quem deixá-los) durante sua atividade de rua. Esses fatores constituem-se como limitadores da circulação noturna que alguns indicam ser bastante rentável por ser o horário onde o comércio do centro da cidade desfaz-se de caixas e outros materiais que podem ser aproveitados por eles.

A concorrência entre os catadores acontece de modo mais evidente entre os trabalhadores de rua. Apesar dos catadores do lixão indicarem que lá também ocorre a concorrência, eles a descrevem como sendo menor, tendo em vista a relação entre os próprios catadores e a abundância de material. Muitos se conhecem e são vizinhos, pois, praticamente, todos residem nos arredores da denominada Vila Castilhos.

Os trabalhadores de rua relatam a incidência frequente de roubo de material dos carrinhos, assim como corridas entre charreteiros para coleta em pontos onde o material é disponível em maior quantidade ou melhor qualidade, como, por exemplo, nos condomínios que fazem a separação dos resíduos e não entregam sempre a um mesmo catador, mas àquele que chegar antes para realizar a retirada do material.

Durante as entrevistas, essa situação pode ser confirmada por um de nossos entrevistados que teve sua carroça assaltada por pelo menos três vezes durante sua rota de catação nas imediações do Mercado Público Central.

Segundo ele, o tempo em que o papelão esteve sozinho foi apenas o tempo em que ele percorreu o trajeto de uma quadra e no seu retorno ele se deu conta que a quantidade de material restante era bem menor.

Em relação a esse mesmo aspecto (de competição ou solidariedade de rua), em outra das abordagens, enquanto o catador conversava conosco, outro se aproximou de uma lixeira sem perceber que estávamos ali. Imediatamente, após o reconhecimento entre eles, o recém-chegado afastou-se sinalizando que não recolheria o material, pois o outro já estaria organizando-o.

Nesses dois casos constatamos que os catadores estabelecem entre si um regime organizado no que se refere ao conhecimento dos seus percursos de coleta e também da relação individual de amizade na rua.

Como não é possível que todos se conheçam e formem vínculos relacionais na produção, aqueles que de algum modo chegam a esse estágio deixam de ser potencialmente concorrentes e “ladrões” de matéria-prima, para tornarem-se os aliados e protetores em relação aos desconhecidos da rota.

Os catadores, quase que na sua totalidade, por causa do longo período de tempo que realizam a coleta de rua, circulam nos mesmos locais e coletam quase sempre nos mesmos pontos. Esse fator passa a ser um elemento de dinamização produtiva e também de laço com seus fornecedores de modo que, quase em regra, lojas, mercados, condomínios, estabelecimentos bancários e outros, repassam seus materiais para os mesmos catadores.

No ambiente de catação, outra variante considerada é a relação dos catadores com os atravessadores<sup>23</sup>, principalmente no quesito “fidelidade” de venda. Esse elemento aparece na circunstância em que o catador consegue obedecer à entrega de material em qualidade e quantidade constantes no mesmo

---

<sup>23</sup> Mesmo conhecendo a distinção entre os termos “compradores” e “atravessadores” aqui eles serão utilizados como sinônimos para designação do agente intermediário da cadeia que realiza a compra e a venda dos materiais coletados pelos catadores.

ponto de venda, assumindo uma relação de permanente “freguesia” como é denominada por eles.

Os trabalhadores que mantêm uma relação assídua, passam a obter benefícios que constituem uma relação de dependência e dominação implícita com o comprador, na medida em que este faz a cedência dos carrinhos (no geral, de tração humana), o que permite um maior acúmulo de material, como também faz doações de cestas de alimentos (normalmente mediante a entrega de uma quantidade fixa mínima de materiais durante o mês), além de fazer adiantamentos e, até mesmo, empréstimos financeiros quando algum catador precisa.

Além destas questões que reforçam o caráter de dependência com seus compradores, um dado importante que a pesquisa de rua nos trouxe é que a grande maioria dos entrevistados busca resolver suas dificuldades em relação à coleta justamente nos pontos onde realiza a venda de seus produtos.

Os trabalhadores, em razão de estarem vinculados à coleta há muitos anos (de 03 a 20 anos), relataram que são os atravessadores que os orientam sobre os procedimentos de coleta e separação dos seus resíduos.

Alguns indicativos obtidos através da presente pesquisa nos levam a crer que na cadeia de reciclagem os catadores de rua estão na posição dos que maior esforço despendem e que menor remuneração recebem. O catador desenvolve a etapa mais penosa do processo, tendo como contrapartida o retorno mais baixo na relação custo-benefício e aquele que, provavelmente, ao final, constitui-se então como explorador mais próximo dentro da cadeia, e é ainda o que “educa de modo benevolente” o trabalhador para realização do seu trabalho.

Essa afirmação pode derivar de uma simples comparação em relação ao trabalhador de rua e do galpão.

Em ambos os espaços, utiliza-se o argumento de que o trabalho é “muito pesado” e esse elemento surgiu nas entrevistas quando os trabalhadores foram perguntados sobre se gostariam de mudar de atividade e por quê. Dos nove entrevistados apenas dois disseram que preferem seguir nesta atividade.

A razão apresentada pelos dois é de já terem vivenciado situações bastante difíceis de reinserção no mercado formal de trabalho por conta da idade avançada e da baixa formação escolar. Os demais apontam o desejo de encontrar outra alternativa de renda.

A constatação feita pelos catadores em torno da maior dificuldade de trabalho realizado de modo individualizado, surge através de questões, por exemplo, relacionadas à impossibilidade de divisão, rotatividade e compartilhamento do trabalho durante a coleta e separação.

Em uma exemplificação bastante simples, um fardo de PET ou papelão que pesa, respectivamente, aproximadamente 100 kg e 150 kg - no galpão - não será movido por apenas um trabalhador, enquanto que na rua, um catador que estiver coletando com um *bag* esses produtos, provavelmente despenderá muito mais tempo e trabalho para obter o equivalente a um fardo, pois não conseguirá transportar essa mesma quantidade de PET ou papelão, tanto pelo peso como pelo volume produzido, visto que o material na rua pode ser apenas amassado ou dobrado, não obtendo, portanto, a mesma compactação que a máquina é capaz de gerar.

Em umas das situações da pesquisa, um catador de rua relatou que durante muitos anos coletou fios de eletricidade e ganhava um valor relativamente bom pelo produto vendido (em torno de R\$5,00 Kg), pois dali é extraída da parte interior apenas o cobre, que por sua vez, possui um valor bem maior em relação ao citado acima (cerca de R\$ 8,50). Porém, como esse catador vendia o fio em seu estado natural de uso (cobre coberto com plástico) seu ganho era inferior por se tratar de um material caracterizado como “misto”.

Em regra, esses trabalhadores não possuem local adequado para abrigo do material enquanto aguardam a venda. Esse armazenamento ocorre nos pátios e dentro das próprias casas, como podemos verificar a partir dos relatórios (2007) organizados pelas equipes de incubação da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares. Isto porque a venda em quantidade incorpora maior valor que a venda diária e em menor volume, principalmente se o catador realizar um processo primário de separação para venda. Essa questão torna-se mais

complexa, evidentemente, em estações de maior ocorrência de chuvas, pois o material que tem maior valor de venda e disponibilidade de mercado é o papel, e o papelão que tem contato com a água perde as propriedades necessárias e conseqüentemente valor de mercado.

Em relação aos valores pagos pelos materiais coletados, esses podem sofrer variações contínuas e recentemente (2008), por conta da crise econômica, o montante repassado para cada tipo de produto teve seu valor significativamente reduzido. Diante disso, quase todos tiveram uma redução em torno de 50% se comparado com o início do valor do mesmo ano.

Atualmente, essa defasagem de mercado vem sendo recuperada de modo que os catadores e separadores têm vendido seus produtos por valores como<sup>24</sup>:

Papel branco .....	0,32
Papel misto .....	0,12
Sucata .....	0,14
PET verde.....	0,80
PET branca.....	1,20
Plástico filme .....	0,25
Plástico branco .....	0,65
Alumínio .....	2,00

O vidro não está mais sendo coletado por conta da ausência de mercado consumidor na cadeia, por isso seu valor é extremamente reduzido chegando a ser vendido por R\$ 0,02 kg.

Por fim, as discussões e dados indicados neste capítulo tiveram por objetivo trazer para o trabalho a apresentação dos meios e das condições em que o trabalho com a coleta está sendo realizado, pois acreditamos que, pensar os processos educativos afastados do seu contexto político e histórico, perde o seu sentido reflexivo sob o risco de tornarem-se inócuos e distantes de iniciativas que possam atuar e transformar tal realidade.

---

<sup>24</sup> Valores fornecidos pelo Galpão FRAGET (Dezembro de 2010)

### **3 TRABALHO E EDUCAÇÃO: OS ASPECTOS DOS TENSIONAMENTOS EXISTENTES.**

#### **3.1 Considerações sobre a organização do trabalho na sociedade contemporânea**

O capítulo que se inicia tem por objetivo dar prosseguimento às reflexões de como o trabalho na coleta e separação de resíduos produzem práticas pedagógicas nos seus espaços individuais e coletivos de realização. Até aqui, nossos referencias buscaram expor um debate sobre a organização, nos termos mais gerais de como o setor encontra-se organizado, bem como, analisar como os trabalhadores, sujeitos desta pesquisa, percebem que esse aprendizado ocorre.

A seguir, o texto proporá uma discussão em torno das transformações no mundo do trabalho enquanto elementos importantes e necessários de estudo, pois elas são os reflexos e as razões que desencadeiam o surgimento de novas categorias de trabalhadores e das novas formas de relação com o trabalho. Após a apresentação destas questões, nossa proposta centra-se na análise de como a educação deve estar inserida nesse processo e qual o papel que lhe cabe realizar no processo de relação dos homens com seu trabalho, especialmente na coleta e separação de resíduos.

Em Antunes (1999), podemos constatar que a organização do trabalho tem sofrido uma série de transformações nas últimas décadas, especialmente, a partir da intensificação das políticas associadas ao desenvolvimento do neoliberalismo e da globalização econômica. Esse processo é resultado de um conjunto de medidas que estiveram associadas à privatização de parte do sistema estatal, desresponsabilização do Estado em relação ao oferecimento de respostas às condições básicas de emprego, educação, saúde, previdência, etc, às camadas mais empobrecidas da sociedade.

Nesse contexto de desenvolvimento produtivo, essas modificações incorporam um conjunto de elementos vinculados à flexibilização das relações de trabalho que fragilizam a classe trabalhadora, precarizando, significativamente, as condições da venda da força de trabalho, como podemos ver representadas nas palavras do próprio autor no que se refere a essa questão:

Como resposta à sua própria crise, iniciou-se um processo de reorganização do capital e de seu sistema ideológico e político de dominação, cujos contornos mais evidentes foram o advento do neoliberalismo, com a privatização do Estado, a desregulamentação dos direitos do trabalho e a desmontagem do setor produtivo estatal, da qual a era Thatcher-Reagan foi expressão mais forte: a isso se seguiu também um intenso *processo de reestruturação da produção e do trabalho*, com vistas a dotar o capital do instrumental necessário para tentar repor os patamares de expansão anteriores. (1999, p. 31)

A reestruturação produtiva preconizada pelo capital pode ser verificada, principalmente, nas grandes cidades onde a força de trabalho fica acumulada, gerando um aumento ainda maior do chamado “exército industrial de reserva”. Isso permite que o capital e a exploração do trabalho encontrem nesses locais as condições mais adequadas para o seu desenvolvimento.

No verbete “exército industrial de reserva” do Dicionário do Pensamento Marxista (2001) esse processo aparece como:

A reserva de uma força de trabalho desempregada e parcialmente empregada é uma característica inerente à sociedade capitalista, criada e reproduzida diretamente pela própria acumulação do capital, a que Marx chamou exército industrial de reserva. A acumulação de capital significa o crescimento deste, mas significa também novos métodos de produção, de maior escala e mais mecanizados, que a concorrência obriga os capitalistas a adotar. O crescimento do capital aumenta a demanda por trabalho, mas a mecanização substitui os trabalhadores por máquinas e, com isso, reduz essa demanda. (p.144)

Nas palavras do próprio Marx (1985), podemos representar essa questão com o seguinte excerto:

Mas, se a população trabalhadora excedente é produto necessário da acumulação ou do desenvolvimento da riqueza com base no capitalismo, essa superpopulação torna-se, por sua vez, a alavanca da acumulação capitalista, até uma condição de existência do modo de

produção capitalista. Ela constitui um exército industrial de reserva disponível, que pertence ao capital de maneira tão absoluta como se ele o tivesse criado à sua própria custa. Ela proporciona às suas mutáveis necessidades de valorização o material humano sempre pronto para ser explorado, independente dos limites do verdadeiro acréscimo populacional. (p.200)

A venda da força de trabalho está submetida, a partir desse processo, às condições de super exploração, principalmente se considerarmos a primazia dos investimentos econômicos em capital constante em detrimento do capital variável. Assim, as taxas salariais são afetadas e as exigências quanto à qualificação de mão-de-obra tornam-se mais rigorosas, pois de acordo com Antunes (2002):

Tem sido uma tendência freqüente a redução do proletariado industrial, fabril, tradicional, manual, *estável* e *especializado*, herdeiro da era da indústria verticalizada. Esse proletariado se desenvolveu intensamente na vigência do binômio taylorismo/fordismo e vem diminuindo com a reestruturação produtiva do capital e o desenvolvimento do *lean production*, a expansão ocidental do toyotismo e das formas de horizontalização do capital produtivo, a flexibilização e desconcentração (e muitas vezes *desterritorialização*) do espaço físico produtivo. Ou ainda motivado pela introdução da máquina informatizada, com a 'telemática' (que permite a relação direta entre empresas muito distantes, por meio do vínculo possibilitado pelo computador, bem como a introdução de novas formas de 'trabalho doméstico'), dentre tantos elementos causais da redução do proletariado estável, anteriormente referido. (p. 102)

A mão-de-obra demandada pelo sistema pós-fordista requer o oferecimento de um trabalho de base polivalente, ou seja, aquele em que o operário reúna os conhecimentos e habilidades que permitam a execução de um conjunto de tarefas que vão desde uma ordem mais simples (repetição, por exemplo) até administração de ferramentas e equipamentos mais complexos (como uma máquina computadorizada).

A flexibilização do trabalho na perspectiva da reestruturação produtiva gera um processo de informalização do trabalho, substituindo a então forma convencional da fábrica para um tipo de reprodução que está à margem da indústria, e que pode de alguma maneira, articular-se como o referido trabalho informal ou não. A articulação que pode ser pensada é a que se relaciona à terceirização ou prestação de serviço que não cria o vínculo do trabalhador com a indústria capitalista.

A referência realizada há pouco, sobre o conceito de Marx de exército industrial de reserva, pode ser retomada no nosso texto, à medida em que ela, de alguma, maneira identifica a população de catadores que integra esse estudo.

Dentro das normas gerais de desenvolvimento das forças produtivas capitalistas, marcadas pelo incremento tecnológico e, por consequência, pela substituição do trabalho humano pelas máquinas, esse exército vai sendo incorporado às novas e distintas formas de organização do trabalho. Nesse sentido é que os catadores e separadores de materiais recicláveis são incluídos em novas e crescentes categorias de trabalho.

Podemos perceber, pela pesquisa realizada recentemente por Ricardo Severo (2008) intitulada *“Catadores de Materiais Recicláveis da Cidade de Pelotas: Situações de Trabalho”*, que os catadores e separadores de resíduos sólidos da cidade de Pelotas são egressos, em número expressivo, da indústria de conserva, que chegou a empregar um contingente de aproximadamente quatorze mil trabalhadores no período de safra, e hoje, esse número atinge no máximo seis mil<sup>25</sup>, representando uma queda de mais de 50% dos postos de trabalho existentes até então.

Como reflexo das transformações nas relações de produção e desaceleração econômica da região, a grande maioria tornou-se desempregada ou subempregada, vindo procurar na coleta e na separação uma alternativa de trabalho.

Essa questão pode ser representada na realidade de uma cooperada do Galpão FRAGET, quando perguntada sobre o que fazia antes de trabalhar no galpão<sup>26</sup>.

Eu era dona de casa, trabalhava em casa. Aliás, eu já tinha trabalhado antes aqui, no primeiro grupo no galpão lá embaixo eu já tinha trabalhado seis anos aqui. Aí depois eu sai, fiquei dois anos fora e agora

---

<sup>25</sup> Dados fornecidos pelo Sindicato dos Trabalhadores dos Trabalhadores da Indústria, Cooperativa e Alimentação de Pelotas - STICAP

<sup>26</sup> Essa entrevista foi realizada no ano de 2009, por Solaine Gotardo e Janaína da Silva Guerra em razão da pesquisa exploratória desta dissertação e também para pesquisa diagnóstica vinculada ao trabalho de incubação do NESIC/UCPel. Esse relato foi utilizado, pois desde lá já vínhamos organizando os dados da presente pesquisa e essa cooperada permanece no empreendimento até o momento. As entrevistas são inéditas e suas transcrições encontram-se nos arquivos da referida incubadora.

voltei de novo. Mas eu não trabalhava, nunca trabalhei fora assim, o primeiro serviço mesmo foi aqui. A não ser na fábrica que eu trabalhava como safrista, na Veiga. Trabalhei duas vezes, foi logo que eu vim pra cidade, depois não trabalhei mais. Aí depois eu peguei aqui, trabalhei seis anos aqui, aí sai, fiquei dois anos fora e agora tô aqui de novo.

Ela, assim como outros cooperados e trabalhadores representados no quadro de sistematização de entrevistas, apresentado acima, já estiveram vinculados a ocupações a partir do mercado formal da indústria, construção civil, serviços domésticos e outros. Esses últimos, atualmente permanecem presentes na rotina dos catadores e separadores na condição de “bicos”, já que, por exemplo, o trabalho formal doméstico vem sendo substituído pelo trabalho de diaristas que é caracterizado, na sua maioria, pela sua informalidade e reduzida periodicidade, não permitindo a dedicação exclusiva do trabalho sobre ele.

Ainda nesse eixo, podemos considerar o caso do catador 06 (seis), que relata ter abandonado a atividade de pedreiro em razão da sua sazonalidade, alegando que o trabalho tinha uma demanda considerável apenas nos meses que antecediam o final do ano. Dessa forma, no período em que não estava trabalhando como pedreiro passou a ter na coleta a sua atividade complementar de renda. Atualmente, após o abandono da atividade anterior, ele tem na coleta sua ocupação central de trabalho e seus rendimentos chegam ao equivalente a quase dois salários mínimos.

Nesse contexto de transformações das relações de trabalho e das formas que essas têm assumido, há um conjunto de discussões que apresentam o fim da centralidade do trabalho e da consequente falência da teoria que compreende a existência de classes sociais no interior da sociedade capitalista.

Esses elementos têm sido apresentados por alguns autores que estão situados nas correntes políticas com as quais o nosso texto não possui consonância.

Entretanto, entendemos que a origem da modificação nas relações de trabalho, conforme Antunes (2007), mantém no centro de suas causas o conflito de interesses entre classes antagônicas, constituindo o que ele denomina *classe-que-vive-do-trabalho* como caracterização da classe trabalhadora moderna, conforme explicita:

A classe-que-vive-do-trabalho, a classe trabalhadora, inclui hoje a totalidade daqueles que vendem sua força de trabalho, tendo como núcleo central os trabalhadores *produtivos* (no sentido dado por Marx especialmente no Capítulo VI, Inédito). Ela não se restringe, portanto, ao trabalho manual direto, mas incorpora a totalidade do trabalho social, a totalidade do trabalhador coletivo assalariado. Sendo trabalhador produtivo aquele que produz diretamente mais valia e participa diretamente do processo de valorização do capital, ele detém por isso um papel de centralidade no interior da classe trabalhadora encontrando no proletariado industrial o seu núcleo principal. (ANTUNES, 2007, p. 102)

Assim, a noção de classe trabalhadora apresentada reafirma o papel central do trabalho no sistema capitalista, indicando que esse trabalhador é aquele que realiza a venda de sua força de trabalho a partir de condições determinadas (objetivas e subjetivas), à medida que tem intensificado seu estranhamento em relação às formas de reprodução e exploração de seu trabalho.

Em síntese, o que buscamos recuperar através dessa interpretação é a centralidade do trabalho no processo de transformação das relações de produção do capitalismo, no qual a relação de dominação de classes (com interesses contraditórios) é condição presente e necessária para reprodução do capital, muito embora, atualmente, ela possa ser apresentada de modo mais complexo que no passado.

### **3.2 Perspectivas Pedagógicas no trabalho**

Muitos dos trabalhadores que hoje estão vinculados à economia solidária e aos grupos em que os recicladores e separadores estão associados, antes estavam vinculados ao mercado formal de trabalho e, portanto, integravam a categoria de trabalhadores assalariados. Essa noção, por sua vez, indica as dificuldades e as demandas do trabalho coletivo, que faz com que os trabalhadores se vejam como agentes da produção e não apenas como ferramentas produtivas, como por muito tempo foram compreendidos. Nesse sentido, a concepção de Gramsci (2004) e de Freire (1987), torna-se importante

para a “recuperação” da autonomia e sentimento de capacidade que cada homem necessita adquirir na nova condição.

Essa cultura de trabalho recente é marcada pela repetição de tarefas e, também, pelo distanciamento da participação no espaço da produção, conseqüentemente não é raro, nos grupos, muitas pessoas perceberem ainda assim. O sentimento de incapacidade para o trabalho intelectual no grupo é bastante forte, de modo que muitos temem a ideia de assumir uma função dirigente, ou até mesmo administrativa devido a esse histórico perceptivo.

Estes autores trabalham para a constituição desse novo homem como agente ativo na sociedade. A formação desses espaços emancipadores, que podem ser entendidos como alternativas para superação da condição de subalternidade social, política e econômica, necessariamente determinada pelo sistema capitalista, tornam-se essenciais para a construção da sociedade socialista do nosso tempo.

Não basta apenas atingir o mais elevado grau de entendimento crítico das relações sociais estabelecidas, pois isso, não altera as condições de dominação e opressão da sociedade, porque emancipar-se é ir muito além da compreensão do sistema e da necessidade de transformá-lo. É preciso, sobretudo, que se assuma a intervenção real sobre as condições materiais. Essa atuação não deve ser despreziosa e sim orientada para o tipo de sociedade que deseja construir. Freire (1992) afirma que:

É por isso que alcançar a compreensão mais crítica da situação de opressão não liberta os oprimidos. Ao desvelá-la, contudo, dão um passo para superá-la desde que se engagem na luta política pela transformação das condições concretas em que se dá a opressão. (p. 32)

Essa construção confere a necessidade de um entendimento ideológico mais profundo, que constitui a importância de uma práxis política dos trabalhadores, e pode ser sistematizada a partir da compreensão da realidade, articulada com a atuação sobre ela e não mais com a contemplação de melhorias ou com a democratização da estrutura dentro do próprio sistema capitalista. Este sistema não possui como base filosófica extinguir, em absoluto, a exploração de

uns sobre os outros. Assim, esses trabalhadores buscam aliar sua atividade produtiva com a construção de conhecimentos e práticas que os tornem sujeitos de seu próprio processo histórico.

O desenvolvimento das relações sociais capitalistas tem limitado cada vez mais os processos decisórios aos espaços formais da democracia representativa. Em muitas situações essa condição torna-se um argumento para justificar a omissão e o abandono em relação às reivindicações e luta de direitos dos trabalhadores e da participação concreta junto aos instrumentos de organização e de controle social.

A expressão dessas dificuldades, sobretudo no âmbito econômico (que preserva e assegura as “liberdades individuais” e a concorrência de mercado), reflete na imensa maioria da população o seu empobrecimento e venda de força de trabalho em condições cada vez mais barbarizadas. Democratizar o sistema capitalista serve somente para assegurar de um modo diferenciado a reprodução e o funcionamento do capital, mas sem alterar na essência a forma de organização do mesmo.

Não estamos aqui sugerindo que outros espaços que permitem uma maior participação e integração dos indivíduos na vida social e econômica, mesmo que configurados de modo limitados, devam ser abandonados. Apenas entendemos que uma atuação política simples e desorientada (no sentido do caminho das transformações mais efetivas) produz reduzido impacto, ou mudanças efetivas na realidade da nossa sociedade.

Neste sentido, a superação das relações capitalistas de produção pressupõe uma intervenção política e social através da práxis realizada pelas ações dos sujeitos, tanto em seu exercício individual quanto coletivo.

Em Mészáros (2006) essa questão está posta da seguinte maneira:

Assim, além da reprodução, numa escala ampliada, das múltiplas *habilidades* sem as quais a atividade produtiva não poderia ser levada a cabo, o complexo sistema educacional da sociedade é também responsável pela produção e reprodução da estrutura de *valores* no interior da qual os indivíduos definem seus próprios objetivos e fins específicos. As relações sociais de produção reificadas sob o capitalismo não se perpetuam automaticamente. Elas só o fazem por que os indivíduos particulares *interiorizam* as pressões externas: eles

adotam as perspectivas gerais da sociedade de mercadorias como os limites inquestionáveis de suas próprias aspirações. É com isso que os indivíduos “contribuem para manter uma concepção de mundo” e para a manutenção de uma forma específica de intercâmbio social, que corresponde àquela concepção de mundo. Assim, a transcendência positiva da alienação é, em última análise, uma tarefa educacional, exigindo uma “revolução cultural” radical para a sua realização (p. 263 e 264)

A formação da concepção de mundo dos indivíduos deve fazer-se, fundamentalmente, pela participação e conhecimento de todos os espaços, tornando o trabalho um espaço/momento educativo.

Em muitos outros espaços, a Economia Solidária procura trabalhar no rompimento das relações subordinadas (aparentemente intransponíveis), constituídas pelo modo de produção capitalista, orientando-se para a apropriação cada vez mais elevada do controle do trabalho pelos próprios indivíduos.

No trabalho cooperativo, essa questão pode ser considerada um tensionamento constante, na medida em que, como já enunciado em outros momentos do nosso texto, a cultura do trabalho conhecida pelos trabalhadores é de orientação capitalista, com valores profundamente introjetados nas práticas de trabalho. Através da convivência coletiva, o trabalhador está sujeito a um exercício de relacionamento até então desconhecido quase que em sua totalidade.

Esses elementos, no nosso entendimento, assumem representação quando ouvimos a cooperada 02:

Uma diferença importante no trabalho da cooperativa é de que o cooperado tem mais liberdade. Com patrão, ele é quem determina como as coisas devem ser e mesmo que você pense diferente, tem que fazer por que ele está mandando. Aqui se você estiver fazendo direitinho ninguém vai ficar cobrando nem dizendo como é que tem que fazer. Cada um sabe o que tem que fazer e não deve esperar que o outro mande. Todos precisam ter visão do que é a cooperativa e do que tem que fazer. A partir disso, tem que ter iniciativa de trabalho coletivo.

O que, tanto a cooperada acima como o cooperado 03 (ver no quadro) referem-se, é de que na cooperativa os cooperados precisam estar imbuídos pelo interesse de apreender e participar dos espaços aos quais são chamados para o exercício da cooperação. Ambos relatam que ocorreram várias situações em que

os espaços de aprendizados (oficinas, trocas de experiências, palestras), foram apresentados ao grupo e boa parte não teve interesse em estar presente, tratando sempre como uma ideia de representação da sua vontade em termos como: “Ah, você vai sempre, melhor ir de novo porque eu não entendo nada”, ou ainda, “o que você disser eu concordo, sou burro, não vou saber explicar depois o que foi discutido lá”; e assim por diante.

Nas palavras dessa mesma, quando perguntada sobre os conhecimentos que possui da cooperativa, muito orgulhosamente disse que sabe fazer tudo; “Sei pensar, pesar, separar e tudo mais”. *E da parte administrativa você tem interesse de participar?*

Essa é então, a resposta que obtivemos:

Pelo amor de Deus, não (*risos*). Isso é coisa que já me perguntaram mil e cinquenta vezes. Não, eu não tenho... a minha cabeça é muito esquecida, esquecida, esquecida demais e eu não teria cabeça pra guardar muita coisa, então, não. Eu prefiro não! Eu gosto de fazer qualquer outra atividade aqui, menos esse tipo de coisa. Deus me livre! Isso não é pra mim, não é pra minha cabeça.

E sobre a pergunta: *Até que série tu estudaste?*

Até a quinta série. Passei pra quinta série e parei. Nem me fala, Deus que me perdoe, eu não gosto de estudar. E eu moro longe, eu moro lá no fim da Farroupilha, lá nos fundos da Rodoviária e muitas vezes eu saio daqui de noite, tenho que atravessar isso tudo aí sozinha, aí eu já tenho um certo receio. Também chego em casa cansada, faz uma coisa, faz outra, então é muito cansativo.

Como podemos observar, há uma profunda resistência em relação à ideia de participação nos processos de gerenciamento do EES. Se prestarmos a atenção, há uma breve referência (nas primeiras duas linhas da primeira citação) à insistência para sua participação também na esfera administrativa e não só na etapa estritamente produtiva (separação, pesagem, etc) por parte dos demais cooperados.

Esse foi um caso específico utilizado como exemplo. No entanto, em situações similares a essa (e recorrentes no grupo), que podem estar associadas a limitações físicas ou de entendimento (normalmente atribuída ao pouco tempo de estudo) para assumir individualmente (mesmo que temporariamente) uma

função, a cooperativa estabelece que todas as pessoas devem, de alguma maneira, “ajudar” (estarem próximas) do(a) “encarregado(a) da vez”.

A cooperada 01, por exemplo, ingressou na cooperativa há aproximadamente um ano e atualmente está assumindo a tesouraria do empreendimento, pois foi eleita pelo grupo para participar de várias oficinas propostas pelo NESIC/UCPel, onde ela e outros representantes de empreendimentos debateram sobre questões relacionadas a livros contábeis e organização administrativa.

Essa cooperada apresenta em sua compreensão:

Estou aprendendo muitas coisas novas. Desde que entrei tive contato com materiais distintos e agora estou trabalhando na parte administrativa do empreendimento, o que é um desafio muito grande.

Até sair do empreendimento para participar das oficinas, acompanhou o cotidiano da então responsável pelas finanças do grupo. A contrapartida exigida pelo empreendimento é de que quando as oficinas fossem cumpridas fora de lá, ela deveria fazer um breve relato do que havia aprendido e de como isso iria refletir na organização do grupo. Quando a oficina acontecia no empreendimento, mesmo que nem todos trabalhassem na contabilidade, todos deveriam participar do debate

O resultado concreto é que depois de várias oficinas realizadas, tanto no espaço da universidade como na cooperativa, atualmente o grupo conseguiu estruturar um quadro de receitas e despesas do empreendimento que, mensalmente, é atualizado e exposto para conhecimento dos demais.

Esses exemplos, por mais simples que possam parecer, quando relatados em um texto, na prática são significativamente complexos e demorados, produzindo nos grupos muitas discussões que resultam nos tensionamentos que referimos. Isto ocorre porque estão presentes vários elementos relacionados aos conhecimentos, ao interesse em assumir atividades consideradas mais difíceis, à capacidade de interação com outros (às vezes de fora do empreendimento) e até mesmo em questões de gênero já ocorreram situações dentro do empreendimento onde as trabalhadoras, por interferência de seus maridos,

estiveram impossibilitadas de participar das atividades em que elas estariam fora da cooperativa ou precisariam viajar (mesmo que por um dia) para outros locais.

Assim, retomando as considerações de Marx, o trabalho é o espaço de ressignificação e criação humana e é por ele que o homem se realiza. Portanto, é impossível admitir que nos moldes de um sistema explorador em que os homens estão subjugados à condição de máquinas - não porque elas atingiram o status da inteligência humana, mas sim, porque os homens foram reduzidos ao trabalho das máquinas - não se encontre alternativas de transformação social e dignificação do trabalho humano.

Educar-se para a transformação social requer que, coletivamente, vivenciemos a cultura da disciplina e do respeito, em uma dimensão que demanda a introjeção de valores e hábitos livres e distintos do preconceito e da cultura da individualidade enquanto uma concepção mais ampla de sociedade.

A questão disciplinar referida possui significativa importância no processo coletivo vivenciado pelos trabalhadores no interior dos empreendimentos solidários (que constitui um dos ambientes de nossa pesquisa), pois ocupa um sentido profundamente pedagógico e fortemente identificado com a perspectiva de disciplina proposta por Freire (2008), que encontra-se articulada e atuando em consonância com o princípio do compromisso com o outro. Esse conceito aparece em relação ao papel docente no espaço educativo onde a liberdade é constituída pela existência de uma permissão sem licenciosidade, que é forjada, em certa medida, a partir de uma força externa que determina e educa.

No trabalho coletivo, essa analogia pode ser entendida a partir do momento em que o trabalhador concebe seu espaço de trabalho e seu nível de participação como um espaço de aprendizagem e que, ao invés da força externa (nesse caso o professor), o grupo confira a ele um conjunto de direitos e obrigações. Disciplina, nesses termos, constitui-se como uma condição necessária para a realização da autogestão no empreendimento, pois é a partir dela que o trabalhador demonstra sua implicação e comprometimento político com os demais.

Ao visualizar a possibilidade de realização de um trabalho que analise as práticas educativas utilizadas pelos trabalhadores que associaram sua atividade

produtiva à dimensão concreta do exercício pedagógico e filosófico – embasada na construção de um espaço que privilegiasse a organização do trabalho sobre uma perspectiva autogestionária mais próxima à concepção de trabalho dos grupos associados – fez com que percebêssemos que estes trabalhadores buscam sua autonomia enquanto sujeitos da história, diferentemente daqueles que encontram-se atomizados na esfera do trabalho, ainda ancorados à estrutura do sistema que não permite a formação do ser em sua plenitude como sujeito e não mais enquanto objeto da história.

Contudo, há que se pensar que os mecanismos de regulação do trabalho produzido pelos grupos devem ser entendidos na dimensão mais ampla de transformação do pensamento, traduzindo-se em um processo de construção da autonomia e da autogestão no empreendimento como princípio da organização social.

Segundo o Dicionário Marxista (2001), “autogestão” depreende duas dimensões:

Em sentido estrito, autogestão refere-se à participação direta dos trabalhadores na tomada de decisões básicas nas empresas. Os meios de produção são socializados (de propriedade da comunidade dos trabalhadores ou da totalidade da sociedade). Diretamente nas comunidades menores, ou, nas maiores, através de delegados ao conselho de trabalhadores, estes decidem sobre as questões básicas de produção e distribuição da renda. A gestão técnica operativa fica a eles subordinada, sendo por eles controlada. Num sentido mais geral, a autogestão é uma forma democrática de organização de toda economia, constituída em vários níveis de conselho e assembléias. [...] autogestão é a estrutura básica da sociedade socialista na economia, na política e na cultura. Em todos os domínios da vida pública - educação, cultura, pesquisa científica, saúde, etc. (BOTOMORE, p. 23)

A construção da experiência da transformação da maneira do relacionamento humano, tanto entre os homens como com o trabalho, nos parece uma circunstância genuinamente pedagógica. Esta compreensão se constrói como podemos perceber, em István Mészáros (2007), de modo que:

Apenas a mais ampla das concepções de educação pode nos ajudar a perseguir o objetivo de uma mudança verdadeiramente radical, proporcionando instrumentos de pressão que rompam a lógica mistificadora do capital. Essa maneira de abordar o assunto é, de fato,

tanto a esperança como a garantia de um possível êxito. Em contraste, cair na tentação dos reparos institucionais formais – “passo a passo”, como afirma a sabedoria reformista desde os tempos imemoriais – significa permanecer aprisionado dentro do círculo vicioso institucionalmente articulado e protegido dessa lógica autocentrada no capital. (p. 48)

A exploração da força de trabalho associada ao processo de reestruturação produtiva tem exigido uma análise bem mais apurada no sentido de se compreender de que modo os indivíduos encontram-se alocados no interior dela. A intensificação do desenvolvimento tecnológico em detrimento da mão-de-obra humana tem marcado as relações entre trabalho e capital de modo profundo, e conforme Ranieri (2001):

No capitalismo, a tríade propriedade privada - troca - divisão do trabalho, preconizada pela economia política como uma relação “natural” não é aceita por Marx, porque não se pode confundir divisão do trabalho com caráter *social* do trabalho. A superação deste estranhamento está justamente na possibilidade de se opor o caráter social do trabalho ao estranhamento intrínseco à divisão social do trabalho, a qual ocupa seu lugar neste mesmo estranhamento a partir do momento em que sintetiza a divisão entre trabalho intelectual e trabalho material. (p. 17)

Entende-se, por isso, que os processos educativos necessitam ocupar-se mais atentamente dessas relações, não apenas no sentido de traduzi-las como expressões da evolução das relações humanas, mas também, de auxiliar no avanço do processo de consciência, e da apropriação das tecnologias, dos conhecimentos e da autonomia, fatores esses que indicam a superação da condição daqueles que apenas fornecem a mão-de-obra para o complexo mercado do capital.

Em Georg Lukács (1989), a essência da formação do indivíduo se dá na articulação entre o particular e o universal, entre o indivíduo e a sociedade, de modo que essa exata intersecção é que estabelece as condições de superação e da reinvenção das relações humanas.

Lukács contraria na base as prerrogativas do capitalismo e da sua forma produtiva na medida em que indica que o processo de alienação, componente fundamental para preservação e reprodução do ciclo capitalista, deverá ser combatido pelos indivíduos a partir da apropriação e do entendimento da própria

dinâmica e contradição advinda do capital. Ou seja, quando os trabalhadores tiverem assimilado essa relação e compreendido que, encontram-se colocados no interior deste processo, poderão, através da organização da classe, intervir no sentido de alterar essa correlação de forças.

As condições poderão ser gestadas na medida em que o trabalho for reconhecido como eixo central nas relações de produção, ocupando a posição de mediação entre o indivíduo e a natureza a partir da perspectiva da reconstituição ontológica do homem. Desse modo, todas as demais categorias tornar-se-iam subjacentes à centralidade da primeira, que seria a única capaz de elevar a condição *biológica do ser* para a realização do *ser social*, segundo Lukács (2004).

O central desse debate é extrairmos o entendimento de que o trabalho ocupa em Marx e Lukács a centralidade do desenvolvimento humano, a partir da articulação de todas as suas dimensões, diferentemente do entendimento que resguarda a separação entre a etapa da concepção e o momento da produção, ou seja, um movimento que divide trabalho como *meio* e trabalho como *fim*.

A construção desse processo, segundo o texto de Organista (2006), em Lukács toma contornos mais claros da seguinte maneira:

O momento de síntese entre teleologia e causalidade é constituído de objetivação que, ao mesmo tempo, transforma a realidade e a própria subjetividade. A consequência disso é que para Lukács, a teleologia é uma experiência de todo ato laborativo da vida cotidiana. Podemos exemplificar tal assertiva: um homem idealiza um vaso de cerâmica, em sua cabeça, constrói todos os processos que o possibilitará dar forma ao que antes era tão-só, o ser-em-si, neste caso argila. Isso implica em tomar decisões baseadas na investigação dos meios e do conhecimento da natureza para atingir o objetivo previamente idealizado. Daí derivar a interação entre teleologia (prévia-ideação) e causalidade (natureza objetiva). (p. 135)

Os indivíduos adquirem tanto uma concepção de trabalho como um entendimento de si e do mundo em uma perspectiva radicalmente diferente, dentro da estrutura de produção capitalista e, como parte da dominação ideológica, realizam o processo de naturalização de relações sociais, que assemelha *sujeitos e mercadorias*, em que ambos possuem valor de uso ou valor de troca.

Na medida em que o sujeito, visto pelo sistema capitalista como possuidor de valor (de uso ou de troca), torna-se consequência da construção de uma (auto) equiparação desse indivíduo a coisas e, ainda, do mundo mediatizado pelas coisas e não mais a partir do entendimento de um conjunto de relações sociais constituídas, fundamentalmente, por relações interpessoais e não somente entre coisas que, em síntese, reafirmam a tese de que o capitalismo reduz toda força humana à condição de mercadoria (força de trabalho).

O sentido do estudo acerca do entendimento humano percorre o caminho construído por Marx na construção do conceito de concreto social em que a definição surge como a busca pela *totalidade* social. O sentido da totalidade é compreendido como o resultado do processo dialético de análise social partindo para o todo subjetivo, seguindo o movimento de estudo das partes constitutivas para reconstituição da totalidade. A análise de Marx no texto da Introdução à Contribuição da Crítica da Economia Política (1859), pode ser entendida através do movimento contínuo que parte da tese para formação de uma antítese, com a obtenção de uma síntese, num processo de decomposição e reconstrução dialética da realidade social que é produto não da soma de partes, mas pela integração entre as partes que encontram-se interligadas como causa e consequência da outra constituídas pelo movimento de contradição e complementaridade entre elas.

Lukács (1989) evidencia que:

Ao estabelecer-se referência à totalidade concreta de que resultem as determinações dialéticas, transpõe-se a simples descrição e alcança-se a categoria da possibilidade objectiva. Ao referir-se a consciência à totalidade da sociedade, descobrem-se os pensamentos e os sentimentos que os homens teriam tido numa determinada situação vital, se tivessem sido capazes de perceber perfeitamente essa situação e o interesse dela decorrentes tanto no tocante a acção imediata quanto no que diz respeito a estrutura de toda sociedade, que é conforme a esses interesses; descobrem-se portanto os pensamentos etc, conforme a sua situação objectiva ( p. 64)

Assim, a consciência é incorporada e ressignificada no percurso e assegura que a nova síntese não é a simples soma das partes, mas sim, as partes é que produzem a totalidade do processo.

Mészáros (2002) vai dispor destes instrumentos de análise para pensar a partir da educação um processo de transição para uma nova sociedade à qual ele caracteriza como socialista. No seio de outra sociedade os indivíduos não seriam simples fornecedores de força de trabalho, mas sim, os protagonistas de sua própria história e agentes ativos na construção desta. Porém, a “humanização” do homem é possível apenas fora do controle exercido pelo sistema capitalista. Em qualquer outra condição os indivíduos estarão subordinados a alguma forma de opressão, dependência e alienação.

Essa transformação deve ser radical e antagônica à lógica conformista. Ela é antes de tudo uma espécie de “contrainternalização”, por isso ela é necessariamente radical. Pressupõe ainda uma mudança de comportamento e de consciência do conjunto dos indivíduos, indicando o horizonte de um novo ordenamento social para além do capital. Mészáros (2007) aponta que:

Portanto, desde o início o papel da educação é de importância vital para romper com a internalização predominante nas escolhas políticas circunscritas à “legitimação constitucional democrática” do Estado capitalista que defende seus próprios interesses. Pois também essa “contrainternalização” (ou contraconsciência) exige a antecipação de uma visão geral, concreta e abrangente de uma forma radicalmente diferente de gerir as funções globais de decisão da sociedade, que vai muito além da expropriação, há muito estabelecida, do poder de tomar todas as decisões fundamentais, assim como das suas imposições sem cerimônias aos indivíduos, por meio de políticas como uma forma de alienação por excelência da ordem existente (p. 61).

Mészáros indicou elementos associados ao papel da educação a partir do sistema descrito por Marx, que dispõe do trabalho humano com vistas à acumulação do capital, através da escravização do próprio homem. A filosofia proposta por esse sistema e seus ideólogos, é reproduzida no texto de Mészáros como a busca pela redução da condição humana e das habilidades criativas brutalizadas; comparadas a de animais quando ele retoma a posição Taylorista que indica a consciência animalizada; na qual o trabalhador ideal para realizar o trabalho com ferro fundido, é aquele que se assemelharia a um boi, de modo que “ele é tão estúpido, que a palavra ‘percentagem’ não tem o menor significado para ele” (idem p. 71).

A reprodução do capital a partir do que Mészáros (2002) entende por *produção destrutiva*, revela um avanço de forças que condicionam ao desenvolvimento da produção na perspectiva da destruição das condições necessárias e fundamentais, inclusive para a autorreprodução do próprio sistema capitalista, caracterizando-a dessa maneira, como *crise estrutural do sistema*, em função dela produzir uma degradação sistêmica e de recursos esgotáveis, forçando a realização de um processo de transformação da própria lógica do capital que tende ainda, a permanecer atuando em favor de si.

Assim, o sistema capitalista vive um reordenamento, preconizado pelos países imperialistas<sup>27</sup> que controlam a economia mundial, a exemplo dos EUA, que passaram para uma fase de recrudescimento no processo de intervencionismo político e econômico a partir da força, impondo uma dinâmica militarizada que prepondera na busca de territórios estratégicos, visando à dominação dos recursos naturais e sociais.

Isso se soma aos elementos que reforçam a perspectiva e importância da radicalidade do processo pedagógico, criticando ou indicando os limites de uma proposta educativa que não questione profundamente o ordenamento do capital. Esses termos são reiterados na medida em que o grande pressuposto da educação consiste na superação da internalização dos valores do capital para a adoção de princípios que elevem os sujeitos à sua liberdade. Essa etapa estaria associada à autoatividade criativa humana, constituída através da autogestão para própria emancipação.

A educação protagoniza a superação das mediações capitalistas de segunda ordem que asseguram, ideologicamente, a alienação humana posta a partir de relações mercantilizadas e *fetichizadas* para a construção de uma automeiação, numa condição inversa à anterior, que busca o reconhecimento do homem a partir do seu próprio trabalho, indicando que, para a emancipação humana, de acordo com Mészáros (2002) temos:

---

<sup>27</sup> Utilizamos o termo imperialista a partir do verbete apresentado no Dicionário do Pensamento (BOTTOMORE, 2001) como a designação dos países desenvolvidos que exercem dominação e controle em relação aos menos desenvolvidos ou daqueles que possuem dependência econômica ou política.

As mediações de segunda ordem do capital constituem um círculo vicioso do qual aparentemente não há fuga. Pois elas se interpõem, como 'mediações', em última análise destrutiva da 'mediação primária', entre os seres humanos e as condições vitais para a sua reprodução, a natureza (p.179).

A alienação nesse processo cumpre o papel de afastamento do homem de seu *ser genérico*, aproximando-o da brutalização de sua própria consciência. Em MARX (2006), isso está expresso por meio da perda do reconhecimento do homem nas dimensões mais profundas de sua relação com o mundo, pois compromete seu entendimento em relação à sua natureza (si mesmo), aos outros, ao processo de produção e também, do produto do seu trabalho, como poderemos ver em Marx (2006):

Na medida em que o trabalho estranhado 1) estranha do homem a sua própria natureza, 2) [e o homem] de si mesmo, de sua própria função ativa, de sua atividade vital; ela estranha do homem o *gênero* [humano]. Faz-lhe da *vida genérica* apenas um meio de vida individual. Primeiro, estranha a vida genérica, assim como a vida individual. Segundo, faz da última em sua abstração um fim da primeira, igualmente em sua forma abstrata estranhada. Pois primeiramente o trabalho, a *atividade vital*, a *vida produtiva* mesma aparece ao homem apenas como um *meio* para satisfação de uma carência, a necessidade da manutenção da vida física. A vida produtiva é, porém, a vida genérica. É a vida engendadora de vida. No modo (Art) da atividade vital encontra-se o caráter inteiro de uma espécie, seu caráter genérico, e a atividade consciente livre é o caráter genérico do homem. A vida mesmo aparece só como meio de vida (p. 84).

Entendemos, a partir disso, que o centro da proposta marxista reside na articulação necessária do processo de identificação do homem em sua atividade vital: o trabalho. Assim, a educação deve estar associada a uma acepção mais ampla, fazendo parte da vida. Entendemos que, o que autor pretende apontar com essa assertiva, é em relação à importante presença da educação em um processo de formação integral do sujeito que está significativamente para além do processo formal de ensino, mas sim, para a coletivização do trabalho como exercício de todos os sentidos e as formas de educação e do trabalho.

Esses indícios conservam a profundidade e a indissociabilidade de questões elementares para emancipação do homem e construção de uma nova sociedade: a harmonia da relação entre teoria e práxis, assim como a articulação entre o sujeito e a totalidade.

### 3.3 A formação de uma *pedagogia do trabalho*

O conceito de Pedagogia Social ajuda-nos a refletir sobre a necessidade que os grupos e os trabalhadores encontram para constituição da sua própria Pedagogia do Trabalho, que corresponde a um processo de educação não formal, onde, de acordo com Caro (2009):

O que ocorre na educação não-formal, normalmente vem embasado no que se chama de *Educação Social*, que por referência é conteúdo e objeto da Pedagogia Social. Entende-se aqui a Educação Social como processo das relações proporcionadas na estrutura da Educação não-formal. Justamente, este ambiente de relações educativas que a diferencia da atual estrutura da Educação Formal (p. 153).

Historicamente, o termo *pedagogia* esteve significativamente associado à forma convencional de educação, proveniente do meio escolar, acadêmico ou outras derivações de viés institucional. Porém, a determinação de Pedagogia Social pode ser entendida e associada à concepção de uma *pedagogia popular* relativamente recente e bastante vinculada à proposta de educação popular.

No Brasil, a constituição da proposta de Educação Popular é marcada pela formação de um sistema pedagógico crítico, voltado à compreensão da realidade em um período de profundas restrições de liberdades políticas e de pensamento, iniciada na década de 60, com um golpe de Estado que instaurou a ditadura militar no Brasil, caracterizando, pelo menos, duas décadas de violência e de silêncio no país. Essa educação é constituída pelas bases de uma educação de princípios não autoritários, a partir de espaços de resistência e resistência crítica sob a égide de uma realidade estabelecida.

Essa proposta pedagógica popular é estabelecida na medida em que os grupos e os indivíduos se lançam na busca de diálogos e ações transformadoras no educar-se para o mundo e para novas relações de trabalho. A educação, nesta proposta pedagógica, apresenta-se como o princípio e instrumento desvelador de uma sociedade de desigualdades e de elevada concentração de renda, o papel de transformar a realidade a partir da constituição de sujeitos críticos que persigam a superação da sociedade de classes e, com isso, a

superação da condição de oprimidos e opressores, na acepção de Freire (1987), de modo que:

A violência dos opressores, que os faz também desumanizados, instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, aos buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealmente opressores, mas restauradores da humanidade de ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. (p. 30-31)

Ciente da clareza de suas observações sobre os opressores e oprimidos, Freire consolida sua visão de Educação numa perspectiva em que esta prioriza a formação do sujeito crítico e não mais objeto. Portanto, é através da Educação Popular que se articula a proposta da Pedagogia Social no Brasil, a qual indica para a formação de um sujeito crítico e atuante entendendo que “a educação não-formal visa contribuir para a formação integral do sujeito, envolvendo o crescimento pessoal, a consciência da cidadania e a possibilidade de sua inserção na sociedade” (CARO *in* Neto e Silva, 2009 p. 151).

Na Alemanha, originalmente o trabalho da Pedagogia Social esteve mais diretamente relacionado a uma atuação voltada ao atendimento de necessidades imediatas, como, por exemplo, aquelas onde a área do Serviço Social respondia, caracterizada pela definição do auxílio à resolução de problemas como consumo de álcool, tabaco, portadores de HIV, etc, e a utilização desse conceito perseguia a busca pela “formação integral e máxima” do sujeito.

No entanto, desenvolver uma pedagogia de integração implica uma série de limites relacionados ao tipo de sistema ou ordem social a que estamos submetidos. A crítica aponta para um tipo de formação integral relacionada/voltada para a inserção do trabalhador ao mercado de trabalho, em uma lógica instrumental de utilização das habilidades e competência para o desenvolvimento e reprodução da ordem do capital sobre a exploração do trabalho humano.

Reportamos aqui a lógica de um sistema que, como descreve Flickinger (2009):

[...] sob esse ângulo, não é de se admirar que hoje a porta de entrada para a sociedade de trabalho passe, em primeira linha pela qualificação do indivíduo segundo as necessidades econômicas. Uma qualificação que as impõe como objetivo principal ao sistema de educação. O processo de formação vê-se guiado pelas diretrizes da racionalidade econômica que servem também como critérios para avaliação de resultados (p. 03).

Se entendermos a perspectiva formativa da educação, na base da constituição de conhecimentos e qualificação de mão-de-obra para o mercado capitalista, a lógica da pedagogia social pode integrar-se profundamente à proposta da pedagogia do trabalho, em especial, à pedagogia do trabalho associado, que visa para além da criação/recriação do próprio trabalho, a uma possibilidade de construção de um espaço socialmente transformador.

Assim, de acordo com Sander e Schütz (2010), a concepção da Pedagogia Social ocupa um espaço central, na medida em que:

Propõe, por consequência, uma mudança de postura em relação aos problemas sociais: busca abordar, entender, e superar, suas causas de um ponto de vista pedagógico, com a participação ativa – em todas as fases do processo – do público envolvido. A convicção fundamental é a de o estímulo e fortalecimento da autonomia somente ser possível quando é dada ênfase pedagógica ao trabalho social. (p156 e 157)

Na perspectiva pedagógica social, descrita acima, os empreendimentos solidários demandam a organização de uma estrutura não convencional de trabalho capitalista, cujo objetivo central passa pela inserção e apropriação dos trabalhadores sobre a atividade por eles desenvolvida. Esses elementos assumem uma função sobremaneira importante, na medida em que os EES são compostos por um significativo contingente de trabalhadores com reduzido tempo de formação escolar, ou seja, a permanência na atividade pedagógica institucionalizada foi abandonada muito precocemente, principalmente porque, esses trabalhadores foram obrigados a deixar seus estudos e buscar alternativas de sobrevivência, ocupando espaços no mercado de trabalho formal que não

demandavam conhecimentos especializados (construção civil, domésticas, etc).

A questão a ser perseguida nesse cenário está relacionada aos trabalhadores que, em sua grande maioria, evadiram precocemente do sistema escolar, forçados a buscar atividades laborais que demandaram novos conhecimentos que teriam que ser adquiridos/assimilados no cotidiano do trabalho. De acordo com Tiriba (2001):

Assim que os trabalhadores não vêm tendo acesso à escola ou não tem conseguido permanecer nela, é preciso pensar em espaços alternativos de educação que permita aos trabalhadores “dominar a máquina”, ao mesmo tempo que permitam recriar o processo de trabalho dando-se conta de quem beneficia-se da ciência, da tecnologia e da riqueza produzida (p. 224).

Apesar do trabalho em qualquer atividade ou nível de reprodução demandar conhecimentos e produzir aprendizados, esses trabalhadores, diferentemente dos cooperados nos empreendimentos solidários, aparentemente, não precisam se preocupar diretamente com a manutenção de seus espaços de trabalho, no sentido de estarem voltados para a administração e gerenciamento de suas unidades produtivas. Esse fator não pode ser entendido como insignificante, principalmente quando tratamos do desempenho puro e simples de uma atividade e quando discutimos para além da realização dela, mas, fundamentalmente, quando tratamos da dinâmica de um trabalho gerido coletivamente, esse elemento assume uma condição essencial.

Conforme Tiriba (2001), os trabalhadores associados encontram dificuldades profundas no tocante ao controle, à gestão e aos outros aspectos relacionados à formalização e o registro jurídico dos empreendimentos solidários. O trabalho sobre essas questões requer conhecimentos mais específicos e especializados do que os voltados à constituição de instâncias de decisão e de socialização dos temas relacionados ao seu produto ou ambiente de trabalho. Tiriba (2007) explana que:

Para os trabalhadores que não tiveram acesso a uma educação básica de qualidade social, e que historicamente estiveram relegados às tarefas de execução, a questão da viabilidade econômica de suas organizações é tema que preocupa de sobremaneira, constituindo-se hoje em dia

como um importante conteúdo programático nos cursos de formação. Sem dúvidas, um dos problemas associados na produção é a sua pouca familiaridade com as práticas de administração e gestão e a incipiente maneira que têm tratado as questões econômicas e financeiras. (p. 01)<sup>28</sup>

Nesse sentido, queremos chamar a atenção para uma significativa diferença, que se constitui como uma tarefa fundamental entre trabalhadores assalariados e os trabalhadores organizados em empreendimentos solidários autogestionados, qual seja, a necessidade que o segundo possui de encontrar mecanismos que assegurem a continuidade de seu posto de trabalho e por consequência a garantia de sua sobrevivência e de sua família.

No trabalho de campo desta pesquisa, essa questão esteve bastante evidenciada na fala dos entrevistados, na medida em que estes indicam que a questão financeira e administrativa do empreendimento acaba por ser desempenhada por aqueles trabalhadores que possuem um nível de escolarização maior que os outros. Diferentemente da ocupação de outros postos no interior da cooperativa o processo administrativo requer um conjunto de informações que nem todos podem disponibilizar.

Na rua, essa questão aparece de modo mais simplificado em razão de que os trabalhadores ocupam-se menos com essas questões tendo em vista a realização de vendas frequentes e individualizadas, isto é, no empreendimento citado existe um conjunto de aproximadamente 80 catadores que comercializam produtos no local e cerca de 10 trabalhadores que fazem retiradas mensais e, ainda, realizam uma série de gastos que precisam ser calculados (gerenciando um montante maior), enquanto que na rua, temos uma única pessoa que é responsável tanto pela coleta, como pela venda do seu produto.

Não apresentamos uma questão simples do ponto de vista da educação quando olhamos para a prática dos grupos, os mecanismos e os instrumentos pedagógicos buscados para articulação e integração da gestão econômica e participação política dos trabalhadores no seu empreendimento.

---

<sup>28</sup> Texto: Educação Popular e Pedagogia da Produção Associada, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622007000100006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622007000100006&script=sci_arttext) > Acesso em 13 de julho de 2009.

Referenciamos, anteriormente, e reafirmamos novamente o princípio de que o trabalho remete a uma atividade eminentemente pedagógica, porém, essa forma é infinitamente variável e fundamentalmente distinta, quando os pressupostos de análise indicam como referências empreendimentos solidários e os de rua, pois, na última versão, a organização econômica condiciona e submete o trabalho e o trabalhador à reprodução do capital secundarizando outras dimensões humanas que existem e estão integradas ao processo de produção. Assim, o princípio educativo incorpora elementos e posições diferenciadas em cada ambiente, exigindo uma abordagem e conceituação particular.

Na tentativa de demonstrarmos esse movimento, a partir das constatações no campo da pesquisa, compusemos um quadro demonstrativo das distintas formas pedagógicas que surgem na realização e separação da coleta em ambas as versões analisadas.

O quadro não pretende ser nenhum sistema analítico determinista da representação das informações, mas, foi pensado como forma de evidenciar mais estruturadamente alguns elementos.

Trabalhadores do EES	Trabalhadores de Rua
As tarefas são realizadas coletivamente e todos trabalhadores conhecem o sistema de funcionamento do empreendimento.	O trabalho é realizado individualmente, no máximo, com mais algum familiar e ele conhece somente o que ele realiza.
Os trabalhadores participam de espaços de formação (seminários, encontros, fóruns etc).	Não participam de cursos de qualificação, nem buscam informações em outros espaços sobre a sua atividade.
O galpão recebe periodicamente escolas, universidades e grupos que os visitam com o objetivo de conhecer sua dinâmica de trabalho.	Raramente são entrevistados ou consultados para realização de estudos e pesquisas sobre o seu trabalho ou forma de vida.
A cooperativa realiza palestras e trabalho de conscientização para separação adequada dos resíduos fora do galpão.	Não mantém vínculo social e/ou pessoal nos locais onde coletam.
Todas as dimensões do trabalho, como por exemplo, aquisição de maquinários, ampliação de instalações, organização de livros contábeis e gestão do empreendimento, etc são discutidas em reuniões semanais ou quinzenais no grupo.	As definições são tomadas somente por eles. No máximo, realizam alguma discussão com o sucateiro que compra seu material.
Em situações mais graves como inundações, doenças e outros, a cooperativa e a associação de moradores realizam campanhas de doativos dentro do bairro, buscando assistir os cooperados, os catadores que entregam produtos na cooperativa e os demais moradores do entorno.	Não possuem nenhum tipo de assistência (a não ser em situações em que a prefeitura encaminha doação de sacolas de alimentos e roupas). Eventualmente recebem alguma doação de moradores
Nos momentos de dificuldade para realização das tarefas, os cooperados buscam resolver suas dúvidas juntos aos demais trabalhadores do empreendimento.	Em virtude de sua individualidade, esses trabalhadores dialogam com seus compradores sem o estabelecimento de vínculos com outros catadores.

A tentativa, através da exposição do quadro, é a de constituir mais algumas referências na elaboração dos indícios que levam à nossa questão central. Retomando: quais são, então, as práticas pedagógicas produzidas no

trabalho de seleção e coleta de resíduos sólidos em sua versão individual e coletiva de organização?

Diferentemente do que imaginávamos quando formulamos tal questão, essa não é uma resposta simples nem objetiva, das quais os sujeitos dessa pesquisa possuem clara percepção.

O trabalho em regra é desenvolvido de modo “descolado” de qualquer processo crítico de reflexão sobre o que ocorre e por que ele ocorre. O dado concreto que trazemos nesse texto sobre esse aspecto é que os trabalhadores de rua dizem não aprender nada com a atividade por eles desenvolvida.

Os trabalhadores de rua ainda complementam dizendo que o que era preciso aprender já foi decifrado no primeiro período de trabalho – referindo-se ao reconhecimento do tipo de material que os mesmos precisam recolher. Afora esse elemento, há um domínio reprodutivo do processo que não permite que, ao contrário do processo cooperativo, reconheça-se a necessidade de entender ou conhecer mais do que é feito.

Quando perguntávamos aos trabalhadores de rua sobre o que eles poderiam destacar como aprendizado com a sua atividade, obtivemos um único caso relatado em que o trabalhador foi capaz de determinar o que ele entendia concretamente enquanto aprendizado.

A situação relatada pelo catador foi que na perspectiva de elevar seu ganho e vendendo o que realmente interessava ao atravessador (o cobre), o catador citado passou a guardar uma grande quantidade de material e desenvolveu uma estrutura (grade) de metal, na qual ele acendia abaixo do material uma fogueira, gerando o derretimento da camada de plástico que envolve o cobre obtendo a extração do produto que realmente possui valor, deixando de vendê-lo como material “misto”, mas como cobre puro.

Prosseguindo no relato do catador, esse procedimento era realizado somente durante a madrugada, pois a informação dada a ele é de que os sucateiros não podem comercializar cobre, pois isso, constitui um mercado ilegal. Por temor a essa informação, durante todos os anos em que derreteu esse material, sempre fez e faz no período da noite.

Essas considerações foram trazidas ao texto na perspectiva de representar que grande parte dos trabalhadores vivencia um profundo processo de distanciamento da realidade à qual estão submetidos. Quando consultados sobre sua formação e atualização de conhecimentos, todos argumentam desconhecimento sobre o assunto e absoluto desestímulo para, por exemplo, retornar à escola, curso de formação, palestra, reunião ou até mesmo participar de qualquer espaço organizativo e representativo da categoria<sup>29</sup>.

Nesse processo, aqueles que detêm a força de trabalho necessitam superar os limites de pensar sobre as suas práticas apenas no sentido de uma *pedagogia da necessidade*, como formas e meios que visem assegurar a sua sobrevivência sem representar uma *pedagogia revolucionária* (Mclaren, 2002), que possa de fato propor mudanças estruturais do ponto de vista das condições materiais. Nesta acepção pedagógica partimos do seguinte entendimento, segundo Peter Mclaren:

Uma pedagogia revolucionária da classe trabalhadora enfatiza a participação ativa de estudantes e trabalhadores/trabalhadoras em sua própria auto-educação como cidadãos e cidadãs ativos ligados à luta para a auto-realização e coexistência - é um processo pelo qual trabalhadores e trabalhadoras obtêm controle sobre o seu trabalho intelectual e físico (p. 94).

E, segue ainda:

Uma pedagogia revolucionária da classe trabalhadora objetiva transformar a consciência do “ser em alienação”, desenvolvendo uma consciência crítica. Devemos enfatizar que a alienação não é fundamentada no mundo das abstrações hegelianas, mas envolta dentro das relações sociais materiais de produção. (p. 94)

A educação, portanto, ao atuar de modo isolado das demais formas de organização social não estabelece uma transformação das relações de dominação, do mesmo modo que a simples coletivização do trabalho pode, nos mesmos termos, servir apenas à maximização dos ganhos e a organização do

---

<sup>29</sup> Esse trabalhadores foram reconhecidos enquanto categoria “catadores” (de papel, papelão e sucata) pela Classificação Brasileira de Ocupações – CBO, instituída através da portaria ministerial de nº 397 de 09 de outubro de 2002, com o objetivo de identificar as ocupações no mercado de trabalho. Fonte: [HTTP://:mteco.gov.br/cbsite/pages/home.jsf](http://mteco.gov.br/cbsite/pages/home.jsf) – Consulta realizada em 06 de janeiro de 2011.

capital (muito embora em alguns casos se pense estar realizando o inverso disso)<sup>30</sup>. A condição de coletividade da organização da produção não assegura o princípio da reflexão, nem tanto do entendimento e discussão das próprias condições de desempenho das tarefas cotidianas. Fazemos essa observação, buscando prevenir o erro da afirmação de que o trabalho coletivo por si só assegura as condições para emancipação humana.

Nosso texto busca algumas reflexões para a discussão sobre a categoria e a emancipação entre as concepções de Marx e Bauer no texto “A questão Judaica”.

A questão central remetida pelo texto reside na diferenciação estabelecida por Marx (2005) entre a emancipação política e emancipação humana, como podemos verificar a seguir:

Bauer ocupou-se em discutir as questões do problema da emancipação requerida pelos judeus no que tange à sua dominação em relação ao estado cristão indicando para a necessidade de que os judeus pensem a sua emancipação a partir da disposição ou da necessidade de reflexão dos princípios internos relacionados à sua própria condição religiosa; ou seja: “ ao pretender a emancipação do Estado cristão, o judeu exige que o Estado cristão abandone seu preconceito religioso. Por acaso ele abandona o seu?”(p. 11)

Esse fragmento indica, para Bauer, os fundamentos do processo de emancipação política em que a condição necessária de superação da dominação em relação a uma situação específica (no caso a do Estado cristão sobre os judeus), inicia, fundamentalmente, pelo questionamento em relação à sua condição determinada.

A crítica de Marx surge, nesse contexto, quando ele indica que a emancipação religiosa não assegura os termos da emancipação humana. Pensar somente na superação do Estado cristão em relação ao judaísmo é uma falsa premissa sobre a verdadeira emancipação do homem. Esse limite pode ser atribuído a uma substituição natural da visão do anterior Estado cristão à de um

---

<sup>30</sup> Há quem não concorde com esse entendimento, justificando que o fato de o trabalho estar sendo realizado de modo coletivo produz interações e, por isso, assegura a existência algum tipo de unidade ou debate mesmo que específico. Isso não deixa de ser verdadeiro, mas nos parece limitado e fragmentado quando se comparado a possibilidade de constituição de um processo de intervenção e organização prática e consciente dos trabalhadores.

Estado burguês, e mesmo que ocorra a desvinculação religiosa do Estado irá manter-se a visão religiosa de antes, que aprisiona o entendimento ao que era direcionado à crença teológica e que agora passa a ser associada à visão de Estado burguês.

Nessa lógica, Marx (2005) comprova que a saída fornecida por Bauer ao povo judeu não expressa nem mesmo as condições para emancipação política que, para ele, não prescinde necessariamente do rompimento religioso, como podemos ver:

Por isso, não dizemos aos judeus, como diz Bauer: não podeis emancipar-vos politicamente se não vos emancipais radicalmente do judaísmo. Ao contrário, dizemos: podei-vos emancipar-vos politicamente sem vos desvincular radical e absolutamente do judaísmo porque a emancipação política não implica em emancipação humana. Quando vós, judeus, quereis a emancipação política sem vos emancipar humanamente, a meia solução e a contradição não residem em vós, mas na essência e na categoria da emancipação política. (p. 30).

Para Marx, a questão da emancipação possui uma dimensão mais profunda e está associada não somente à questão religiosa como verificamos a pouco, e sim, à noção de Estado político, que por sua vez, estabelece as liberdades e os direitos civis dos indivíduos. O estado político nesta acepção será a expressão máxima de proteção e defesa dos interesses de uma sociedade burguesa, de modo que os valores em vigor serão aqueles que preservem os direitos de propriedade e, por consequência, que assegurem os interesses egoístas dos indivíduos que estão distantes dos valores e do entendimento do homem genérico emancipado em sua totalidade, de modo que:

Sob esta forma, estes elementos determinavam as relações entre o indivíduo e o conjunto do Estado, isto é, suas relações políticas ou, o que dá no mesmo, suas relações de separação e exclusão das outras partes integrantes da sociedade. Com efeito, aquela organização da vida do povo não elevava a possessão ou o trabalho ao nível dos elementos sociais mas, pelo contrário, conduzia à sua separação do conjunto do estado e os constituía em sociedades especiais dentro da sociedade. (idem p.38)

A emancipação em Marx é entendida a partir de momentos distintos, à medida que, esta abarca, o processo de apropriação de bens e riquezas

produzidas em relação à consciência social e política. A emancipação política pode ser vista como parte do processo de emancipação humana, mas que não necessariamente resulta na emancipação do homem. Segundo Marx, a emancipação política seria uma emancipação parcial, pois os homens estariam submetidos a uma lógica de organização autocentrada pelo Estado burguês, enquanto que, a emancipação humana, corresponderia ao estágio mais avançado da consciência e controle integral dos meios de produção por parte da classe trabalhadora.

A emancipação política é a redução do homem, de um lado, há o membro da sociedade burguesa, o indivíduo egoísta independente e, de outro, há o cidadão do estado. Assim Marx defende que:

Somente quando o homem individual real recupera em si o cidadão abstrato e se converte, como homem individual, em ser genérico, em seu trabalho individual e em suas relações individuais, somente quando o homem tenha reconhecido e organizado suas *forces propres* como forças sociais e quando, portanto já não se separa de si a força social sob a forma de força política, somente então se processa a emancipação humana. (idem p. 42).

Seguiremos, portanto, em consonância com a definição de emancipação proposta por Marx, segundo um conceito que persiga a abolição das relações que retiram do centro das relações sociais os homens, como elemento fundante, e seu trabalho como sua mediação em relação ao mundo, e não mais, as outras mediações conhecidas até então por distintas denominações, como religião, dinheiro, propriedade, Estado, etc.

### **3.4 As relações possíveis nos campos da Educação, Trabalho e Economia Solidária**

O sistema de produção de mercadorias vem tendo suas características alteradas e incrementadas a partir do desenvolvimento tecnológico do modelo capitalista. A exploração da força de trabalho vem assumindo a caracterização do descrito pelos ideólogos do liberalismo, como o traçado a partir de John Locke.

Para ele, cada indivíduo é resultado do que for possível a ele acumular e produzir, como fruto de seu esforço e trabalho, ao passo que ao Estado cabe garantir que esse movimento não seja refreado. Nossas relações sociais passam a ser marcadas pelas relações de posse, das riquezas e da lei de mercado, condicionando nas sociedades contemporâneas, uma ditadura que promove as relações humanas a relações entre “iguais por natureza” e diferentes pelo que podem acumular dentro de um mesmo espectro social, reduzindo os indivíduos a mercadorias e agregando-lhes apenas valor de troca.

O processo de globalização econômica e política, encobre as questões essenciais do sistema capitalista, secundarizando o conflito de classes a partir de uma inversão que, aparentemente, torna *consequência* a *causa*. O que estamos procurando dizer é que a atual constituição ideológica e hegemônica busca consolidar a ideia de que os problemas sociais podem ser resolvidos a partir de alternativas que não remetam a transformações mais profundas na estrutura social, querendo apenas a inserção dos trabalhadores no mercado de trabalho. Neste caso, a saída, por exemplo, para o desemprego, deve obter-se através de investimentos econômicos e tecnológicos, gerando novos postos de trabalho, modernizando e inovando a lógica produtiva de natureza, fundamentalmente, assalariada.

O modelo educacional, como reflexo da concepção hegemônica, visa constituir as bases de formação necessárias ao trabalhador para sua capacitação e inserção no mercado de trabalho competitivo cada vez mais exigente e qualificado, sem ocupar-se de outras preocupações das quais as pedagogias críticas, apresentadas anteriormente, realizaram e desenvolveram em suas elaborações teóricas e políticas. Neste cenário, devem ser constituídos os espaços de formulação crítica em torno da estrutura e das relações sociais. Scocuglia (2009) demonstra ser vital que:

Por isso, uma Educação contribuinte para a globalização contra-hegemônica precisa se nutrir, necessariamente, de uma Pedagogia da esperança e da ousadia para combater a Pedagogia do fatalismo e do medo. Precisa estar apta a garimpar e a escalar a autonomia para que seus protagonistas persigam a utopia, o inédito que é viável, enfim a história como processo do novo, da mudança. (p. 237)

Portanto, a constituição de modos alternativos de sobrevivência, ainda que limitados, tornam-se absolutamente significativos por determinarem focos de organização diferenciados em relação às formas convencionais de exploração desmedida do trabalho, assim como, a construção de espaços que estimulem o exercício do pensamento e da organização coletiva.

A Economia Solidária, nesses termos, surge como um processo que reinicia a centralidade do trabalho articulada a uma dimensão humana baseada na perspectiva da construção de valores não capitalistas.

O modelo de organização cooperativa que fundamentou a constituição e os princípios da Economia Solidária<sup>31</sup>, surgiu na Inglaterra das cooperativas, primeiras cooperativas de Rochdale. Esse movimento esteve bastante voltado à indústria têxtil, enquanto que, no Brasil, a origem foi mais fortemente vinculada ao campo nas cooperativas agrícolas. Vale ressaltar que, normalmente, essas cooperativas de produtores mantinham intactos os pilares de uma sociedade capitalista. Esse processo sofre certa retração no período seguinte, tendo em vista as conquistas obtidas pelas organizações de classe em relação às condições de trabalho e salários. Durante a década de 70, impulsionada pela organização dos movimentos sociais de resistência ao contexto político da época, esse conceito é ressignificado e assume um propósito que vem tornando esse movimento massivo e significativamente articulado, a partir dos princípios da Economia Solidária. Um dos principais teóricos no Brasil, Paul Singer (2002), descreve essa retomada como:

O que distingue esse “novo cooperativismo” é a volta aos princípios, o grande valor atribuído à democracia e à igualdade dentro dos empreendimentos, a insistência na autogestão e o repúdio ao assalariamento. Essa mudança está em sintonia com outras transformações contextuais que atingiram de forma profunda os movimentos políticos de esquerda (p. 111).

---

<sup>31</sup> De modo geral, o movimento de Economia Solidária possui denominações distintas. É chamado por vezes de Economia Popular Solidária e Economia Popular, Economia Social, Economia Informal etc. No entanto, utilizaremos apenas a definição de Economia Solidária por entendermos que as demais podem abarcar ou corresponder a referências menos próximas em relação ao nosso trabalho. Apenas aqui utilizamos a caracterização de Economia Solidária por se tratar de uma designação utilizada na origem conceitual a partir do cooperativismo, mas que foi tendo seu sentido redefinido com o desenvolvimento de outros estudos sobre o tema.

A Economia Solidária, em nosso entendimento, abre espaço para substituição do modelo que é centrado no mercado para o fortalecimento de uma dinâmica que coloca as relações humanas como epicentro, proporcionando as condições de trabalho, subsistência e de vida em coletivo como aponta novamente o texto de Singer (2002):

Há, no entanto, uma outra alternativa. A economia solidária é ou poderá ser *mais do que mera resposta* à incapacidade do capitalismo de integrar em sua economia todos os membros da sociedade desejosos e necessitados de trabalhar. Ela poderá ser o que em seus primórdios foi concebida para ser: Uma alternativa superior ao capitalismo. Superior não em termos econômicos estritos, ou seja, que as empresas solidárias regularmente superariam suas congêneres capitalistas, oferecendo aos mercados produtos ou serviços melhores em termos de preço e/ou qualidade. A economia solidária foi concebida para ser uma alternativa superior por proporcionar às pessoas que a adotam, enquanto produtoras, poupadoras, consumidoras, etc, uma *vida melhor*. (p. 114)

Podemos dizer que a atividade produtiva associada a um processo solidário pode proporcionar liberdade aos indivíduos de partilharem um conjunto de tarefas e decisões que caracterizam um processo de utilização das capacidades e habilidades de cada um, principalmente porque a atividade não é mais centrada no “assalariamento do trabalhador”, e da conseqüente extração da mais valia como o modelo de produção capitalista, mas torna os membros responsáveis pela produção, o que resultará em seu retorno econômico, que, contudo, não se encontra absolutamente determinado previamente, mas depende, invariavelmente, da produção que é fruto da organização e envolvimento dos próprios trabalhadores.

Nas palavras da cooperada 02 temos a seguinte definição e sentido para trabalho cooperativo:

Eu acho que o cooperativismo é aquilo que a gente tá fazendo aqui, o trabalho em grupo. Se tiver outras palavras, vocês vão ter que me explicar (risos). Acho que é achar que cada um é dono um pouco também. Eu acho que a hora que cada um entender bem isso, o trabalho rende, porque eu não tô trabalhando pra ele ou pra ela, como muitas vezes a gente escuta, ou pro meu patrão, não é, não tem patrão. Então a gente frisa isso bastante, deixa isso bem claro, porque não é, mesmo que se façam tarefas diferentes, não é.

Diante deste breve relato, podemos constatar que a condição do trabalho coletivo requer o estabelecimento de uma dinâmica de permanente diálogo sobre

o trabalho realizado no coletivo, podendo indicar para a constituição de um processo de consciência do trabalhador em relação tanto ao seu trabalho como daquele executado pelos demais; possibilitando um rompimento com a condição de alienação imposta pela lógica de produção; na qual o trabalhador não se identifica nem com seu produto, nem com a produção, nem mesmo com os demais, e sim, apresenta-se completamente estranho em relação a todas as etapas da produção, levando ao estranhamento de si mesmo.

Não pretendemos, neste trabalho, constituir a ideia de que a Economia Solidária representa uma revolução no modo de produção ou que irá desencadear uma profunda transformação do modelo social vigente. Consideramos, sim, um espaço de implementação de um novo ordenamento na organização produtiva, que pode, somada a outras iniciativas, produzir um impacto na economia e na política. Por si só (e como muitos empreendimentos se portam atuando isoladamente e sem a percepção da necessidade de um trabalho articulado em rede), não ultrapassaram a condição de um espaço em que apenas cada um ordena seu trabalho e a sua fonte de renda.

Sob essa lógica esses empreendimentos nunca exercitarão um *empoderamento*<sup>32</sup> social enquanto classe, do mesmo modo que não terão a possibilidade de abandonar a condição desumana de subordinação e subserviência que é exercida pelas classes ou frações da classe dominante e que abrangem uma parcela reduzida da sociedade.

O EES vem se constituindo, cada vez mais, como um espaço de organização dos trabalhadores no âmbito da produção, procurando articular paralelamente duas dimensões. A primeira delas é a viabilidade econômica e a ocupação formal de postos de trabalho. A segunda, parte desta inserção no mercado produtivo com vistas a tornar esta participação ativa a partir de um modelo diferenciado de organização e divisão do trabalho.

---

<sup>32</sup> O termo *empoderamento* é utilizado no texto a partir do entendimento de Freire (2008) como a síntese das determinações dos sujeitos que são assumidas mediante a tomada de consciência de sua condição. O verbete *empoderamento* no Dicionário Paulo Freire indica que: “a tomada de consciência confere determinado poder às pessoas (e grupos) gerados pelos próprios sujeitos-agentes de um lado. Ele não é outorgado, pelo contrário, é resultado da *práxis* de reflexão e de inserção crítica das pessoas, provocadas pelos problemas ou pela perguntas problematizadoras, que os colocam em ação”. (p. 166)

Em uma acepção mais ampla ela pode ser entendida, de acordo com Singer (2002), como:

A solidariedade na economia só pode se realizar se ela for organizada *igualmente* pelos que se associam para produzir, comercializar, consumir ou poupar. A chave dessa proposta é *associação* entre iguais em vez de contrato entre desiguais. Na cooperativa de produção, protótipo da empresa solidária, todos os sócios da empresa tem a mesma parcela do capital e, por decorrência, o mesmo direito de voto em todas as decisões. Este é seu princípio básico. Se a cooperativa precisa de diretores, estes são eleitos por todos os sócios e são responsáveis perante eles. *Ninguém manda em ninguém* (p.09).

Pretendemos definir a Economia Solidária como um “modelo diferenciado de organização e divisão do trabalho” fundamentada nos princípios de um outro tipo de economia não capitalista, ainda que subordinada à forma capitalista de produção. Dessa forma, a Economia Solidária é, ainda, uma forma limitada nesse aspecto, pois, encontra-se condicionada pela perspectiva hegemonicamente constituída do capitalismo. No entanto, seu estudo remete ao campo de uma alternativa e de como ela pode estar sendo organizada sobre as contradições inerentes do próprio sistema e através dela os trabalhadores estarem constituindo outra forma de relação com o trabalho.

Ela se estabelece enquanto um modelo que além de pensar a economia sob a perspectiva da participação efetiva dos trabalhadores nos seus empreendimentos, demanda uma articulação social mais ampla e um estreitamento das relações comunitárias atendendo às preocupações voltadas à preservação e interlocução com seu meio de inserção imediato e outros espaços sociais e políticos de transformação da ordem capitalista.

Por isso, o que verificamos nesse último capítulo é que os trabalhadores que vivem da coleta seletiva, principalmente aqueles que atuam na perspectiva da Economia Solidária, estão gestando as condições de aprendizagem no trabalho a partir de uma participação mais efetiva e direta na produção, logo, criando e desenvolvendo uma pedagogia de ruptura com o modelo de fragmentação e individualização *no* e *do* trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as questões discutidas nesse texto trazem à luz de suas colocações a pressuposição de que a sociedade de nossos tempos é uma sociedade de classes organizadas sob uma clara divisão estrutural do trabalho, bem como, das riquezas por ele produzidas.

Entretanto, nossa tentativa não se resumiu a tão somente demonstrar a forma de como esse processo de divisão social se expressa socialmente na forma da alienação do trabalho. Também busca apresentar iniciativas que, mesmo dentro do sistema capitalista, estão sendo constituídas enquanto embriões de desenvolvimento de uma nova forma de organização do trabalho e, conseqüentemente, indicativos de um novo ordenamento social.

No intuito de discutir as práticas pedagógicas vividas pelos trabalhadores da coleta e seleção de resíduos, pretendemos destacar, além das práticas educativas, quais as contribuições sociais produzidas por ela.

É nesse cenário que constatamos que:

- a) Enquanto processo de aprendizagem, a atividade de coleta de rua restringe-se a uma reprodução mecânica do trabalho como meio de sobrevivência, sem a percepção da atividade pedagógica implícita.**

Como podemos aferir no presente texto, a grande maioria dos trabalhadores não percebe nenhum tipo de aprendizado no trabalho que realiza. Os relatos que apresentamos corroboram esse enunciado quando os trabalhadores afirmam que suas dúvidas são produzidas apenas no momento inicial do trabalho com a coleta, e que, em pouco tempo de atividade passam a dominar a forma de realização do mesmo em razão do trabalho constituir-se enquanto realidade de rotina constante

Constatamos ainda que, embora essa percepção não se dê em um primeiro momento, ela possui potencial para que ocorra. Essa afirmação está baseada no depoimento do catador de nº 06 que, quando perguntado sobre seu aprendizado com o trabalho, respondeu não possuir nenhuma lembrança concreta sobre isso. Logo adiante, enquanto relatava o processo de separação do cobre do plástico para comercialização, apresentou a técnica desenvolvida por ele para obtenção apenas do cobre, que é o produto de maior valor. Durante todo o diálogo, em nenhum momento esse processo foi reconhecido como conhecimento adquirido por este trabalhador. Por isso, o que resulta dessa constatação é a confirmação de que o trabalho é de fato promotor de processos pedagógicos. O que não ocorre é a percepção de como e quando esses processos se efetivam por parte daqueles que o realizam.

**b) O modelo de coleta individual e a não percepção de sua condição por parte dos catadores, faz com que estes se isolem dos demais trabalhadores, identificando-os como concorrentes e não como parceiros do processo produtivo.**

Essa condição de atomização confere uma relação de tutela por parte dos intermediadores (atravessadores), que é com quem os catadores de rua estabelecem sua fonte de informação e preparação para o trabalho. Tal fato, embora não seja o único, certamente influencia sobremaneira a condição de dispersão e reprodução mecânica do trabalho por parte destes trabalhadores.

**c) Por sua vez, os processos pedagógicos nos EES são percebidos mais intensamente sob os aspectos da organização, gerenciamento e relacionamento entre os trabalhadores.**

Os trabalhadores dos EES, através da atuação coletiva e da criação de espaços de reflexão conjunta, estão sob um processo permanente de troca de saberes e experiências, permitindo que a construção do grupo seja resultado do seu próprio coletivo, sofrendo menor interferência dos agentes externos.

Esse elemento nos faz crer que a forma de organização dos trabalhadores, dentro dos EES, constitui-se enquanto o embrião de uma nova organização social do trabalho. Isso em virtude de seu movimento genuinamente pedagógico, profundamente centrado no processo de auto-organização do trabalho, o qual nos referimos no texto como autogestão.

A autogestão, por sua vez, difunde um modo absolutamente distinto dos valores e da cultura do capitalismo. Ela é uma forma radical de democracia, gestão econômica e participação ativa dos trabalhadores em todas as dimensões de sua atividade laboral.

**d) O impacto produzido no trabalho associativo se expressa no desempenho de uma atividade mais integrada e educativa na esfera produtiva e sob uma condição menos penosa na realização do mesmo.**

É a partir desse aspecto que salientamos a necessidade da constituição de um espaço emancipador dentro da esfera do trabalho através da educação. Mesmo que esse processo seja limitado e conflituoso, pois dentro da cooperativa, nem todos(as) os(as) trabalhadores(as) direcionam suas preocupações para o estabelecimento de relações mais solidárias, democráticas e transformadoras. Entretanto, nas condições em que o trabalho é gestado, muitos trabalhadores que associaram-se aos EES com vistas ao atendimento do exclusivo provimento da sua sobrevivência, passaram com o tempo a comportar-se dentro de uma lógica solidária.

Atentamos também para a questão relacionada à participação destes trabalhadores em outros espaços de organização social e política. Para pensarmos a emancipação humana, faz-se necessário observar muito além da organização de espaços mais democráticos e participativos. É preciso, sobretudo, que o conjunto dos trabalhadores esteja articulado e movido pelos mesmos interesses e horizontes de transformação social, política e cultural, buscando o rompimento com um comportamento já introjetado.

Outro debate pertinente diz respeito ao enquadramento de *agentes ambientais* que parte da literatura dá aos catadores, alegando que os mesmos estariam prestando um serviço à sociedade.

Nas palavras do catador 04, ele diz que: “acredita que coletando está fazendo bem para as pessoas e para o meio ambiente”. Avaliando a justeza dessa afirmação, ela é muito mais a consequência que a causa da vida e da opção desses trabalhadores. Não raro, os mesmos catadores e separadores que utilizam esse argumento podem ser flagrados deixando material pelas ruas, especialmente o que para eles não é possuidor de valor.

O que pretendemos indicar é que por mais que alguns autores utilizem tal designação para esses trabalhadores, e até mesmo os próprios busquem se autodenominarem deste modo, as motivações que os levam ao ingresso nessa atividade estão longe de representar o seu “amor ao meio ambiente”, ou até mesmo à consciência de que o mundo precisa “ser limpo”. Estão sim, associados a fatores econômicos e de autoestima.

O objetivo da presente dissertação não se constitui em verificar as condições de ocorrência de tal afirmativa. Destacamos apenas como um dos elementos percebidos e que poderia resultar na continuidade de outros estudos em torno desse tema.

Também destacamos que o trabalho exercido na separação e na coleta, nas condições precárias em que o mesmo está estruturado, constitui-se em uma forma absolutamente marginalizada frente à organização do trabalho e ao desenvolvimento tecnológico existente na atualidade.

A contribuição que os EES podem trazer para o processo de transformação dessa realidade está associado há pelo menos quatro dimensões em que se articulam os fatores econômicos, sociais, educacionais e culturais, estruturados através de uma perspectiva diferenciada de educação para o trabalho e para o mundo, a partir da constituição da capacidade crítica de pensar a realidade social, da relação direta com a comunidade onde está inserido/localizado e da formação de um processo de organização do trabalho através da autogestão.

Somos produtos sociais de uma cultura da individualidade, consumismo e sobreposição de uns sobre os outros. E essas questões somente podem ser modificadas através de uma intensa relação de troca de saberes entre os

trabalhadores no seu trabalho, bem como na apropriação destes em relação ao produto e ao processo da atividade que eles realizam.

Entretanto, como os empreendimentos solidários são frutos das contradições da nossa sociedade e permanecem inseridos nela, os trabalhadores precisam exercitar de forma conjunta a superação da visão capitalista e alienada existente nesse cotidiano.

Como referido no texto, a grande maioria dos entrevistados frequentou por poucos anos os bancos escolares. Portanto, diante de certas questões que, para alguns, podem ser facilmente compreendidas, para outros, torna-se um longo e complexo processo.

Naturalmente, não é apenas a escola a responsável por esse processo de aprendizagem já mencionado. No entanto, os índices de baixa escolarização podem ser também apontados como elementos que distanciam esses trabalhadores da sua própria atividade, facilitando o processo de atomização e dependência em relação tanto ao poder público, como de atravessadores e outros agentes externos.

A divisão social capitalista estabelecida resulta em consequências como o afastamento dos trabalhadores, especialmente os mais pobres, dos espaços de cultura e educação na medida em que toda sua energia é despendida para a sua (na grande maioria) precária sobrevivência, visto os valores obtidos com a coleta (aproximadamente um salário mínimo).

Normalmente, os trabalhadores possuem longas jornadas de trabalho (mais de 8h diárias); associam sua atividade ao trabalho doméstico (principalmente as mulheres) e a “bicos” (construção civil, jardinagem, etc.); moram na periferia das cidades e em condições de difícil acesso em relação às áreas centrais; são vítimas do preconceito pela sua condição de trabalho, e também, pela sua condição social.

Todas essas questões contribuem para a marginalidade da atividade e indicam para o afastamento das possibilidades da organização política dos trabalhadores, assim como também, do seu autorreconhecimento no cotidiano do trabalho.

Assim, a questão evidenciada no presente texto em que o orientador do trabalho de catação da rua é o seu próprio comprador, justifica, em parte, a *estranha* engenharia das relações pedagógicas existentes nessa esfera. Se entendermos o trabalho enquanto princípio educativo e que esse princípio deve reverter, necessariamente, na melhoria das condições da vida e organização do trabalho, certamente essa melhoria não virá sob o jugo e orientação de quem vive da exploração dos trabalhadores<sup>33</sup>.

Por isso, a educação deve estar posta na perspectiva de *dar sentido* e apropriação do trabalho pelos próprios trabalhadores e fazemos das palavras de Lia Tiriba (2001), nosso desejo final:

Acreditamos que o atual desafio das relações sociais é a participação não apenas representativa, mas também direta, de todos os produtores na tomada de decisões básicas com respeito às organizações econômicas e à vida em sociedade: a autogestão consiste em que cada um possa constituir-se em senhor de si mesmo, de seu trabalho, como sujeito criador da história e construtor da nova ordem social, o que pressupõe uma relação estreita entre teoria e prática, entre o que-fazer no chão-da-produção e os fundamentos filosóficos e científicos-tecnológicos relativos ao mundo do trabalho (p.182).

---

<sup>33</sup> Os chamados “atravessadores”, embora objetivamente sobrevivam do trabalho dos catadores, reproduzindo a lógica de exploração do capital, na maioria dos casos também são vítimas do mesmo sistema, sendo que em geral também são periféricos ao sistema econômico e social, vivendo na periferia das cidades e com baixos rendimentos. Somente alguns conseguem estabelecer redes de comercialização e mudam de condição social.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. Mesa redonda: **Mercado informal, empregabilidade e cooperativismo: as transformações das relações de trabalho no mundo contemporâneo**. Disponível em:

<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/cpst/v2/v2a08.pdf> Acesso em 24 de Novembro de 2010.

\_\_\_\_\_. **Adeus ao Trabalho?** Ensaios sobre as Metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho. 10ª Edição: São Paulo Cortez Editora, 2005.

\_\_\_\_\_. **Os Sentidos do Trabalho**. Ensaios sobre afirmação e a negação do trabalho. 9ª reimpressão, São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

BAUER, Martin W. e George Gaskel. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um Manual Prático**. 7ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

**Cartilha de Formação** – MNCR. 2005 [http://www.mncr.org.br/box\\_2/formacao-e-conjuntura/catadores%20cartilha%20web.pdf](http://www.mncr.org.br/box_2/formacao-e-conjuntura/catadores%20cartilha%20web.pdf) Acesso em 15 de agosto de 2009.

COSTA, Fernanda Dalla. **Falta de coleta seletiva abre espaço para importação de lixo**. Disponível em:

<<http://www.revistasustentabilidade.com.br/s02/reciclagem/falta-de-coleta-seletiva-abre-espaco-para-importacao-de-lixo>> Acesso em 18 de agosto de 2009.

FLICKINGER, Hans-Georg. **A dinâmica do conceito de formação (Bildung) na atualidade** – Conferência realizada no III Seminário Internacional sobre Filosofia e Educação. Passo Fundo. 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 19ª edição. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança**; um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 5ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1980.

GONZÁLES, Jorge. Palestra proferida na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, 2007.

GRAMSCI, Antônio. Escritos Políticos. Vol I. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2004.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. 11ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

**Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares**. Disponível em: <http://www.itcp.coppe.ufrj.br> Consulta realizada em 19 de novembro de 2010.

LUKÁCS, Georg. **História e Consciência de Classe**. Estudos da Dialética Marxista. 2º Edição. Rio de Janeiro: Elfos Editora, 1989.

\_\_\_\_\_. **Ontologia Del Ser Social**: El Trabajo. Ediciones Herramienta, Buenos Aires, 2004.

MCLAREN, Peter e Ramin Farahmandpur. **Pedagogia Revolucionária na Globalização**, Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

MAGERA, Márcio. **Os Empresários do Lixo**: Um paradoxo da modernidade. 2º Edição. Campinas: Editora Átomo, 2005.

MARX, Karl. **A Questão Judaica**. São Paulo: Centauro, 2005

\_\_\_\_\_. Introdução à Contribuição para a Crítica da Economia Política. 1859  
<http://www.marxists.org/portugues/marx/1859/contcriteconpoli/introducao.htm>

\_\_\_\_\_. **O Capital**. Coleção Os economistas. Volume II. 2º Edição. São Paulo: Nova Cultural. 1985

\_\_\_\_\_. **Manuscritos Econômico - Filosóficos**. 1º Reimpressão. São Paulo: Editora Boitempo, 2006.

\_\_\_\_\_. **Trabalho Assalariado e Capital & Salário Preço e Lucro**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

MÉSZÁROS, István. **A Educação para Além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.

\_\_\_\_\_. **O Poder da Ideologia**. São Paulo: Boitempo, 2004.

\_\_\_\_\_. **Para Além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2002.

Minayo, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: HUCITEC – ABRASCO, 1992.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. Disponível em: [http://www.ines.gov.br/paginas/revista/A%20bordag%20\\_etnogr\\_para%20Monica.htm](http://www.ines.gov.br/paginas/revista/A%20bordag%20_etnogr_para%20Monica.htm) > Acesso em 20 de agosto de 2009.

NETO, Clemente de Souza, Roberto da Silva e Rogério Moura(Orgs.). **Pedagogia Social**. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2009.

SANDER, Cristiane, Rosalvo Schütz. **Interfaces da Pedagogia Social Alemã e Brasileira e seus desafios**. In Caleidoscópio: Temas de Educação e Filosofia. (Org.) Avelino da Rosa Oliveira, Gomercindo Ghiggi e Neiva Afonso Oliveira. Pelotas: Editora e Gráfica da UFPel, 2010.

ORGANISTA, José Henrique Carvalho. **O Debate sobre a Centralidade do Trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

RANIERI, Jesus. **A Câmara Escura**. Alienação e Estranhamento em Marx. São Paulo: Boitempo, 2001.

ROUSSEAU, Jean- Jacques. O Contrato Social, In **Coleção Os Pensadores** Vol I. São Paulo, Nova Cultural, 1997.

**Rede de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares**. Disponível em: [www.redeitcps.com.br](http://www.redeitcps.com.br). Consulta realizada em 19 de novembro de 2010.

SEVERO, Ricardo Gonçalves. **Catadores de Materiais Recicláveis da Cidade de Pelotas: Situação de Trabalho**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, UFPel, Pelotas, Inédito, 2008.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. 1º Edição, São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

STRECK, Danilo, Euclides Redin e Jaime José Zitkoski (Orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008

TIRIBA, Lia. **Economia Popular e Cultura do Trabalho**: Pedagogias da produção associada. Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2001.

\_\_\_\_\_. **Educação Popular e Pedagogia da Produção Associada**, 2007.

Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622007000100006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622007000100006&script=sci_arttext)> Acesso em 13 de julho de 2009.

ZANIN, Maria e Rafaela Francisconi Gutierrez(org.) **Economia Solidária: Tecnologias em Reciclagem de Resíduos para geração de Trabalho e Renda**.

Disponível em: <http://www.conaresol.ufscar.br/download/EbookFINAL.pdf> .  
Consulta realizada em 19 de março de 2010.

## **ANEXOS**

## **Roteiro de entrevistas**

1. Em que região da cidade você desenvolve sua a atividade de trabalho?
2. Há quanto tempo realiza o trabalho com a coleta e ou separação de resíduos sólidos?
3. Qual era a ocupação anterior e por que a abandonou?
4. Como acredita que é visto pela sociedade ou comunidade onde atua?
5. Como iniciou esse trabalho?
6. O que pensa sobre a sua atividade?
7. Como se vê na realização da coleta e separação?
8. Existe algum tipo de competitividade entre os trabalhadores?
9. Caso fosse possível, desejaria mudar de atividade? Porquê?
10. Como a educação está presente durante o teu trabalho?
11. Durante o trabalho como a coleta você sentiu a necessidade de voltar estudar ou buscou alguma forma de conhecimento daquilo que desenvolve?
12. Que significado tem a educação para você?
13. Descreva como você faz quando não sabe de algo e necessita aprender alguma coisa importante e para o teu trabalho?
14. Para você, existem diferenças entre o trabalho individual e o cooperativo? Por quê? Você gostaria de mudar a sua forma de trabalho? Por quê?
15. O que você acredita ter aprendido no desenvolvimento do teu trabalho?
16. Você acredita que o teu trabalho tenha algum sentido para outras pessoas? Qual?
17. Depois de ingressar na coleta você passou a ter relação com partidos políticos, Conselho de pais na escola, associação comunitária, grupo de mulheres, etc?
18. Você participa ou participou de alguma atividade política (partido, associação de bairro, Conselho de pais da Escola, etc). Se sim, por que razão passou a participar?
19. Você realiza algum processo de cooperação (ajuda) com outras pessoas que trabalham na mesma atividade?

20. Como resolve os problemas que encontra em situações desconhecidas como; não conhecer algum tipo de material, ter dúvidas em relação ao valor pago, legislação, etc?

21. Você costuma estudar e se informar no sentido de melhorar o seu trabalho. Que tipo de atividades realiza nesse sentido?

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**Termo de Consentimento Livre e Informado**

Eu, \_\_\_\_\_, RG n° \_\_\_\_\_, declaro que, de livre e espontânea vontade e de forma gratuita, aceito participar da pesquisa; **Os processos educativos no trabalho de coleta e separação de resíduos sólidos.** De autoria da pesquisadora, mestranda Solaine Gotardo, orientada pelo Prof. Dr. Avelino da Rosa Oliveira, que visa conhecer as práticas pedagógicas produzidas pelo trabalho dos catadores da cidade de Pelotas.

Autorizo, assim, o uso do conteúdo das informações dadas para que seja utilizado, parcial ou integralmente, sem restrições de prazos e citações a partir da presente data.

Caso não esteja de acordo com alguma pergunta da entrevista, poderei interrompê-la a qualquer momento que julgar necessário não sendo obrigado à respondê-la.

Declaro, portanto, que estou ciente e de acordo com os procedimentos da pesquisa, contribuindo para sua efetivação.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 200\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
entrevistado (a)

\_\_\_\_\_  
Solaine Gotardo  
(pesquisadora)